Crosby, Stills, Nash & Young • Ao vivo: Paul McCartney

SHOWBIZZ

EXEMPLAR DE ASSINANTE VENDA PROIBIDA

www.uol.com.br/showbizz

15 anos

Eles vão fazer o ano 2000

Madonna * U2 * Radiohead
Oasis * Smashing Pumpkins
Michael Jackson * Pearl Jam
+ as melhores bandas da nova geração

Redescobrimento na MTV
Música do Brasil mapeia os sons da nação

Reportagem especial
O primeiro show da Legião Urbana

R$ 5,00
5561/1
EDIÇÃO 175
ANO 15 Nº 2
FEVEREIRO 2000

Abril 2000

Lembra daqueles truques para segurar sua BIC?

Você vai precisar deles mais do que nunca.

Esferográfica Atlantis

Fita Corretiva Mini Pocket Mouse

Esferográfica Wide Body

Corretor BIC Aqua

Lapiseira Great Erase

Se uma BIC já dá trabalho para segurar, imagine uma linha que não pára de crescer. É que além da BIC Cristal®, a BIC tem BIC para todo mundo. Para a criançada, linhas de lápis e canetas. Para os mais crescidinhos, diferentes lapiseiras. Todas com borracha na cabeça. Para a moçadinha esperto, canetas esperlíssimas. Até para quem às vezes sai da linha, a BIC tem um produto certo. Os corretores líquidos e o superdivertido Mini Pocket Mouse. Quer saber? Nesta linha só falta mesmo algum tipo de barbante para proteger tudo isso dos amigos do alheio.

BIC

Todo mundo se amarra nesta linha.

Editorial&Sumário

Marujada em Alagoas: cena de *Música do Brasil*, que a MTV vai mostrar

Pedro Só

Cinco séculos após Cabral, ainda há um mundo a ser desvendado por aqui. Se você duvida é porque não viu cenas como a que presenciei ano passado, no Portal da Barra, cercanias de Maceió, Alagoas. Depois de comandar uma cantoria que lembrava "eu vim do mar de Lisboa" – rimando com Goa –, Mestre Isoldino, 82 anos, ex-estivador, líder de um fandango folclórico de marinheiros, respondeu: "Não sei esclarecer isso, não". A pergunta havia sido: "Quem descobriu o Brasil?" e partira de Hermano Vianna, idealizador, produtor e roteirista de *Música do Brasil*, um projeto genial de registro do riquíssimo universo de sons cantados, tocados e dançados em nosso país. Pois bem, essa monumental "brincadeira" que a partir de março vai virar série de programas na MTV, CDs, site e livro está devidamente apresentada pelo editor Emerson Gasperin aqui em SHOWBIZZ.

A matéria de capa deste mês adianta como serão alguns dos discos mais aguardados pelos leitores neste 2000. Conforme apuramos, o futuro chegou bem menos futurista do que se previa – e isso não necessariamente é ruim. Meus ouvidos, por exemplo, ainda coçam sempre que fico sabendo de um novo trabalho de Neil Young. Por isso, foi com certa inveja que editei aqui a entrevista que nosso homem na Califórnia, Daniel Oliveira, teve o privilégio de fazer com o genial canadense e seus camaradas Crosby, Stills e Nash.

Não deixe de ler também a segunda parte da série de reportagens especiais com a história do rock de Brasília, um trabalho primoroso de Carlos Marcelo (texto) e Anderson Schneider (imagens).

Aquele abraço,

Pedro Só

Parada da redação

Esta edição foi fechada ao som de...

Curtis Mayfield – Discografia Completa
Nossa homenagem ao gênio que nos deixou horas e horas de música boa e desanuviou nosso fechamento.

Fountains Of Wayne – Utopia Pkwy
Segundo disco da dupla nova-iorquina que saiu em 1999 (só lá fora). Rock pop para passar o dia assoviando o refrão.

Los Amigos Invisibles – The New Sounds Of Venezuelan Gozadera
Lançado em 1997, este disco da banda venezuelana impressionou a imprensa americana com seus grooves (funk, disco, bossa nova, salsa) à sul-americana.

Velha Guarda Da Mangueira
Um registro histórico do selo Nikita que reúne sambas clássicos, porém, jamais gravados, na voz de bambas como Xangô Da Mangueira, Jurandir, Nelson Sargento e Guilherme De Brito.

Da esq. para a dir., 1) Billy Corgan (Smashing Pumpkins), 2) Madonna, 3) Bono Vox (U2), 4) Noel Gallagher (Oasis) e 5) Eddie Vedder (Pearl Jam) : música e carisma que chegam intactos ao ano 2000

1 Reina / 2 London Features / 3 Dirt Retail PH Pepper / 4 Spa Press / 5 Reina

20 Um 2000 nada futurista
Nos discos mais esperados do ano, a emoção e a espontaneidade valem mais que a tecnologia

28 Música do Brasil
Um projeto espetacular mapeia todos os sons, de norte a sul do país

36 Crosby, Stills, Nash & Young
O verdadeiro quarteto fantástico voltou com boa música e seus velhos e bons valores

40 Brasília, capital do rock – Parte 2
A segunda reportagem da série: Como os punks do Planalto Central se organizaram

48 Barão desencapado
Oportunismo? Com Frejat e sua turma, disco ao vivo não tem disso

sempre em showbizz

8 CARTAS

10 SHOWBIZZ RESPONDE
Por onde anda o Hootie & the Blowfish; ficha do Marillion

12 BIZZES
Os novos VJs da MTV, a volta do Arrested Development; os indicados ao Grammy; a música sem Curtis Mayfield

54 DEMOCRACIA
Butcher's Orchestra; Monokini

59 CRÍTICA
O novo Oasis, Marilyn Manson ao vivo, George Michael soft, overdose de Chico Buarque, o baú de Sinatra

70 AO VIVO
Paul McCartney em Liverpool, Oasis de pilha nova, John Cale e Marianne Faithfull no Brasil

78 TESTE
Você tem cocar para festivais de rock?

79 LETRA TRADUZIDA
"King Of Pain", clássico do Police, regravado por Alanis

80 PARADA SHOWBIZZ
Santana e os ex-Nativus galgam posições

81 ENTRE LEITORES
Troca-troca entre fãs de Bowie, Duran Duran, Beavis & Butt-head

82 DISCOTECA BÁSICA
Tres Hombres, do ZZ Top

Toda a magia do Reggae.

Bob Marley, Peter Tosh, Jimmy Cliff, Cidade Negra e outros gênios, reunidos em uma edição histórica de SHOWBIZZ. Nas bancas.

UOL

CD GRÁTIS!

faixas exclusivas!
sepultura
e
drugstore

dog eat dog
soulfly
tin star
sepultura
fear factory & gary numan
jesse camp
simon says
six by seven
buffalo tom
machine head
sprung monkey
the cramps

Lançamento

nosso de cada dia

BRASIL 2000 107,3

preços promocionais Saraiva MEGA STORE

ROADRUNNER RECORDS

ROADRUNNER BRASIL TEL> (011) 5507-4937 FAX> (011) 5507-4938

www.mtv.com.br

Barão Vermelho na intimidade.

Balada MTV

CD já nas lojas. wea

Cartas

Punk sempre vivo

Que presentaço no número de janeiro, iniciando 2000 acertando na mosca! O CD *Rockmotor (punk hardcore skate rock)* foi o melhor presente que nenhuma outra revista jamais deu aos leitores. Não só para os fãs e iniciados no gênero, mas para quem quer que se considere roqueiro. Dezessete faixas, uma de cada banda, todas ótimas. Como diz a banda Frenzal Rhomb: "Never Had So Much Fun". Comprei vários exemplares da SHOWBIZZ para dar de presente e, além do exemplar de uso – o CD não pára de tocar –, guardo um como item de colecionador, dentro do celofane e tudo. Esse disco coincide com o que eu chamo de *boom* da *HC scene* (cena hardcore) e o novo impulso punk. Não só no mundo, mas no Brasil. Especialmente em São Paulo, onde vivo e freqüento os shows. Que tal uma grande matéria sobre o assunto? O momento está muito excitante e há uma vasta legião de convertidos em todo o país. Os shows, as bandas, desde a excelente nova safra – Blind Pigs, Holly Tree, Flicts, Zumbis Do Espaço, Underboyz, Food 4 Life, Homesick, Excambau, Chutamontes, Pin Ups, Garage Fuzz, Virtude Zero, Enid Of Dread, Kaktus Erectus etc. – até as da geração primeira – Olho Seco vem de uma excursão pela Europa (Alemanha, Áustria, Holanda, Dinamarca); o Cólera está celebrando 20 anos de função, Invasores De Cérebros tocando até em acampamento do MST –, a Ópera Punk levada em cena no Teatro Municipal de Santo André (iniciativa do Motim Punk), as noites no Hangar 110 e muito, muito mais. É um dos pontos altos da hora foi, repito, o presentaço da SHOWBIZZ brindando o Brasil com o CD *Rockmotor* (parabéns também à Motor Music e à Fat Wreck Chords). O número inteiro da revista de janeiro está excelente. Fazia tempo que eu não a lia. Os textos e matérias estão ótimos. Os 15 anos do Rock in Rio ... estive lá dentro, como diretor de Rita Lee, hospedado no hotel Copacabana Palace, onde estavam Queen, Iron Maiden, B-52's e Whitesnake. Abraço forte a todos. Infinitamente grato,

Antonio Bivar, São Paulo – SP

Frenzal Rhomb: banda incluída no CD *Rockmotor*, que fez a alegria de nosso ilustre leitor Antonio Bivar

Divulgação

Ficamos enormemente lisonjeados com o e-mail que o produtor cultural Antônio Bivar nos enviou. Ele foi um dos principais agitadores da cena punk e new wave brasileira no início dos anos 80. Seu seminal livro O que É Punk *(Coleção Primeiros Passos, Ed. Brasiliense), fundamental para a divulgação do movimento no Brasil, fez a cabeça de várias gerações. Antonio, seu e-mail foi um presentaço para nós também.*

Quase 100 cartas chegaram em repúdio aos comentários dos leitores Nelson Maia Netto e Fabiana Freitas Gomes, que questionavam a qualidade das letras de Renato Russo e das músicas da Legião Urbana na seção Cartas da SHOWBIZZ de dezembro. Em menor número, chegaram protestos relativos à superexposição de Russo em nossas páginas.

Defesa russa

A Legião Urbana é realmente composta por instrumentistas medíocres. Não poderia ser diferente, uma vez que ela surgiu como banda punk (já imaginaram um solo à David Gilmour perdido no meio de uma música punk?). Mas pare para ouvir "Quase Sem Querer", do álbum *Dois*. Especialmente o instrumental. Os Paralamas e os Titãs têm letras primárias? Na minha modesta opinião, a letra de "Comida", dos Titãs, não deve nada a de "Money", de Roger Waters, citado na carta deles como um poeta de verdade (e realmente é). E dizer que "nas favelas, no Senado, sujeira pra todo lado/ ninguém respeita a Constituição/ mas todos acreditam no futuro da nação" é um discurso pomposo, oco e demagógico me parece alienação e ignorância dos leitores que escreveram isso.

Cássio Vogel Domeles – Porto Alegre, RS

É um erro gravíssimo dizer que, por causa dos "discursos pomposos, ocos e demagógicos", a Legião Urbana é querida pela "juventude ignorante, inculta e alienada". Quem escreveu isso não compreendeu ainda o verdadeiro significado das letras do sr. Renato Manfredini Júnior. Nelson e Fabiana quiseram atrair os holofotes para si próprios com difamações.

Filino Carvalho Neto – São Paulo, SP

Último round

Sobre as sérias acusações feitas por Lobão à rádio 89 e a mim, sugerimos que as faça formalmente na Justiça e não na seção Cartas da SHOWBIZZ. Gostaria de lembrar que essa discussão começou quando o artista disse, em entrevista à revista, que a 89 não teria tocado o CD *Noite* só porque Lobão falou mal do rock. Isso é mentira. Agora, diante da real razão exposta por mim, que questionava a qualidade de sua música, o cantor alega um novo motivo que justificaria a não inclusão de seu trabalho em nossa programação. Outra mentira. Afinal, quando é que Lobão vai falar a verdade? É mais fácil sair por aí vociferando contra o "sistema" e contra outros artistas, que reconhecer o declínio da qualidade de seu trabalho, comprovado pelo público, que não comparece aos seus shows, como ele mesmo disse em vários programas de TV, entre os quais, o *Jô Soares Onze e Meia*. Polemizar é a manjada estratégia, largamente utilizada por ele, para estar sempre na mídia. Pretende, agora, responsabilizar a 89 pelo seu fracasso e encontrou lugar nas páginas de uma importante revista especializada em música para se promover.

Luiz Alper, diretor artístico – São Paulo, SP

SHOWBIZZ decreta encerrada a polêmica 89 x Lobão. Ao tomar conhecimento da carta de Alper, Lobão, que estima ter vendido 38 mil cópias nos dois primeiros meses em que seu CD A Vida É Doce *ficou nas bancas, disse: "Estou muito bem de público e nunca fiz tanto show quanto em 1999. Na crítica especializada, há um consenso de que meus últimos três discos são os melhores de minha carreira".*

Reis das rodinhas

Como vocês puderam chamar o Queen de banda meio decadente na matéria do Rock in Rio *(edição de janeiro)*? Naquela ocasião, "I Want To Break Free" e "Radio Ga Ga" estavam explodindo. O fã-clube nacional está em rebuliço. Que título foi aquele: "O preconceito dói"? O Queen é uma das maiores bandas de rock do planeta, que freqüenta tanto rodinhas heavy quanto pop.

Leonardo Diniz – São Paulo, SP

Preconceitos à parte, nós, da Redação, também achamos o Queen uma p••• banda!

Correções:

• O CD *Austin Powers Original Soundtrack* está saindo no Brasil pela primeira vez. Não é reedição, como indicava a resenha na SHOWBIZZ de janeiro, pág. 63.

• Como apontou o leitor Wesley Moreira (DF), faltaram alguns CDs nas discografias de Smiths e Morrissey (edição de dezembro). Smiths: *The World Won't Listen (1987)*. Morrissey: *Beethoven Was Deaf (1993)*; *The Best Of Morrissey (1997)*.

• O disco *The Best Of James* nunca saiu no Brasil e The Auteurs continua na ativa (em 1999, lançou até *How I Learned To Love The Bootboys*), diferentemente do publicado no "Responde" da edição 172.

COMO CONTATAR SHOWBIZZ

REDAÇÃO
Cartas e e-mails devem trazer nome completo e endereço do leitor

Seção CARTAS
Comentários sobre o conteúdo editorial de SHOWBIZZ

SHOWBIZZ RESPONDE
Perguntas, dúvidas, discografias...

ENTRE LEITORES
Fãs-clubes, trocas, vendas e correspondência

E-mail:
showbizz.atleitor@email.abril.com.br
Internet:
www.uol.com.br/showbizz
Correio:
Caixa Postal 66157
CEP 05315-970
São Paulo, SP
Fax: (0_ _11) 3037-4909

ASSINATURAS
Pedidos ou reclamações, mudança de endereço

E-mail:
abrilsac@email.abril.com.br
Tel.: (0_ _11) 3990-2112
(Grande São Paulo)
0800-55-2112 *(Outras Cidades)*
Fax: (0_ _11) 3990-2100
(de segunda a sexta-feira, das 8 às 20 horas)

EDIÇÕES ANTERIORES
Mediante disponibilidade de estoque (de segunda a sexta-feira, das 8 às 22 horas)

E-mail:
abril.na@email.abril.com.br
Tel.: (0_ _11) 3990-2200
Fax: (0_ _11) 3990-2233

PUBLICIDADE
Tels.: (0_ _11) 3037-6860 e 3037-4281
Fax: (0_ _11) 3037-4909
Internet: www.publiabril.com.br

EDITORA Abril
Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: Roberto Civita
Vice-Presidente e Diretor Editorial: Thomaz Souto Corrêa
Vice-Presidente e Executivo: Luiz Gabriel Rico
Vice-Presidente de Operações: Gilberto Fischel

Diretor de Desenvolvimento Editorial: Celso Nucci Filho
Diretor de Planejamento e Controle: Celso Tomanik
Diretor de Recursos Humanos: Marcel Caig
Secretário Editorial: Eugênio Bucci
Diretor de Serviços Editoriais: Henri Kobata
Diretor de Publicidade: Nicolino Spina
Diretor Editorial Assinado: Ricardo A Setti

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran
Redator Chefe: Pedro Só
Editores: Emerson Gasperin e Toninho Spessoto
Repórter: Andrea Estevam
Editor de Arte: Rodolpho Vasconcellos
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula F. Moreira Santos
Colaboraram nesta edição: (Texto) André Luiz Fiori, Ayrton Mugnaini Jr., Carlos Eduardo Oliveira, Carlos Marcelo, Celso Pucci, César Carpanez, Daniel Oliveira, Hagamenon Brito, Jaime Biaggio, José Flavio Júnior, Luciano Vianna, Marcel Plasse, Marcelo Ferla, Márcio Pinheiro, Marcos Filippi, Sérgio Martins, Tatiana Ivanovici, Valeria Rossi (Arte) Graziella Iacocca, Maria Marta Teixeira (Fotos) Alex Silveira, Anderson Shnider, Marcelo Ximenes, Moira Seadon, Sora Maia (Ilustração) Carvall, Douglas Braga, Felix Reiners, Milton Trajano (Revisão) Jorge Cotrin

Apoio Editorial
Depto. de Documentação: Susana Camargo
Abril Press: José Carlos Augusto
Nova York: Grace de Souza
Paris: Pedro de Souza
Rio de Janeiro: Débora Chaves

Publicidade
Diretor de Publicidade: Moacyr Guimarães
Executiva de Conta: Márcia Regina Braga
Marketing
Gerente de Produto e Promoção: André Felipe D'Amato
Assistente de Produto: Fernando Euzébio dos Santos

Recursos Humanos
Diretor de RH: Marcio Ogliara
Planejamento e Controle
Gerente de Planejamento e Controle: Aoto Luis de Iasi

Assinaturas
Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor: Lidia Colavitti
Diretor de Vendas: William Pereira
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgar P. Tostes
Diretor de Publicidade Regional: Jacques Ricardo
Diretor Escritório Rio de Janeiro: Paulo Renato Simões

Abril

Presidência
Roberto Civita, *Presidente e Editor*,
José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa,
Vice-Presidentes Executivos

Vice-Presidentes:
Geraldo Nogueira de Aguiar,
Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal,
Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald
www.abril.com.br

Escreva para SHOWBIZZ RESPONDE:
Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo - SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

Discografias, fichas biográficas, dúvidas...

Acústicos sem disco

Gostaria que vocês publicassem a discografia do Soul Asylum e me informassem em quais álbuns estão as músicas "Misery", "Runaway Train" e "I Will Still Be Laughing". Também queria saber se o acústico do Bon Jovi saiu em CD, pois já vi trechos do programa na MTV e li que eles foram uma das primeiras bandas a inaugurar o formato *unplugged*, mas esse disco nunca apareceu em discografias.

Tatiana Linhares – Itatiba, SP

Nem todos os artistas que participaram do programa *Acústico MTV* registraram a apresentação em disco, Tatiana. São os casos de Bon Jovi (que também gravou um agradável show acústico-solo no Rio de Janeiro em 1998, exibido pelo Multishow), Aerosmith, Cranberries, João Bosco e até do Soul Asylum. Vamos à discografia do quarteto de Minneapolis: *Say What You Will... EP* (1984); *Made To Be Broken* (1986); *While You Were Out* (1986); *Hang Time* (1988); *Clam Dip & Other Delights EP* (1988); *Say What You Will, Clarence... Karl Sold The Truck* (1989); *And The Horse They Rode In On* (1990); *Grave Dancers Union* (1992); *Runaway Train EP* (1993); *Let Your Dim Light Shine* (1995); *Candy From A Stranger* (1998). Originalmente, "Runaway Train" aparece no disco de 92; "Misery", no disco de 95; e "I Will Still Be Laughing", no mais recente.

Fora da ordem

Há um tempo, vi um videoclipe da dupla The Other Two. Não sei o nome da música. Só sei que são dois integrantes do New Order. Queria saber o nome dos discos e o que aconteceu com eles, já que o Monaco *(projeto de outro membro do New Order, o baixista Peter Hook)* teve maior exposição na mídia.

Glória Santana – Rio de Janeiro, RJ

Ironicamente, a tecladista Gillian Gilbert e o baterista Stephen Morris batizaram o projeto paralelo deles de "Os Outros Dois", por terem consciência de que são os integrantes menos badalados do New Order. Bernard Sumner conseguiu sucesso com o Electronic, o Monaco de Hook também vingou e o duo restante lançou *The Other Two & You*, único álbum, de 1993, sob o ótimo nome. O clipe que você viu pode ter sido o de "Tasty Fish", "Selfish" ou "Innocence", seus três singles.

Marillion com Hogarth *(no centro)*

Hoje, Fish nada só

Fotos divulgação

Ficha: MARILLION

A pedido do leitor **Daniel Gomes Ferreira** – Lorena, SP

Importância

O grupo inglês Marillion emergiu em meio a um pequeno *revival* do rock progressivo (ou art rock) no começo dos anos 80. Fish foi o vocalista e compositor do grupo até partir para uma cultuada carreira-solo, em 1987. O álbum (conceitual) de estréia, *Script For A Jester's Tear* (1983), retrabalhava bem influências de Genesis, Pink Floyd e Van Der Graaf Generator. No excelente LP seguinte, *Fugazi* (1984), a banda teve êxito com canções em formatos mais próximos do pop, atingindo um nível altíssimo no trabalho seguinte, *Misplaced Childhood* (1985). As baladas "Kayleigh" e "Lavender", partes independentes de uma elaborada e emocionante suíte, já bastariam para consagrar o Marillion. Apesar de só haver repetido o sucesso muito depois, com "Beautiful", e um novo vocalista, Steve Hogarth, muito bem aceito pelos fãs (coisa rara no rock), a banda segue firme e relevante.

Biografia

Inicialmente batizado de Silmarillion (nome de um livro de J.R. Tolkien, autor de *O Senhor dos Anéis*), o grupo de Steve Rothery (guitarra), Mark Kelly (teclado), Pete Trewavas (baixo) e Ian Moseley (bateria) começou com uma formação quase toda diferente (só Rothery estava desde o princípio), lançando a música instrumental "The Web" em 1978. A entrada do escocês Fish aconteceu logo em seguida. Infelizmente, depois do fracasso de vendas de *Clutching At Straws* (1987), os integrantes entraram em conflito e Fish, vivendo problemas com bebida, foi nadar em outros líquidos. Para substituí-lo, Rothery & Cia. precisaram de dois sujeitos: Steve Hogarth, boa voz e presença de palco, e o letrista John Helmer. Atualmente o grupo segue fazendo turnês muito prestigiadas (e, num caso recente, nos EUA, até financiadas) pelos fãs. Fish, mesmo fora dos holofotes da mídia, também desenvolveu uma carreira sólida.

Discografia

Marillion: *Script For A Jester's Tear* (1983); *Fugazi* (1984); *Real To Reel* (1984); *Misplaced Childhood* (1985); *Brief Encounter* (1986); *Clutching At Straws* (1987); *B-Sides Themselves* (1988); *The Thieving Magpie (La Gazza Ladra)* (1988); *Season's End* (1989); *Holidays In Eden* (1991); *A Singles Collection*, 1982-1992 (1992); *Brave* (1994); *Afraid Of Sunlight* (1995); *Made Again* (1996); *Kayleigh/A Singles Collection* (1996); *Best Of Both Words* (1997); *This Strange Engine* (1997); *Tales From The Engine Room* (1998); *Radiation* (1998); *marillion.com* (1999).

Cabeça ruim

Gostaria que vocês publicassem informações e a discografia da banda Bad Brains. Indiquem em qual disco está a música "Gene Machine", regravada pelo Sepultura em *Against*.

Sergio Roberto Corrêa – São Paulo, SP

Quarteto seminal para o surgimento do hardcore nos Estados Unidos, o Bad Brains está na estrada desde o início dos anos 80, utilizando elementos do reggae e perpetrando ensinamentos de Jah em suas letras. Recentemente, a banda de Washington DC formada por H.R. (vocal), Dr. Known (guitarra), Earl Hudson (bateria) e Darryl Jenifer (baixo) mudou seu nome para Soul Brains, alegando que o Bad trazia negatividade à carreira. Álbuns: *Bad Brains* (1982); *Bad Brains EP* (1982); *I And I Survive EP* (1982); *Rock For Light* (1983); *I Against I* (1986); *Live* (1988); *Attitude: The ROIR Sessions* (1989); *Quickness* (1989); *The Youth Are Getting Restless* (1990); *Spirit Electricity* (1991); *Rise* (1993); *God Of Love* (1995); *Black Dots* (1996); *Omega Sessions EP* (1997). A faixa "Gene Machine/Don't Bother Me" aparece no clássico *Quickness*.

O mito e o mutante

Em qual disco está a música "State Of Shock" gravada no início dos anos 80 com Mick Jagger e Michael Jackson nos vocais?

Marcos Félix – São Paulo, SP

A música está registrada no disco *Victory*, dos Jacksons. O álbum, que saiu em 1984, é o último registro de Michael Jackson ao lado dos irmãos.

Peixe vivo

Vocês podem me dizer de onde é a banda Hootie & The Blowfish e se eles continuam tocando?

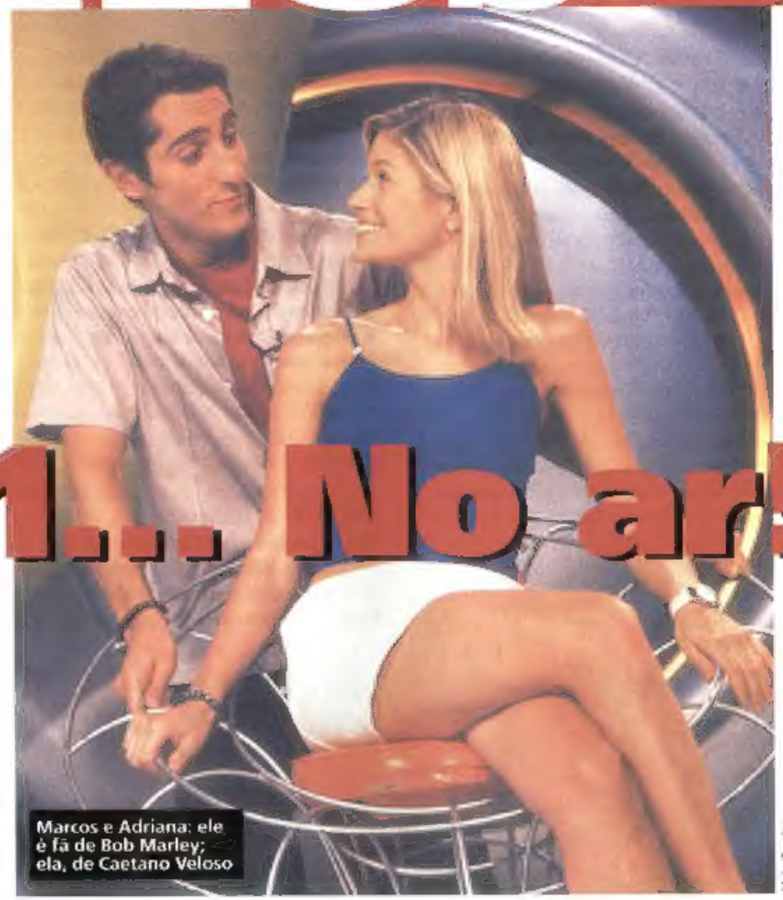
Fernanda Souza – São Paulo, SP

Fotos: Frederico Rozário/Divulgação

O Hootie & The Blowfish é natural de Columbia, cidade da Carolina do Sul (EUA). Atualmente, depois do fracasso do último e bom álbum *Musical Chairs* e de uma longa turnê, o vocalista da banda, Darius Rucker, está preparando um trabalho-solo. Mas a banda não acabou.

Bizzes

Enquanto ela aprendia as artimanhas do marketing, ele encarava textos de Platão e Sófocles. Enquanto ele fazia o papel de judeu bonzinho no programa televisivo *Sandy & Júnior*, ela entrevistava famosos no agora extinto *TV Fama*, da Rede Vida. "Nossas histórias são tão diferentes e, ainda assim, confluentes. É louco, não?", pergunta Adriana Wagner, a Didi, 24 anos, a Marcos Mion, 20. As diferenças entre os novos VJs da MTV não páram por aí, como a nossa reportagem pôde comprovar num encontro com os dois.



Marcos e Adriana: ele é fã de Bob Marley; ela, de Caetano Veloso

Mona Breitbart

3, 2, 1... No ar!

Como vocês viraram VJs?

Marcos: Cursei dois anos de Filosofia e depois comecei a estudar teatro. Protagonizei "Antígone", do Sófocles, quando tinha 19 anos. Recebi críticas muito positivas e por causa da peça fui para a Globo, onde fazia o *Sandy & Júnior*, meu primeiro trabalho na TV. Fiz o teste na MTV há dois anos. Foi ótimo, mas não estavam precisando de VJ na época. Antes de renovar meu contrato com a Globo, liguei para cá e eles me chamaram.

Didi: Sou modelo desde 1991. Me formei em Comunicação Social, fiz estágio em agência e trabalhei numa assessoria de imprensa voltada só para moda. Em 97 fiz um *Al Dente*, programa apresentado por modelos. Foi tão legal que na semana seguinte me chamaram para o *Gordo Pop Show*. Adorei. Fiz um curso de locução para TV, depois fiz o teste. Quando eles me ligaram, dei uma de profissional, falei que estava muito feliz, mas meio fria. Desliguei o telefone e tive um ataque...

Como foi o seu primeiro dia na MTV?

Marcos: Na hora que ouvi aquele "3 ,2, 1, no ar!", foi um orgasmo dos deuses. Não acreditava que estava ali, ao vivo. Meu primeiro bloco foi engraçadíssimo: falei quem eu era, o que queria, meu RG, CIC, o que eu gosto de comer, não parei de falar (*risos*).

Didi: Achei que estaria muito mais nervosa do que realmente fiquei. Enfiei na cabeça que não tinha de ser espetacular naquele primeiro dia e entrei no ar pensando em ser o mais natural possível. Eles têm dito que a gente está melhorando, mas eu fico mais nervosa a cada dia.

Quais suas bandas favoritas?

Marcos: Gosto de black music: Bob Marley, Marvin Gaye, KC & The Sunshine Band, Arrested Development. E Tim Maia, lógico! Mas Marley é meu predileto. Compro todos os CDs dele que cruzo pela frente, piratas ou não.

Didi: Curto MPB: Djavan, Caetano, Gil. Gosto de Sugar Ray, Lauryn Hill, Lenny Kravitz, George Michael, Beatles, Elvis, Titãs, Paralamas.

Sem tirar da reta: qual a música que vocês não suportam?

Marcos: "Heloísa, Mexe A Cadeira", do Vinny. Eu mudo a rádio, saio do lugar, não agüento.

Didi: Não suporto as músicas do Tiririca.

Qual foi o último disco que vocês compraram?

Marcos: *Chants Down Babylon*, de Bob Marley, e *Gospel*, de Curtis Mayfield.

Didi: *Lado B Lado A*, do Rappa, e o acústico da Alanis.

Nesses primeiros dias de programa ao vivo, rolou alguma mancada?

Marcos: Outro dia eu estava falando de vários artistas e já entrando a imagem de quem eu citava. Na hora em que eu comecei a falar do Raimundos, não entrou a imagem, tive que dar uma enrolada e, sem perceber, fui me afundando na cadeira. Acabei quase no chão.

Didi: Fui anunciar o *Balada MTV* com o Barão Vermelho e falei "Balão MTV" (*risos*). Outro dia, eu estava anunciando um quadro novo do *Quiz* que se chama "Qual É o Artista", e anunciei "Qual É a Música"...

Andréa Estevam

Sempre Bon

Bon Scott, a prova definitiva de que um motorista pode virar um rockstar

Os sinos do inferno dobram para lembrar os 20 anos da morte de uma das figuras que melhor personifica o rock'n'roll em toda a sua história. Em 19 de fevereiro de 1980, Ronald Belford Scott tomou umas doses a mais (certamente não foram duas ou três) e entrou para a nobre linhagem dos sufocados pelo próprio vômito, estrelada por Jimi Hendrix – e pouco depois por John Bonzo Bonham (Led Zeppelin).

Nascido na Escócia, ele emigrou com a família para Perth, na Austrália, aos 5 anos, e logo enfrentou dificuldades: os novos amiguinhos da escola disseram que o encheriam de porrada se ele não mudasse o sotaque (do escocês para o australiano são quase duas línguas diferentes) em uma semana. Foi aí que ele fez questão de manter a maneira de falar de seus ancestrais. Então veio o apelido, irônico: Bonny Scott, ou o Escocês Amável.

De motorista da banda formado pelos irmãos Angus e Malcolm Young ele se tornou a voz e a cara do AC/DC em clássicos como "The Jack", "Whole Lotta Rosie" e "Jailbreak" e os ajudou a conquistar o mundo. Foi ele quem chamou a atenção dos manes para Brian Johnson, então cantor da banda Geordie, que acabaria em seu lugar. "Ele grita como um maluco", comentou com Angus. Só não sabia que o rapaz tinha apendicite. De histórias como essas (só mais uma: certa vez ele, sem mais o que fazer, viu que um integrante da equipe técnica tinha um alfinete de segurança e resolveu furar as próprias orelhas) sua curta vida – morreu com 33 anos – está cheia. Ninguém melhor do que Bon Scott para nos provar que o inferno, afinal, não é um mau lugar para estar.

Reprodução

Calça arriada

O primeiro número do ano da toda-poderosa revista *Rolling Stone*, a grife mais famosa da imprensa musical, trouxe os melhores de 1999 na opinião de seus leitores – e os vencedores foram... Backstreet Boys!!! O irreverente quinteto, capaz de arrebanhar hordas de fãs ultra-radicais, simplesmente ficou com os prêmios de melhor álbum (*Millenium*), melhor single ("I Want It That Way"), melhor banda, artista do ano, melhor turnê, melhor clipe ("Larger Than Life"), melhor capa de disco, artista mais bem vestido, sensação do ano e melhor site de fã. E nós aqui pensando que éramos manés...

Santana na reta do Grammy

Santana é o recordista de indicações para o Grammy deste ano. O guitarrista concorre com o CD *Supernatural* ao gramofone dourado em dez categorias, entre elas as de melhor álbum e canção – "Smooth", com participação de Rob Thomas, da banda Matchbox 20. Outros artistas com várias indicações são o trio feminino de r&b TLC (seis), a veterana banda country Asleep At The Wheel (cinco), Backstreet Boys, Dixie Chicks, Emmylou Harris, Gloria Estefan, Whitney Houston e a grande vencedora do ano passado, Lauryn Hill, com quatro cada um. O Brasil concorre novamente em duas categorias: Caetano Veloso foi indicado ao Grammy de world music pelo álbum *Livro* e Dori Caymmi para o melhor arranjo instrumental pela canção "Pink Panther", do CD *Cinema: A Romantic Vision*. Mas o bicho pega mesmo para a escolha do melhor cantor pop, na qual concorrem figuras tão disparatadas como Ricky Martin, Andrea Bocelli e Lou Bega. Confusão maior deve rolar no quesito disco do ano, a ser decidido entre Backstreet Boys, Cher, Ricky Martin, Santana e TLC.. A 42ª cerimônia de entrega do Grammy será realizada no dia 23 de fevereiro em Los Angeles, com transmissão ao vivo para o Brasil pelo canal a cabo TNT.

Ilustração Carmela

O último vôo do Superfly

No dia 26 de dezembro do ano passado, a soul music ganhou motivos de sobra para se lamentar. Nesse dia, o cantor, compositor e guitarrista Curtis Mayfield, uma das figuras-chave da música negra, morreu em decorrência de complicações causadas por diabetes – a mesma doença que, em 1998, causou a amputação de sua perna e o impediu de comparecer à cerimônia de inclusão de seu nome no Rock and Roll Hall of Fame.

Curtis pode ter perdido esta, mas no Hall of Fame dos apreciadores da boa música ele já estava há muito tempo. Seu funk-soul movido a falsetes inigualáveis embalou os anos 60 à frente do Impressions e, depois, em carreira-solo a partir de 1968. Curtis deixava de ser apenas um belo cantor para se transformar em crítico da sociedade e em um dos primeiros artistas negros a ter controle total sobre sua produção.

Curtis Mayfield (1942-1999): revolução sem perder a ternura

Fundou a gravadora Curtom e, em vez dos três minutos regulamentares do soul da época, investiu em uma música com instrumentais maiores e mais sofisticados – basta escutar a canção que abre o primeiro disco-solo do cantor, "(Don't Worry) If There's A Hell Below, We're All Gonna Go". Ao mesmo tempo em que incrementava seu som, ele também criava letras que mais pareciam manifestos políticos, mas sem perder a ternura.

O auge veio em 1972, com *Superfly*, a trilha sonora do filme homônimo, na onda blaxploitation (subgênero cinematográfico com temáticas e protagonistas negros). O disco é considerado um marco na história da black music por aliar consciência social com uma elegância musical jamais ouvida.

Curtis tomou gosto pela coisa e seguiu a década produzindo música para cinema, até que nos anos 80 sua carreira entrou em declínio. Em 1990, foi atingido por uma torre de luz e ficou tetraplégico. Nessa condição, gravou *New World Order*, em 1996, um disco muito mais suave que seus trabalhos anteriores, mas que ainda mantinha os dois apelos básicos de toda a sua obra: depois de escutar, você não sabe se inicia um romance ou uma revolução.

Curta Curtis

Três álbuns que dão uma boa noção da excelência do mestre...

Curtis – Estréia em grande estilo, com o soul que fazia nos Impressions em estado mais refinado, como se Curtis estivesse com um ouvido no estúdio e outro nas ruas da América. Clássicos: "(Don't Worry) If There's A Hell Below, We're All Gonna Go", "Move On Up", "We The People Who Are Darker Than Blue".

Live! – Guitarra, bongôs, baixo e bateria. Curtis não precisava mais do que essa banda econômica para entreter a audiência. Neste que é seu segundo disco, hits da estréia dividem espaço com gemas do tempo do Impressions. Clássicos: "People Get Ready", "I Plan To Stay A Believer", "The Makings Of You".

Superfly – Obrigatório. Fundamental. Básico. A obra-prima de Curtis reúne todo o soul que ele já vinha penteando há tempos com percussão latina, guitarras pungentes e melodias vocais inesquecíveis. Não à toa, vendeu 4 milhões de cópias nos Estados Unidos. Clássicos: todas as músicas.

DJ Alamo, Lord Jamar e Sadat X *(da esq. para a dir.)*: educação, autoconhecimento e liberdade para os manos

Experts em racismo

O quarteto nova-iorquino Brand Nubian pisou em São Paulo para fazer o show que encerrou o evento Melhores do Rap 99, em dezembro. Com quase uma década de carreira, o grupo é peça fundamental do hip-hop. Ao lado de nomes como A Tribe Called Quest, ajudou a abrir espaço para o rap sem bandidagem, preocupado com temas de conscientização. O último disco, *Foundation*, marcou a volta da formação original, que não trabalhava junta desde *One For All*, álbum de estréia, de 1991 (considerado um dos dez melhores discos da década pela revista especializada *Vibe*). Atualmente preparando um novo CD, Lord Jamar, Sadat X e o DJ Alamo falaram sobre racismo no Brasil e nos EUA.

Vocês têm uma ideologia?
A nossa ideologia é educação para os negros do mundo todo, autoconhecimento e liberdade (*eles seguem a Nation Of Islam, organização que prega o separatismo racial*).

Quem vocês admiram na nova geração do rap?
Mos Def, Black Star e The Roots. Eles representam mudanças musicais.

Vocês notaram diferenças entre o racismo do Brasil e o dos EUA?
A gente está há pouco tempo aqui, mas somos experts nesse assunto. Dá pra sentir e ver certas coisas. Aconteceu uma parada aqui no Brasil (*risos*)... O Geo – produtor do grupo – estava saindo de trás de uma árvore, quando uma velhinha que estava passando na rua deu um pulo de susto.

Que qualidades um rapper deve ter?
Em primeiro lugar, inteligência. O mano tem de ter presença, voz e ser um malandro esperto.
Tatiana Ivanovici

Meninos só pra você

Beastie Boys: se você não concorda com a seleção deles, faça a sua

Já está nas lojas: Beastie Boys – The Sounds Of Science, álbum duplo que dá uma geral na carreira do trio (*veja resenha na página 66*). Mas o melhor é que você pode fazer sua própria antologia do Beastie Boys, escolhendo suas músicas preferidas e a ordem em que elas irão aparecer no disco. Tudo muito simples: bastar ir no site da Grand Royal (www.grandroyal.com) e, na página de abertura, escolher a opção "faça seu próprio CD". Daí, são listadas todas as músicas de todos os discos do grupo (menos o primeiro, *Licensed To Ill*), incluindo lados B e raridades. Escolhidas as músicas, resta apenas criar um título para a capa do seu álbum duplo, fazer o pedido e... esperar. Essa parece ser a parte mais difícil, porque você terá surtos diários de ansiedade. Se você não estiver inspirado – ou quiser o palpite de quem realmente entende do assunto –, nós quebramos o seu galho. Confira as sugestões de Mario Caldato, produtor do Beastie Boys, que fez uma seleção especial para SHOWBIZZ com as músicas que ele acha fundamentais.
Jô Hallack

Disco 1	Disco 2
1 "To All The Girls"	1 "Sabotage"
2 "Shake Your Rump"	2 "Ricky's Theme"
3 "Car Thief"	3 "Flute Loop"
4 "Egg Man"	4 "Do It"
5 "Shadrach"	5 "The Scoop"
6 "Jimmy James"	6 "Transitions"
7 "Groove Holmes"	7 "Root Down (free zone mix)"
8 "Pass The Mic"	8 "Light My Fire"
9 "Time For Livin'"	9 "Intergalactic"
10 "Lighten Up"	10 "Sneakin' Out The Hospital"
11 "So What'Cha want"	11 "Just A Test"
12 "Something's Got To Give"	12 "Song For The Man"
13 "Stand Together"	13 "Putting Shame In Your Game"
14 "The Maestro"	14 "Song For Junior"
15 "Four Fly Guys"	15 "The Grasshoper Unit (Keep Movin')"
16 "The Skills To Pay The Bills"	16 "Picture This"
17 "Sure Shot"	17 "The Negotiation Limerick File"
18 "Bobo On The corner"	18 "Body Movin'"
19 "Alright Hear This"	19 "Dedication"
20 "Eugene's Lament"	20 "Dr. Lee PHD (dub mix)"

notas

Bowie 30 horas
David Bowie comprova mais uma vez seu talento de pioneiro cibernético. Agora, além de comprar ações do catálogo musical do artista, você pode também depositar seu rico dinheirinho no banco virtual Bowiebanc.com, uma parceria com a USABancShares.com. O Bowiebanc vai oferecer serviços de conta corrente e poupança, "com as melhores taxas do mercado". Os clientes vão receber também "Bowie-cheques" personalizados e um ano de acesso gratuito ao Bowienet, o site oficial do cantor. Para mais informações, acesse www.bowiebanc.com.

Imagens de Marley
Vai até o dia 6 de fevereiro a mostra Bob Marley, com exposição, shows de reggae, palestras e bar temático no Conjunto Cultural da Caixa, no Rio de Janeiro. O evento, que nos últimos nove anos rodou o mundo, traz 106 painéis fotográficos cobrindo a vida e obra do mestre do reggae, letras e biografia traduzidas, objetos pessoais, discos de ouro e capas de discos. Mais informações pelo fone (021) 262-8152.

Baixa no Megadeth
Depois de dez anos, o guitarrista Marty Friedman deixou o Megadeth. Quem está substituindo o desertor (pelo menos na turnê iniciada em 21 de janeiro) é Al Pitrelli, que já tocou com Alice Cooper.

Conquiste o Reino Unido
Foi lançada na Inglaterra a London Sound, empresa que presta serviços que vão de assessoria de imprensa ao empresariamento de artistas. Mediante taxa de inscrição, o cliente tem seu material distribuído para cem jornalistas, representantes de gravadoras, DJs e empresários da indústria musical britânica. Para falar com o representante brasileiro da empresa (ninguém menos que o colaborador de SHOWBIZZ Luciano Vianna), mande um e-mail para londonsound@aol.com.

Louco por um acorde

Randy Newman, autor da trilha de *Toy Story 2* e de hits gravados por Leonard Cohen, Joe Cocker e Three Dog Night, esteve no Brasil e confessou-se fã do Planet Hemp, na única entrevista em que conseguiu falar de música

Como começou seu envolvimento com trilhas sonoras?
Meus tios, Lionel e Alfred Newman, eram autores de trilhas, a principal fonte de renda da família. Desde pequeno acompanhei o trabalho deles, isso me despertou o gosto pela construção melódica.

Como você cria uma trilha? Tem de ver o filme pronto ou se baseia no roteiro?
Tenho que ver o filme pronto, a imagem me ajuda a compor.

Para fazer a trilha de um filme infantil, recorre às lembranças da infância?
Não, tento fazer algo que as crianças assimilem, gosto de trabalhar com sensações claras, coisas do tipo claro-escuro, tristeza-alegria. Mas *Toy Story* e *Toy Story 2* não são filmes apenas infantis, eles têm mensagens adultas explícitas.

Seus métodos de composição partem de que tipo de influência?
Da pura observação. "Mama Told Me Not To Come", por exemplo, é uma canção cômica sobre um sujeito que está numa festa fora do seu círculo social. Ficou perfeita para o Three Dog Night. Já "Suzanne" foi feita para Leonard Cohen cantar. É soturna, ideal para um cara encanado com o mundo, e, cá entre nós, meio chato. Como o Leonard, aliás...

Você sempre fez canções pensando em cantores específicos para elas?
Nem sempre. Às vezes, os intérpretes fazem coisas inesperadas. "You Can Leave Your Hat On", do filme *9 1/2 Semanas de Amor*, tinha um quê de mistério, mas Joe Cocker a transformou em tema de strip-tease de cabaré, completamente diferente de como a compus.

Quem são os grandes autores de trilhas sonoras?
John Williams, Ennio Morricone, Danny Elfman. Aliás ele é melhor em trilhas do que fazendo música pop *(n. do Ed.: Elfman foi líder da banda Oingo Boingo)*.

E quem faz boa música pop?
Shawn Colvin, Alanis Morissette e Art Alexakis, do Everclear. E gosto de músicos brasileiros, achei o rap do Planet Hemp poderoso.

E aí, gostou da entrevista?
Foi um alívio, finalmente alguém me perguntou coisas sobre música, não aguentava mais falar de desenho animado!

Toninho Spessoto

Para Newman, os dois *Toy Story* têm mensagens adultas explícitas no roteiro

Rajja *(no canto direito)* e sua gangue: ritmo e verborréia

Aurélio & Cabong

A história do Rajja & Cabong – que está nas rádios com a música "Sai Da Minha Veia", feita de encomenda para o verão – tem tudo a ver com a de outra banda santista, o Charlie Brown Jr. O vocalista Rajja é especialista em beatbox, aquela técnica que usa a boca para imitar o som de scratches, grooves, samples e efeitos sonoros. Ele conheceu Champignon, baixista do Charlie Brown Jr. e outro beatboxmaníaco, num ponto de ônibus. "Foi ele quem me apresentou o produtor Tadeu Patola, que por sua vez me aconselhou a montar uma banda", conta Rajja. Assim vieram os guitarristas Thiago e Mazzeo, o batera Pinguim e o baixista Marquito. Em três meses, o quinteto conseguiu assinar contrato e gravar seu primeiro álbum, também batizado de *Sai Da Minha Veia*. O CD mistura estilos – ska, reggae, dancehall, raggamuffin e funk – e línguas. "Deer moving rasta", canta Rajja na faixa-título (tradução: "meu estilo é rasta"). "Luininsting" ("obrigado por existir"), emenda ele em outra música. "Pleno Ser". Veja aqui outras expressões exclusivas do "rajjacionário"...

Bacon: baseado
Berguebeze: língua
Bigodo: mulher chata
Fluinfluin: bunda
Intergalac: doidão, viajandão
Pelego: vacilão
Periasuela: peitos
Tranceptor grande: gostosa
Tranceptor tecnology: baranga
Tcharolômynamevvannokill: vamos dar uns beijinhos?

Tabelinha tricolor

Tony e Dado: só falta um nome e uma gravadora

Amigos das noites cariocas de décadas passadas, amantes de uma boa pelada e sofredores pelo Fluminense, o guitarrista Dado Villa-Lobos e Tony Platão, ex-cantor do Hojerizah, resolveram trabalhar juntos. Tony, que já havia lançado um disco-solo em 1994, começou a gravar o segundo no estúdio caseiro do amigo. "No início éramos só nós dois, o Dado tocava vários instrumentos", lembra. Quando o legionário inaugurou um estúdio mais completo, na sede de sua gravadora, a Rock It!, no Rio, o projeto foi ficando mais completo. "Quem aparecesse ia gravando", brinca Dado, enumerando gente como o baterista Bacalhau (ex-Planet Hemp, atual Autoramas), o guitarrista Fred Nascimento (ex-músico de apoio da Legião) e o tecladista Fábio Fonseca. O CD está pronto, com 15 músicas, só faltam um nome, um projeto gráfico e uma gravadora.

"Os shows de reunião do Hojerizah *(ano passado)* estiveram lotados, e o número de pessoas que cantava todas as músicas era muito maior do que nos anos 80. Ainda assim, preferi parar antes que voltasse à tona tudo aquilo que nos fez acabar com a banda pela primeira vez", diz Tony. Dado é ironicamente nostálgico: "Eu fazia bem menos coisas quando era só guitarrista da Legião, né? A gente não dava muitos shows, lançava disco a cada três anos... Tenho uma saudade daquele tempo..."

Arrested de volta?

Speech: solo, mas sem descartar um retorno de seu grupo

Desde que o Arrested development encerrou suas atividades, no final de 95, o vocalista Speech tem-se dedicado a uma carreira-solo que já acumula dois álbuns: um que leva seu nome, de 1996, e *Hoopla*, lançado em 1998 no Japão e agora no Brasil e Estados Unidos. Em entrevista por telefone à SHOWBIZZ, ele falou sobre o repertório do disco – que inclui uma cover de "Redemption Song", de Bob Marley – e sobre o rap peculiar que sai de sua terra natal, Atlanta.

"As pessoas falam do estouro do rap de Atlanta, com bandas como Outkast, que trazem um clima de música ao vivo ao hip-hop. Mas o Arrested fazia rap assim desde os anos 80. Influenciamos todas as bandas de rap que surgiram no sul dos Estados Unidos", disse. Essa influência deve voltar à ativa no ano 2000. "Nós *(ex-integrantes do Arrested)* andamos conversando e acho bem possível voltarmos a tocar juntos", contou. Speech vem fazendo shows na Ásia e nos Estados Unidos para divulgar *Hoopla* e deve chegar ao Brasil em março.

frases

"Esses caras são malucos. Quando decido plagiar alguém, vou logo no David Bowie ou no Paul McCartney."
Noel Gallagher, respondendo às acusações de ter plagiado a banda Northender no novo disco do Oasis

"Adoro Gary. Ele é um cara superlegal, mas você não pode ser um cara superlegal e ser o vocalista do Van Halen."
Sebastian Bach, ex-Skid Row, saindo do sarcófago para tirar uma onda de Gary Cherone, vocalista demitido do Van Halen

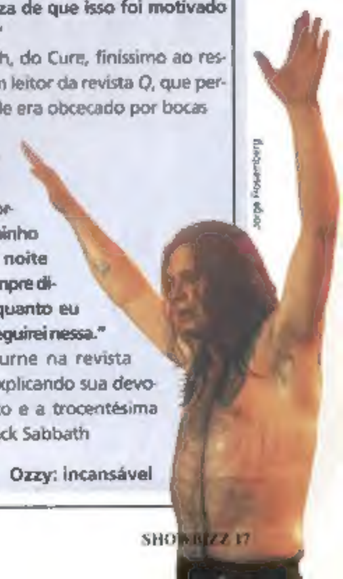
"Eu nunca li um livro em toda a minha vida."
Fred Durst, do Limp Bizkit, todo orgulhoso, dando exemplo a seus fãs na revista inglesa *Q*

"Mark McGrath, do Sugar Ray, mostrou-me seu pênis."
Dexter Holland, do Offspring, lembrando à revista *Kerrang!* qual foi o ponto alto de 1999

"Ela está fadada a interpretar esposas de meia-idade de celebridades mortas."
Marilyn Manson em seu site, analisando a carreira cinematográfica de Courtney Love, protagonista dos filmes *Kurt & Courtney*, *Man On The Moon* e *O Povo Contra Larry Flint*

"Acho que houve um tempo em que eu era obcecado por orifícios em geral – a idéia de buracos nos corpos das pessoas. Tenho certeza de que isso foi motivado por drogas."
Robert Smith, do Cure, finíssimo ao responder a um leitor da revista *Q*, que perguntou se ele era obcecado por bocas

"Para eu me aposentar, só se eu morresse no caminho de casa na noite passada. Sempre digo que, enquanto eu gostar, eu seguirei nessa."
Ozzy Osbourne na revista *Kerrang!*, explicando sua devoção ao palco e a trocentésima volta do Black Sabbath


Ozzy: incansável

Alô, meninos do Pelô!

Cesaria: agora, só agüinha-de-coco

Sara Mesa

"Preciso voltar de férias à Bahia. Ver se arrumo algum amor por aqui. Vindo para cantar não sobra tempo para nada, é só aeroporto, entrevista, show...", reclama Cesaria Évora, que passou por Salvador em dezembro, para cantar no Mercado Cultural Latino-Americano, evento que reuniu produtores na capital baiana. Questionada sobre ter perdido dois prêmios Grammy (1998 e 1999) consecutivos para os brasileiros Milton Nascimento (*Nascimento*) e Gilberto Gil (*Quanta Gente Veio Ver*), ela mantém a postura tranqüila de quem sabe quanto vale e pesa: "Falaram que eu era favorita ao prêmio, né? Mas acho que ainda vou ganhar o meu. Já concorri três vezes" (*N do E.: E vai concorrer de novo.* Café Atlântico *foi indicado ao Grammy deste ano*).

Encerrando uma turnê que incluiu 33 apresentações na América do Norte, a cantora lembra que seu hábito de fumar no palco provoca situações interessantes nos politicamente corretos EUA: "Em Nova York, aplaudiam toda vez que eu acendia um cigarro no show. Eles não agüentam mais tanta censura ao fumo". O conhaque e a cachaça, outros velhos prazeres de Cesaria, foram abandonados por orientação médica, ela jura. O líquido branco no seu copo? "É água-de-coco, menino. Pode colocar aí na revista."

Hagamenon Brito

Hardcore pé-no-freio

No Fun At All: apostando no emocore

Alexandre Varela

O No Fun At All foi decisivo para colocar a Suécia no mapa do hardcore melódico mundial. Criado e liderado pelo guitarrista Mike Danielsson, um fanático por AC/DC, o quinteto foi também uma das primeiras apostas do selo punk Burning Heart (cujo acionista majoritário é a gravadora californiana Epitaph), que mais tarde revelaria nomes como Millencolin e Refused. No fim de 1999, o grupo fez shows eletrizantes em São Paulo, Curitiba e Santos e o vocalista Ingemar Jansson falou com a gente.

Como você vê o hardcore melódico hoje?

Cheguei a pensar que tudo era muito divertido e posso dizer com segurança que um dos álbuns mais consistentes dessa safra é o *Unknown Road*, do Pennywise. Hoje me parece que esse estilo de música se tornou bastante repetitivo.

Seria correto dizer que o hardcore melódico é um gênero voltado só para adolescentes?

Não. Talvez o fato de as músicas serem rápidas e cheias de energia atraia esse público. Dificilmente você verá um cara de 35 ou 40 anos agitando em um show desses. Mas acho normal a relação entre esse estilo e os adolescentes...

As novas músicas estão mais lentas. Por que esse novo direcionamento?

Nós simplesmente sentimos que precisávamos fazer algo diferente. Quando chutamos Henka *(o ex-baixista)*, a banda ficou morta por quatro meses. Estávamos decididos a acabar, pois não queríamos mais tocar a mesma coisa sempre. Então Steven se juntou a nós e começamos a tocar mais devagar. Isso foi influência das bandas emocore.

Você acha que esse é o futuro do hardcore?

Acho que é algo que está durando e irá durar por um bom tempo. O emocore é uma vertente do hardcore que ainda revelará muitas bandas. Samiam é uma das minhas favoritas.

César Carpanez

2000 na real

O futuro já chegou – bem menos futurista do que se imaginava. Ao que tudo indica, pesos pesados do pop e do rock vão mostrar sua força neste ano

Ilustração: Douglas Braga

Assim como a humanidade, a música pop chegou ao tão esperado e mítico ano 2000 bem distante das visões popularizadas pela ficção científica. A evolução tecnológica e a popularização das tendências eletrônicas seguem firmes, mas tirando o MP3 (que é apenas um meio de difusão, não mexe com a essência da música), parece não haver nenhuma revolução em curso. No Brasil, os campeões de vendas de 1999 (cada um em seu segmento) foram Leonardo, Só Pra Contrariar, Sandy & Júnior, É O Tchan, Padre Marcelo Rossi e Legião Urbana. Nos EUA, os Backstreet Boys reinaram absolutos, seguidos de Britney Spears e Shania Twain. Difícil imaginar essa turma no mesmo mundo do computador Hal de *2001 – Uma Odisséia no Espaço*...

Um exame (ou pré-exame) em alguns dos discos mais aguardados do pop/rock dos anos 2000 aponta: guitarras, rock'n'roll, sinceridade, boas canções, carisma de estrela e outras coisas antiquadas continuam fascinando e fazendo a diferença.

Bono no show Net Aid, em setembro: prenúncio de volta à sinceridade e simplicidade dos anos 80

Salve, sinceridade

Depois da marketizada guinada "eletrônica" de *Pop*, o U2 faz questão de espalhar desde a passagem pelo Brasil, há dois anos: o novo disco, que pode pipocar já em abril (embora saia mais provavelmente em junho) é um retorno ao som "clássico" que consagrou a banda nos anos 80. O termo saiu da boca do próprio Bono, que depois se revelou assustado com a falta de modéstia. "Eu provavelmente quis dizer que estamos aprontando um disco que apenas nosso grupo poderia fazer", explicou o cantor. Pelo visto, até o cinismo e o deboche incorporados nos anos 90 devem ser arquivados. "Não é mais tempo para fazer pose, queremos gravar um disco como se fosse o nosso último, sem nos preocuparmos se vamos ser *cool* ou não. É bem simples, um disco bem cru, emocionalmente aberto."

Não por acaso, Bono passou 1999 se encontrando com políticos e chefes de nações desenvolvidas e defendendo o perdão da dívida externa dos países de Terceiro Mundo. Em 6 de janeiro, escreveu carta ao jornal francês *Le Monde* atacando a inflexibilidade e a insensibilidade de certos líderes.

Em dezembro, ele perdeu seu laptop depois de uma noite alcoólica no bar de um hotel em Dublin, o que poderia ter atrasado imensamente os trabalhos do novo disco – todas as letras estavam arquivadas no aparelho (parece que ainda não explicaram ao cantor para que servem os disquetes). Não demorou, porém, para que o precioso computador portátil fosse recuperado.

A produção de Brian Eno e Daniel Lanois e os rumores que circulam entre os sites de fãs apontam para uma sonoridade próxima à da fase de *The Unforgettable Fire*. "É o som de quatro pessoas tocando numa sala, quatro caras que se conhecem desde criança", avisa Bono. "É como um disco dos Beatles, cada música pode ser *single*. São canções, não são idéias, não há narrativas nem artifícios de ficcionista. É soul de titânio", compara.

Uma faixa tem letra do escritor indiano Salman Rushdie, "The Ground Beneath Her Feet". "Stuck In A Moment You Can't Get Out Of" homenageia o amigo Michael Hutchence. "In A Little While" é descrita como uma canção gospel, e "Kite" descreve poeticamente uma manhã de papai Bono empinando pipas com suas duas filhas mais velhas. Emoção não faltará.

Kenneth Branagh? Não, apenas Eddie Vedder, menos agressivo e mais tradicional

Adeus, grunge

Fim de uma era. O baixista Jeff Ament avisou, em entrevista à MTV americana, que o novo disco do Pearl Jam será uma despedida da sonoridade grunge que consagrou o grupo: "Adotamos um jeito mais tranqüilo de compor e estamos cada vez mais dispostos a tentar coisas novas". Sem sustos, entre as tais "novidades", devem figurar apenas influências de folk e do velho blues – e menos barulho.

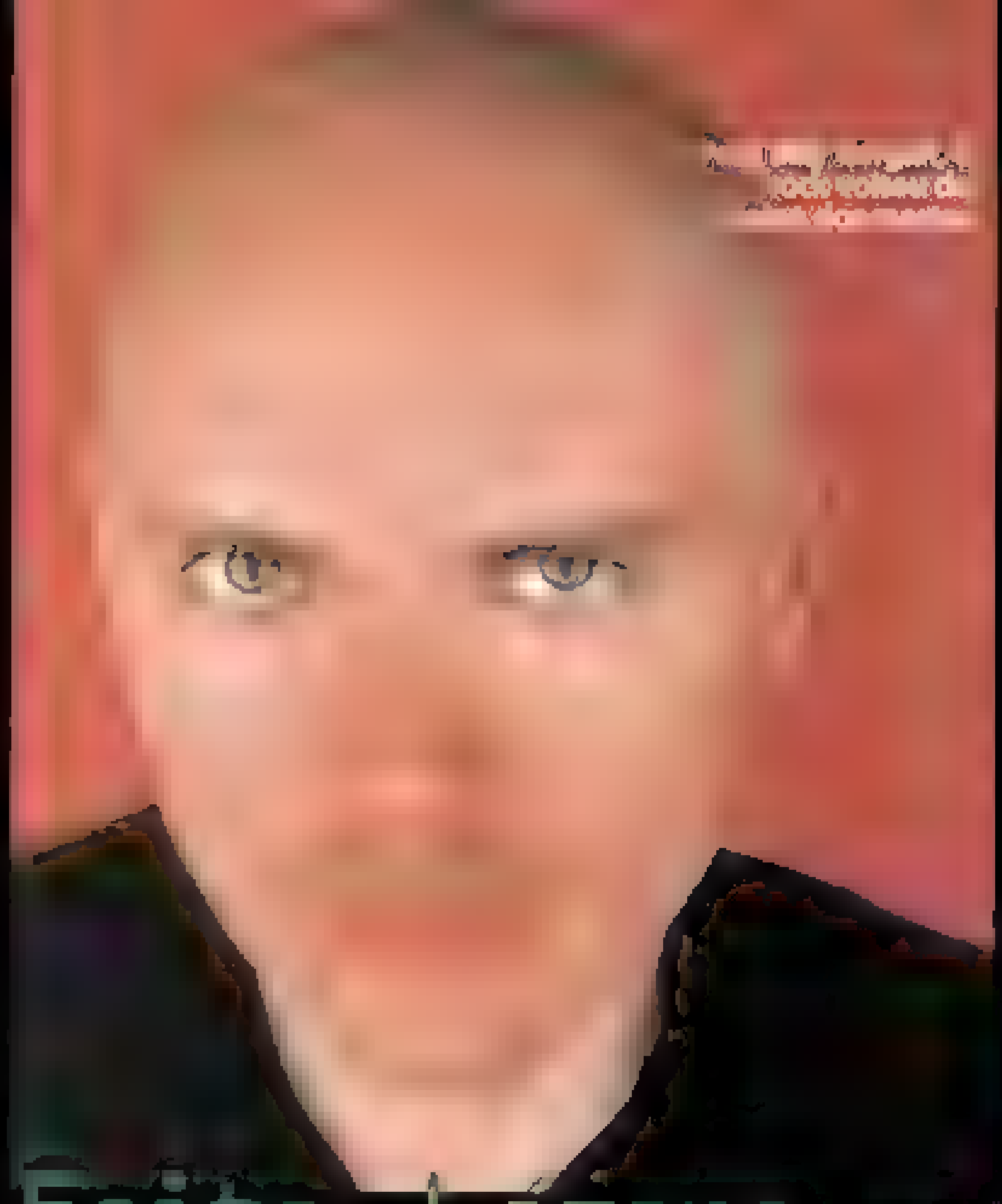
O álbum tem lançamento previsto para o dia 4 de abril e na gravadora Sony Music fala-se concretamente sobre uma vinda ao Brasil este ano – uma turnê mundial já foi oficialmente confirmada. Será o primeiro trabalho sem o produtor Brendan O'Brien, responsável por todos os discos do quinteto (à exceção do primeiro, *Ten*). Ele foi substituído por um profissional sem tradição em grunge ou rock pesado, Tchad Blake, que tem em seu currículo discos de Los Lobos, Soul Coughing, Crowded House e Tom Waits. No ano passado, Tchad ganhou um Grammy pela engenharia de som de *Globe Sessions*, de Sheryl Crow.

Outra nova aquisição é Matt Cameron (ex-Soundgarden) na bateria. Matt entrou no lugar de Jack Irons – que saiu em abril de 1998, alegando problemas de saúde – no início da turnê de divulgação do álbum *Yield*, o último lançado pelo Pearl Jam. Apesar de ainda não ter status de integrante oficial, Matt continuou ensaiando com a banda depois da turnê e tem participado da criação do novo álbum. O processo de composição, aliás, foi, segundo depoimentos, democrático (acabou-se a ditadura de Eddie Vedder vigente em outros CDs).

Duas das faixas do disco foram antecipadas na última edição do Bridge School Benefit – dias 30 e 31 de outubro, em Mountain View, Califórnia –, show beneficente organizado por Neil Young. Às vezes é impossível esperar para mostrar [illegible] Eddie Vedder no dia 30, antes dos primeiros [illegible] uma canção de teor country, com uma letra que diz "there's a light when the window shades are dark/ there's a light when my baby's in my arms/ and I know she's reached my heart" ("Há uma luz quando as cortinas estão escuras/ Há uma luz quando minha garota está em meus braços/ E eu sei que ela chegou ao meu coração"). No dia seguinte, a banda tocou outra inédita, com levada mais blues.

Depois de alguma especulação, confirmou-se que as duas músicas estarão no novo álbum, e não do single de Natal que o Pearl Jam envia todo ano para os membros de seu fã-clube oficial. Em 1998, o single trazia duas covers: "Soldier Of Love", de Arthur Alexander, e "Last Kiss", hit de 1964 gravado originalmente por J. Frank Wilson And The Cavaliers. "Last Kiss" saiu do vinil exclusivo dos fãs de carteirinha e foi parar nas rádios e no álbum beneficente *Sem Fronteiras*, tornando-se o maior sucesso da banda até hoje e chegando ao topo da parada *Billboard*. O single natalino do ano passado traz duas canções acústicas, contrariando as promessas de Eddie Vedder de que seriam "duas faixas inaudíveis, para ficarem realmente restritas aos fãs". No lado A, está "Strangest Tribe". No B, o folk "Drifting". Uma rádio de Boston tem tocado "Drifting" duas vezes por dia – quem já ouviu descreve como "Eddie Vedder com guitarra acústica e flauta parecendo Neil Young".

Parece que vem aí um disco mais sossegado e fincado nas raízes da música americana.



Feito Lázaro

Pouco antes de lançar *Adore*, há dois anos, Billy Corgan havia declarado que o rock estava morto. Provavelmente, o líder dos Smashing Pumpkins estava errado. Ele hoje parece admitir isso, mas não passa recibo. "Naquela época, o rock estava precisando de um chute na bunda. Acho que fui a pessoa certa para fazer isso. Mas acho que o rock agora atravessa uma fase bem mais saudável. Em 1997, eu achava que não tinha mais nada a dizer nessa linguagem, mas hoje sinto um novo vigor tocando rock", anunciou Billy, em dezembro.

Quem já ouviu a energética "Everlasting Glaze", primeiro petisco do novo álbum dos abóboras, *Machina/ The Machines Of God*, pela Internet ou nas FMs, sentiu a força desse bom e velho Lázaro dos gêneros musicais. "Esperem o inesperado", avisa o líder dos SM, sobre o disco que sai dia 29 de fevereiro nos EUA. "Quando me pergunto o que quero fazer musicalmente, eu pergunto: é ousado? É vanguarda? Vai deixar as pessoas desconfortáveis? Prefiro estar à frente do que no meio das coisas", disse ele, numa recente entrevista à MTV americana. O produtor Flood, responsável pelo multiplatinado *Mellon Collie And The Infinite Sadness*, assina o novo trabalho – que o ex-empresário da banda, Cliff Burnstein, vende como "o maior álbum de rock que já ouvi".

A julgar pelo material mostrado numa minitumê por pequenas casas de show dos EUA, em abril do ano passado, *Machina* marcará o retorno das guitarras distorcidas e rocks vigorosos que não apareceram em *Adore* (800 mil cópias vendidas, péssima vendagem, comparado aos álbuns anteriores). A curta excursão marcou a volta do baterista Jimmy Chamberlain, após três anos de "suspensão" (sua mão pesada fez falta à banda). Ele tinha sido afastado em 1996, depois de ser preso por posse de heroína dias após a morte por overdose do tecladista Jonathan Melvoin. A bela Melissa Auf Der Maur, ex-Hole, substitui D'Arcy, que deixou os Pumpkins em setembro para dedicar-se a projetos-solo – não sem antes gravar todas as linhas de baixo do novo disco.

Embriagado de inspiração, Thom Yorke, do Radiohead, vai nos entregar mais do mesmo: oba!

Copiosa reedição

O sucessor do incensado *OK Computer* [illegible] 1998, está prometido para maio ou junho. [illegible] um pouco mais os eletrônicos [illegible] representar nenhuma ruptura na carreira do Radiohead. O produtor [illegible] Nigel Godrich (o mesmo de *OK C.*), a capa será de Stanley Donwood (que trabalha com a banda desde *The Bends*, de 1994). Ao contrário do que foi divulgado em boatos, Michael Stipe, amicíssimo de Thom Yorke, não participa de nenhuma faixa. [illegible]

[illegible] O Radiohead [illegible] "[illegible] Knives Out", já divulgada na Internet. Uma outra, velha conhecida dos fãs europeus, tem o título totalmente Thom Yorke: "How To Disappear Completely And Never Be Found".

A balada "Egyptian Song", que também há tempos encanta o público da banda, é presença garantida. Duas músicas [illegible] no site oficial do grupo entregam as influências a partir de seus nomes provisórios: "Scott Walker Song" e "Neil Young Song". Ou seja, teremos mais do mesmo. Lindo e inspirado.

Anno Madonna

Quem diria: a validade daquela cantorazinha descartável que surgiu em 1983 ("Holiday"...) não vai expirar tão cedo. Viveremos o ano 2000 vendo e ouvindo muita Madonna. No dia 29 de fevereiro, sai nos EUA um single da trilha de *The Next Best Thing*, novo filme estrelado por ela. Trata-se de uma releitura de "American Pie", hit de Don McLean (gravado originalmente em 1971) composto em homenagem ao roqueiro Buddy Holly. Nesta nova versão, Madonna terá o ator Rupert Everett – seu companheiro de elenco – fazendo vocais de apoio.

A trilha completa, a ser lançada pela Maverick em 10 de março, terá outra canção interpretada por Madonna, "Time Stood Still", dela e do produtor William Orbit. *The Next Best Thing* conta a história de uma garota solteira que decide adotar uma criança e criá-la com a ajuda de um amigo gay.

Madonna também pode estrelar um suspense ao lado de Brad Pitt e Arnold Schwarzenegger. Mas isso não deve atrapalhar seu próximo disco de carreira, previsto para sair em junho. As gravações já estão acontecendo no eixo Londres-Nova York, sob supervisão da própria cantora, de William Orbit, de Victor Calderone e dos DJs Sasha, A pha e Mirwaz.

A previsão é de que seja um trabalho ainda mais dançante que *Ray Of Light*. Entre os títulos prováveis estão *Sacred* (sagrado) e *Epiphany* (epifania): o misticismo continua. Outras faixas já definidas: "Lost In My Echo", "Fall In Love So Fast", "Craving" e "Breaking Down".

Photo NewsGamma

Michel Jackson vive um ano decisivo para sua carreira

Ou vai ou racha

O [illegible] chamado "rei do pop" ameaça pendurar as chuteiras no terceiro milênio. Michael Jackson anunciou que não pretende fazer turnê de lançamento do seu próximo disco e insi- [illegible] esse pode ser o último de sua carreira. [illegible] porta-voz [illegible] a ficar o "esgotado depois [illegible] [illegible] os criativos para conceber o novo trabalho [illegible] ainda não tem data de lançamento [illegible]

[illegible] HIStory [illegible] *Dance Floor*, Jackson está trabalhando com uma grande junta de produtores. Nessa operação resgate estão David Foster, Sean "Puff" Combs, Emilio Estefan – leia-se mercado latino –, Jimmy Jam & Terry Lewis, R. Kelly [illegible]

[illegible]

[illegible] Randy, Marlon [illegible] [illegible] para 2001

Reprodução

Depois do fracasso de *Be Here Now*, o Oasis corrige seus rumos

Time mexido

Standing On The Shoulder Of Giants sai no fim do mês (*leia a crítica na página 59*) e o Oasis entra em campo sem dois fundadores (o baixista Guigsy e o guitarrista Bonehead), mas com dois novos craques na linha. Gem tocava guitarra no Heavy Stereo, banda que só se destacava por uma coisa: ter um ótimo guitarrista. Já Andy Bell iniciou os anos 90 tocando guitarra – uma senhora guitarra – no Ride, influente banda indie. Depois, lançou um elogiado disco com o grupo Hurricane #1. Convidado para tocar baixo no Oasis, Bell aceitou na hora e ainda babou o ovo de Noel, dizendo que o som da [illegible] ex-*roadie* do Inspiral Carpets sempre o influenciou.

O loop de bateria do single "Go Let It Out" [illegible] após colaborações com Goldie e Chemical Brothers, Noel [illegible] -se à vontade para brincar com a eletrônica. Se nos EUA a popularidade da banda não é a mesma (*leia na pág. 70 crítica da estréia da nova formação na Califórnia*), no Reino Unido a loucura voltou com força total: em janeiro, já estavam esgotados os ingressos para shows em julho.

Para a década nascer feliz

Queens Of The Stone Age – Na primeira metade dos anos 90, o Kyuss chamou a atenção no rock alternativo americano com as soluções melódicas criativas e os riffs contagiantes de Josh Homme. Depois, Josh montou o Queens Of The Stone Age, assumindo também o microfone e fazendo um rock'n'roll chapado e pesado na medida certa. Seu disco de estréia (lançado aqui discretamente pela Roadruner) foi um dos segredos mais bem guardados de 1999. Depois de tocar com Pavement e Chemical Brothers pela Europa e de ter o Buckcherry (a aposta hard rock do ano) abrindo nos EUA, a banda lança disco novo este ano.

Guitar Wolf – Apesar de agitar a cena garageira japonesa desde 1987, o trio formado por Billy (basswolf), Seiji (guitarwolf) e Toru (drumwolf) só conseguiu boa exposição após ter seu quinto álbum lançado pelo selo americano Matador (representado no Brasil pela Trama, que está para detonar a bomba entre nós). *Jet Generation*, o tal disco, é de fazer estrago nas caixas de som. Sério! Vem com um adesivo na capa: "Este é o álbum mais alto jamais gravado. Tocá-lo num volume normal pode causar danos irreparáveis ao seu equipamento de som. O risco é todo seu". São 13 faixas altamente influenciadas pelos poucos acordes e muita velocidade de Ramones e MC5. Tudo no talo, com letras em japonês e refrãos em inglês – com impagável dicção nipônico-Cebolinha em palavras como "genelation" e "lefligelator". Outro perigo amarelo de primeira para 2000: a banda Michelle Gun Elephant.

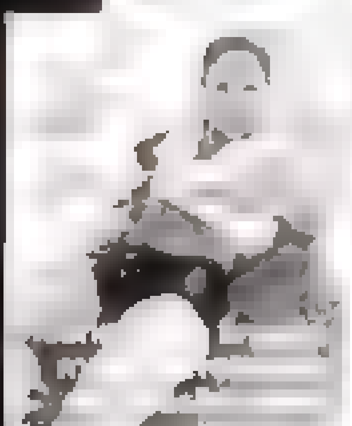
Travis – Seu segundo álbum, o sublime *The Man Who*, consagrou o grupo como campeão de vendas no rock britânico em 1999. O som é pop altamente melódico, sem pudor de exalar romantismo e bons sentimentos nas letras. Já foi dito que Fran Healy, o líder, é o último heterossexual sensível do pop. Noel Gallagher é fã de primeira hora; numa aparição na TV inglesa, Paul McCartney tocou, de improviso, uma música inteira da banda (a bela "Turn"). *The Man Who* está saindo agora nos EUA e a Sony Music brasileira vai comer mosca se não lançar o CD aqui correndo.

Slipknot – Que Marilyn Manson, que nada. O último grito em matéria de shock-rock é esse noneto de lunáticos mascarados. Os caras vêm de Des Moines, Iowa (EUA), e acham que isso é desculpa para se revoltar com o mundo, como mostram nas letras de seu disco de estréia, *Slipknot*. Eles juram que as máscaras doem horrores, especialmente a de espinhos de metal. O vocalista Corey costuma comer muito antes dos shows, para sofrer no palco com a vontade não satisfeita de defecar. O som, com blimps, pzóings e um DJ, pretende levar o death metal a uma nova dimensão (mas faria aqueles noruegueses que queimam igrejas vomitar). Quem gosta de bizarria vai dar cabeçadas na parede de felicidade.

As bolas da vez

¡Que vengam!

Em 1999, os latino-americanos arrombaram o mundo pop dos [illegible] áreas de influência, ou seja, o planeta inteiro [illegible] redescoberta do grande Carlos Santana), um [illegible] nefasto (Ricky Martin) e outros ângulos interessantes (Jennifer Lopez). O próximo produto do cartel é o primeiro álbum em inglês da colombiana Shakira Mebarak, cantora que [illegible]



[illegible] como Los Fabulosos Cadillacs – há quatorze anos [illegible] Café Tacuba (quartet [illegible] Byrne) [illegible] Piazzolla que [illegible] Del Stereo", homenagem à bunzuda Miss Lopez. [illegible] vale uma torcida por Panorama, projeto do mexicano Alejandro Rosso (da dupla Plastilina Mosh), que tem um contrato em cima com a Grand Royal, gravadora mantida pelos Beastie Boys [illegible]

O "emo" gemeu – e vai gemer mais

O que uma banda de hardcore faz quando [illegible] ouvir os mesmos três acordes? Enveredа pelos [illegible] cos? Monta uma padaria? Não. Começa [illegible] manda o vocalista proferir berros mais [illegible]

[illegible] existem até grupo [illegible] ou Charlie Brown [illegible]

Rocktrônica para eletrificar as massas

Nos Estados Unidos, criou-se um rótulo para designar tudo o que mistura tecno com alguma coisa, a rocktrônica. O termo pode funcionar como um chamariz para a música eletrônica "de verdade" – pois foi justamente ao abandonar a postura de confronto ("a música [illegible] vai acabar com todas as outras") é que os [illegible] começaram a ser percebidos pela [illegible] gráfica. Tome-se como exemplo os Chemical Brothers: são chapas de Noel Gallagher, posam abraçados com Keith Richards, elegem *Definitely Maybe*, do Oasis, como seu disco predileto da década de 90. Obtido o [illegible] entre o primeiro escalão do showbiz, a dupla gravou seu trabalho mais eletrônico, *Surrender*. O que [illegible] de teoria conspiratória se repete com Fatboy Slim. Ele [illegible] ciou que seu próximo disco estará mais para "Right Here Right Now" do que para "Gangster Trippin'", ou seja, terá [illegible] mas do que big beats. Isso é que é pragmatismo: estar tão [illegible] do no circuitão que sua música, por mais estranha que seja, é digerida facilmente. Por essa, nem os puristas do gênero – os mesmos que torcem o nariz para a rocktrônica – esperavam

Sem dieta do bico fechado

Nação de todos os sons

O projeto **Música do Brasil**, que estréia em março na MTV, mostra que este não é só o país do samba, mas também do cururu, do siriri, do caroço, do carimbó, do marabaixo, do...

Retratos de um país musical

Registrar o painel mais abrangente da musicalidade do país, sem restrições quanto à tradição, origem ou gênero. Por mais impossível que possa parecer, é justamente essa a missão de *Música do Brasil*. A primeira parte do projeto, que também inclui vídeo, áudio, fotografia e Internet, poderá ser vista e ouvida nos 15 programas da série, que estréia no dia 24 de março na MTV. "É, antes de tudo, a formação de um banco de dados sobre a música brasileira", avisa o idealizador da iniciativa, o antropólogo Hermano Vianna.

São dele as pautas originais e a pesquisa que sedimentaram *Música do Brasil*, coletadas em viagens, consultas a trabalhos de folcloristas e dicas de amigos espalhados por todo o país. Da música folclórica quase em vias de extinção às novas experiências com ritmos que estão sendo feitas (conscientemente ou não), tudo foi documentado. Este é um dos grandes méritos do projeto: não se ater somente ao trabalho dito "de raiz" ou a purismos formais e preconceitos acadêmicos.

Em outras palavras, *Música do Brasil* não tem outra pretensão a não ser a de querer ouvir, sem ter de empreender longas e complicadas viagens por todo o território nacional, músicas brasileiras que nunca haviam sido gravadas ou cujos registros existentes são de difícil acesso. "Nossa opção inicial foi a de registrar um pouco de tudo, buscando revelar uma imagem geral da produção musical nacional, sem escolher determinados estilos para serem documentados com maior profundidade", esclarece o antropólogo.

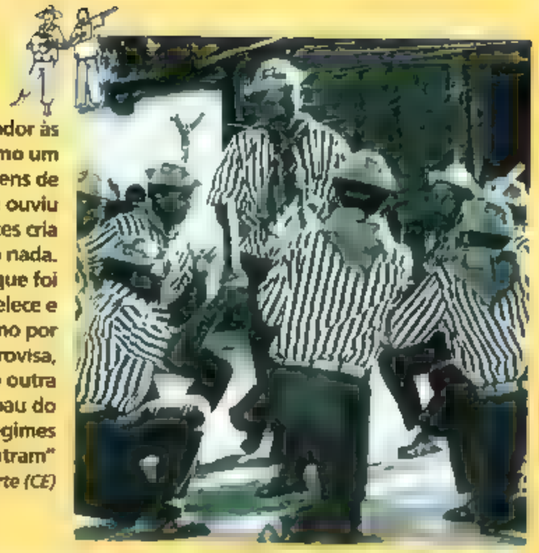
E, por favor, não fale em "resgate" na frente de Hermano. "Resgate é para acidentados, sequestrados", rebate o criador do *Programa Legal* e do *Brasil Legal*, entre outros trabalhos para a TV, além dos livros *O Mundo Funk Carioca* e *O Mistério do Samba*. "Nada disso acontece com os vários estilos da música brasileira documentados no projeto, por mais 'paralela' que seja sua vida com relação àquilo que toca no rádio, ou que entra nas listas de discos mais vendidos no país."

De barco, via todo tipo de avião ou através de todo tipo de estrada, foram gravadas as performances de mais de cem grupos musicais de estilos diferentes, em mais de oitenta cidades, de Osório (RS) a Curiaú (AP), passando por Brasiléia (AC) e por João Pessoa (PB), sem se importar se as músicas registradas nessas viagens eram "tradicionais" ou "folclóricas". Para Hermano, muitas vezes esses rótulos apenas obscurecem a realidade musical que se quer documentar. "*Música do Brasil* não sai, por aí caçando as purezas e as autenticidades perdidas, ou procurando a verdadeira música nacional, não 'contaminada' pelo rádio, pelo pop."

Pelo contrário: o pesquisador acha que todos os estilos são pop. "Tudo tem potencial, depende de quem usa. Quem poderia afirmar que maracatu rural iria virar pop antes de Chico Science & Nação Zumbi?", alega. "Apenas uma parcela mínima de achados rítmicos, melódicos, tonais, harmônicos encontrados por *Música do Brasil* foi aproveitada pela chamada música popular brasileira", concorda o diretor musical da série, Beto Villares. "De Ernesto Nazareth a Raimundos", Hermano faz questão de ressaltar.

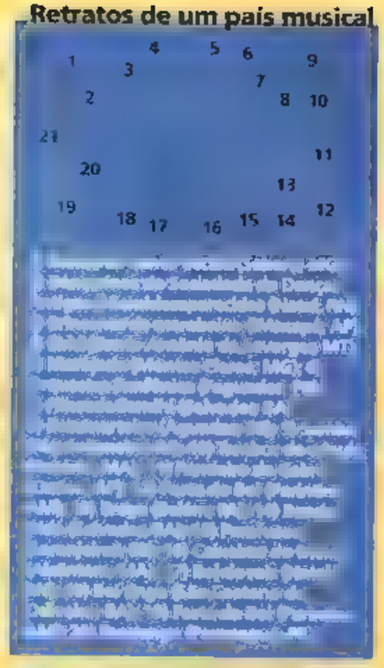
O produtor executivo do projeto, Victor Civita Neto, vai direto ao ponto, citando a Ciranda do Amor, de Manaus. "Pegaram a ciranda e transformaram na próxima lambada. Há mais de 500 bandas do gênero na capital do Amazonas", impressiona-se. Na sua opinião, outro que tem condições de estourar é o brega de Belém do Pará (a capital do gênero no Brasil), representado por Chimbinha – "uma das maiores revelações entre novos músicos brasileiros de qualquer estilo", endossa Hermano. Aos 23 anos, ele colocou sua guitarra em mais de 200 discos locais só em 1997. Um deles lançou Wanderley Andrade, "o ídolo louro do brega", que lamentou que a equipe de *Música do*

O produtor Victor Civita Neto confere os sons gravados


"O cérebro de um cantador às vezes funciona como um sampler, fazendo colagens de pedaços de repentes que ouviu na sua vida. Outras vezes cria tudo na hora, do nada. Outras vezes o que foi improvisado se estabelece e passa a ser cantado mesmo por quem não improvisa, vira letra de música como outra qualquer. No maneiro pau do Ceará, todos esses regimes poéticos se encontram"
Maneiro pau, Juazeiro do Norte (CE)

Hermano Vianna com caixeira do Divino

"Nas brincadeiras brasileiras, como no Carnaval, todo mundo tem o direito de representar. Quem é branco pode ser preto. Quem é homem pode ser mulher. E todos os desejos são satisfeitos"
Homens travestidos de Negras da Costa, Quebrangulo (AL)



"Os Mateus – e seus lampiões – são os palhaços condutores da brincadeira, mistura de reisado, congado e boi com vários tipos do contradanças"
Palhaços do Boi-de-Reis, Pedro Velho (RN)

Programa a programa

Os trechos entre aspas – tanto dos programas como das legendas das fotos – são de Hermano Vianna.

Triste do país que não sabe batucar. Imagine ganhar a Copa do Mundo e sair para a rua e não encontrar nenhum batuque. Parece que ninguém ganhou nada...
No Brasil, o batuque acompanha todos os nossos momentos de alegria. Africanos, portugueses e índios nos deram a régua e o compasso, a mézinha e a cintura, o vira e a paulenca. E muitas centenas de tambores para esquentar nossa nação.'
Macapá (AP), Rapoca (SC), São Luís (MA), Rosário (MA), Vigia (PA), Maceió (AL) e Nazaré da Mata (PE).
...maracaixo, caiumbi, tambor-de-crioula, carimbó, caroço, balanas e maracatu rural.
...validades: Pinduca, Nação Zumbi.

"No Brasil, qualquer coisa serve para batucar: caixa de fósforos, mesa, assoalho. Tudo entra no regime da batucada. O batuque subverte até os instrumentos de trabalho, se intrometendo nos lugares mais sérios do cotidiano. Quem é sisudo deve tomar cuidado: este é um programa dedicado à música para bater pé e que mais vier pela frente. E só amarrar um chocalho no tornozelo para ver como tudo, de repente, fica muito mais divertido."
...Deiras (PI), Maceió (AL), Amarante (PI), Nova Almeida de Serra (ES), Santo Antônio do Leverger (MT), Taperoá (BA), Nova Olinda (CE), Olinda (PE), Salvador (BA).
...festações: congos, pagode, siriri, zambiapunga.
Personalidades: Carlinhos Brown e Naná Vasconcelos.

"O Brasil canta para rezar, reza para cantar. O Brasil dança para os santos. Os santos também vêm dançar no Brasil. A música é nosso contato mais imediato com a santidade, com o sagrado. Este programa é dedicado aos santos negros. Santos vindos negros da África e santos que se tornaram negros aqui."
...ades: São Francisco do Conde (BA), Congagem (MG), Osório (RS), Pacoval (PA), Alenquer (PA), Laranjeiras (SE), Curiaú (AP), Aguadas (SE), São Luís (MA), Salvador (BA), Rio de Janeiro (RJ).
...neiro amor, congada, moçambique, marambiré, moçambique, samba de aboio, tambor de mina, candomblé, taieira.
Milton Nascimento, João Bosco.

"Santo católico, no Brasil, também adora festa com muita música e animação. O catolicismo português que veio para cá já não era tão católico. Tinha muito de pagão, de rituais feitos antes de os padres aparecerem por lá. Deu no que deu: dança para Santo Antônio, para São Gonçalo, até para a Santa Cruz. A fé brasileira sempre conviveu bem com a folia."
...idades: São Gabriel da Cachoeira (AM), ...anuário (MG), Valença (RJ), Teresina (PI), Amarante (PI), Laranjeiras (SE), Alcântara (MA), São Luís (MA), Santo Antônio da Patrulha (RS), Carapicuíba (SP).
...olia de reis, reisado.
...roda de São Gonçalo, danças de São.
Santa Cruz, dança da Zagaia.
Personalidade: Elba Ramalho.

"O Brasil, graças a Alá, é um país cafuzo. Somos todos jacas-tatus, jacas-coxas. Os portugueses, influenciados pelos árabes, já desceram das caravelas armados com ...ões e rabecas. E deu no que deu. Uma moda de viola é a expressão mais direta do nosso romanceiro. E é com rabecas e rabecas nos transmitiram o gosto por melodias que ainda hoje formam a base mais profunda do cancioneiro nacional."
...arenagué (PR), Condeúba (PE), Cuiabá (MT), Xapuri (AC), Santo Antônio do Leverger (MT), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Alto Belo (MG), São José dos Campos (SP).
...ensenho, valsa, xaxado, música pantaneira.
...sica (Mestre Amâncio), Helena Meirelles, Paralamas Do Sucesso, Tom Zé.

"O Brasil tá com a corda toda. Cordas vindas de toda a parte. O cavaquinho veio de Portugal. O banjo, dos Estados Unidos. A guitarra elétrica, da Bahia. E, quem poderia saber?, a mais original guitarrista elétrica brasileira mora numa ilha perto de Belém. Vieira, o inventor das guitarradas, a surf music para surfistas da pororoca, a trilha sonora para quem viaja de voadeira pelos rios da Amazônia."
...Belém (PA), Rio de Janeiro (RJ), Abaetetuba (PA), Rosário (MA), São Francisco do Conde (BA), Salvador (BA).
...Manifestações: lambada, frevo, brega, dança do lelé, choro, frevo.
...onalidades: Renato e Seus Blue Caps, Armandinho, Moraes Moreira e Davi Moraes, Paralamas Do Sucesso, João Bosco.

"Geralmente os homens, conhecidos como coureiros, puxam o canto e tocam os tambores e as mulheres dançam e fazem o coro. O complexo diálogo entre a batida dos tambores e os movimentos dos corpos das dançarinas é quase sexual. O orgasmo é a punga, o toque grave e acentuado na parte central do couro do tambor grande, que é acompanhado por uma umbigada entre duas dançarinas, que gritam de felicidade. As letras das músicas incluem sátira sobre a vida cotidiana dos integrantes do tambor e desafios entre dois ou mais cantadores"

Dançarinos ensinam a punga de pernada, Rosário (MA)

Boi tinga, São Caetano de Odivelas (PA); à esq., samba de roda, São Brás (BA)

Orquestra de Viola, São José dos Campos (SP); à esq., Palhaço, Guriatã e Mateus, do Guerreiro Leão Devorador, Marechal Deodoro (AL)

Brasil não tivesse tempo de ir à sua casa em Belém, onde daria para mostrar seu guarda-roupa ("Relativamente legal e bastante eclético, como eu", prometeu o artista). Há também Vieira, o inventor das guitarradas de Barcarena (PA). "A gente apelidou o estilo dele de 'pororoca surf music'", conta Victor.

Nem as bandas de ciranda nem Chimbinha, muito menos Seu Sucurarana (mestre do tambor do marabaixo em Macapá, Amapá) ou Seu Luís Mariano (chefe do jongo em São Luís do Paraitinga, São Paulo) imaginam, mas um traveco famoso ajudou sua arte a sair do ineditismo. "Encontrei Hermano em uma festa de carnaval de Ru Paul em 1995 e sugeri a ele fazermos um projeto sobre música brasileira", lembra o produtor. Dois anos depois, a conversa começou para valer, já com a presença do diretor Belisário França, responsável pelas filmagens.

Para pensar *Música do Brasil*, o antropólogo partiu de um raciocínio simples: a música ocupa um lugar absolutamente central em nossa cultura, atuando muitas vezes como elemento indispensável na construção de sua identidade e na divulgação de sua imagem pelo mundo afora. Mas apenas uma parcela mínima desses ritmos podem ser escutados em vinil, fita ou CD, mesmo pelo mais empenhado e rigoroso apreciador. Por que tão poucos estilos musicais brasileiros foram devidamente registrados?

A pergunta soa óbvia, mas apenas os esforços pioneiros das coleções da Missão de Pesquisas Folclóricas (planejada pelo poeta e musicólogo Mário de Andrade nos anos 30), do professor e compositor carioca Luís Heitor Corrêa de Azevedo (que gravou os sons do Ceará, de Goiás, de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul nos anos 40), do publicitário Marcus Pereira (que nos anos 70 lançou a coleção *Música Popular...*, com quatro LPs) e do Documentário Sonoro do Folclore Brasileiro (anos 70 e 80, lançada pela Funarte) atreveram-se a respondê-la. Segundo Hermano, "essas foram as únicas tentativas de tornar disponível para os ouvintes um mapeamento transregional da exuberante diversidade musical existente em nosso país".

Música do Brasil propôs-se a fazer o retrato mais completo possível dessa diversidade. As 300 pautas coletadas pelo antropólogo em suas andanças foram reduzidas a 130 – [illegible] a equipe estaria até hoje rodando o país. A próxima etapa foi montar um roteiro que melhor aproveitasse o orçamento de 4 milhões de dólares, gravando a maior quantidade possível de estilos musicais. "Fiquei semanas debruçado em mapas, todos rabiscados, calculando distâncias, tempo de viagem e tentando adequar tudo isso à data de festas etc.", diz Hermano.

Em seguida, pé na estrada, onde não faltaram personagens comoventes, como Dona Elza, mestra do caroço, uma dança de São Luís (MA). "Uma pessoa alegre, feliz e simples. Ela diz que tristeza não paga conta: 'Comigo não tem tristeza, meu amor. Eu gosto de brincar. Brinco totalmente de vontade, é vontade mesmo. ▶

"Valença organiza um tradicional encontro de Folias no Dia de Reis. Incrível a quantidade de palhaços, o pessoal do mal, representando os soldados de Herodes. São todos meninos funkeiros, com histórias de perseguição por espíritos diabólicos quando estão fardados. Suas fardas misturam imagens do funk e do heavy metal com as bíblicas tradicionais. Sair na Folia é uma compromisso religioso, uma promessa de sete anos"

Folia de Reis, Valença (RJ)

Para Acordeão

"Diz a lenda que o acordeão foi inventado por um francês, no século 19. Diz também a lenda que ele entrou para o Brasil, com o nome gaita, pelo Rio Grande do Sul. A partir do encontro dos soldados gaúchos com os nordestinos, na Guerra do Paraguai, a gaita teria se espalhado pelo resto do país. Foi um espalhamento danado. A gaita virou fole, sanfona, harmônica e muitas músicas foram sendo criadas por onde ela ia passando. Música para forró, forró. Música para todo mundo dançar."

Cidades: Fagundes (PB), Xapuri (AC), Joinville (SC), Valença (RJ), Porto Alegre (RS), Cuiabá (MT)

Manifestações: forró, xote, calango, toques gaúchos

Personalidades: Renato Borghetti, Martinho Da Vila, Dominguinhos

Para Índio

"É óbvio: o Brasil é um país de índio. Ainda hoje, são faladas cerca de 200 línguas indígenas diferentes no território nacional. Cada um desses povos tem sua música. Esse é um programa de música para gente fantasiada de índio, para índios que moram na cidade, para encontros de brancos e negros com índios, para gente que quer ser índio. Música para novos índios, novas tribos. Música para quem tem um pé na selva."

[illegible] São José do Rio Preto (SP), São Gabriel da Cachoeira (AM), Manaus (AM), Santarém (PA), Palmeira dos Índios (AL), Ceará-Mirim (RN)

[illegible] [illegible]odinho

[illegible] Marlui Miranda e Sepultura

Para Boi

"Boi calemba; Bumba; Boi-de-[illegible]; Boi-de-mamão; Boi-bumbá; Bumba-meu-boi; Folguedo-do-boi; Reis-de-boi. Ufa! É muito boi para um só país. O boi é o verdadeiro herói nacional. Todo ano, em milhares de festas, o boi morre e ressuscita para alegria geral. Só mesmo com muita música para fazer tanto boi dançar."

[illegible] Aliança (PE), Pedro Velho (RN), Imaruí (SC), Caeté (MG), São Luís (MA), São Caetano de Odivelas (PA), Parintins (AM)

Manifestações: cavalo-marinho, boi-de-reis, boi-de-mamão, boi-de-mamão, bumba-meu-boi, boi tinga, boi-bumbá

[illegible] Carrapicho

Para [illegible]

"O que seria da música brasileira se não fosse o coreto? Foi em praça pública, numa retreta, que o Brasil aprendeu a tocar em banda, a ler música, a escrever arranjos, a fazer trilha sonora para muito início de namoro. Foi num coreto que inventamos o jeito brasileiro de tocar saxofone, clarinete, tuba. [illegible] outros grupos musicais, do samba ao carimbó. Música [illegible] pro para todo tipo de música."

Cidades: Belém (PA), Sabará (MG), Rio de Janeiro (RJ), Manaus (AM), Cuiabá (MT), Santo Antônio de Leverger (MT), Taperoá (BA)

Manifestações: lambadão cuiabano, siriri elétrico, rasqueado, jazz, samba

Personalidades: Paulo Moura, Carlos Malta, Roberto Marques

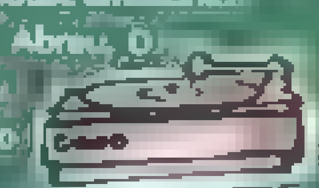
Para Rituais de Antropofagia [illegible]

"Oswald de Andrade decretou: 'Só a antropofagia nos une'. E disse mais. Disse que a lei do antropófago é a seguinte: 'Só interessa o que não é meu'. A música brasileira sempre soube disso. E comeu direitinho o que não era dela. Continuamos vorazes. Funk, punk, reggae, tecno, house: o que vier nós traçamos. E digerimos da nossa maneira. De muitas maneiras."

[illegible] Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), João Pessoa (PB), São Luís (MA), Salvador (BA), Campestre (MG), Belém (PA), Manaus (AM)

Manifestações: funk carioca, rap, reggae, samba-reggae, country, tecno, house amazônica

[illegible] Fernanda Abreu, D. Marlboro, Fosse Mente Zulu, Racionais MCs, Neguinho Do Samba



Para Cantadores e Poetas

"O Brasil canta, não se cansa de cantar. Há cantos de todos os tipos. Cantos improvisados. Cantos de trabalho. Cantos de ninar. Cantos para cantar junto; cantos para cantar separado. No canto, [illegible] se tornam populares. Cantando, a língua portuguesa é recriada, o cantor torna-se senhor da lín[gua] [illegible] fragilidade e beleza."

Cidades: Natal (RN), União (PI), Juazeiro do Norte (CE), Santo Antônio da Patrulha (RS), Araçuaí (MG), Aquadas (SE), Limoeiro de Anadia (AL), Rio de Janeiro (RJ)

Manifestações: canção ibérica, maneiro pau, corais, olaria, coco, repente, embolada, ragga

[illegible] Tom Zé, Oliveira Das Panelas, Paralamas Do Sucesso

Quando eu tô com vontade, eu mesmo mando bater, eu mesmo canto, eu mesmo danço. A alegria leva tudo. Tá triste? Toma um copo d'água" conta Victor.

Outra mostra de devoção à música é dada por Cacilda Cunha, que brinca o lindro amor em São Francisco do Conde (BA). "Quando Mãe Aurea me chama para vir dançar, largo tudo e venho. Agora eu moro em Camaçari, mas estou aqui em São Francisco do Conde, não estou? Peguei ônibus, três horas... Ontem eu estava doente, hoje eu estou na maior alegria. Quando eu chegar em casa eu vou estar doente novamente... Vou me deitar porque estou cansada. Mas agora não. Se for pra sambar até de manhã, eu sambo. Mas depois... Sou assim. Não gosto de transmitir nada de negativo para ninguém" conforme relata a Hermano no livro do projeto.

Além das imagens com os artistas em ação, *Música do Brasil* captou em equipamento digital as músicas executadas, que estarão em uma caixa com quatro discos. A empreitada vai resultar também em um livro com fotografias e textos (a cargo de Ernesto Baldan e Hermano Vianna, respectivamente) e em um site na Internet. As pessoas que não contam com a MTV em suas cidades poderão ver os programas na TV Cultura, a partir de abril. Todo o material registrado – "foi usada uma parcela mínima na edição final", garante Hermano – estará disponível, no Departamento de Documentação (Dedoc) da Editora Abril para consulta pública.

Os episódios, apresentados por Gilberto Gil, recebem as presenças de artistas como Tom Zé, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Naná Vasconcelos, João Bosco, Carlinhos Brown, Paralamas Do Sucesso (aliás, Herbert Vianna é irmão de Hermano), Paulinho Da Viola, Martinho Da Vila, Beth Carvalho e É O Tchan, entre outros, fazendo associações entre sua música e o material coletado. Caetano, por exemplo, deixa claro o parentesco de muitas de suas composições com o samba de roda do Recôncavo Baiano; Martinho mostra o que aprendeu com os cantos e ritmos de folias de reis; o mangue beat revela como o maracatu rural e o cavalo-marinho estão na base de suas conexões musicais.

Para Hermano, no entanto, a coisa mais impressionante é a visão de conjunto, ver como tudo está ligado em rede. Se os artistas famosos revelam suas influências nos ritmos populares, os anônimos tratam de dar origem às suas próprias misturas, à "alegria polirrítmica do povo brasileiro" na definição do antropólogo. "Uma nação onde o techno convive com o carimbó, o reggae com o bumba-meu-boi, o forró com o heavy metal, o funk com o pagode, o country com o caipira, o pastoril com o pós-moderno", enumera. Com tudo isso, não será surpresa se, daqui a algum tempo, for necessário um *Música do Brasil 2*.

"Antonio Pereira Junior, mais conhecido como Toinho, é o líder da Dragões Do Forró. Líder é pouco: Toinho é o dono da banda. Os instrumentos são de sua propriedade, por uma razão simples: foi ele quem os construiu. Por isso pode decidir quem toca na banda, que instrumento vai tocar e em que ocasiões os ensaios e apresentações podem acontecer. Os Dragões Do Forró são uma banda de lata. Essa é uma instituição musical típica do sertão nordestino, tão típica quanto a banda de pífano ou o trio de baião. O nome já diz muita coisa: a banda é de lata porque seus instrumentos são feitos com sucatas. Na maior parte das vezes não precisam produzir nenhum som. A guitarra e o baixo, por exemplo, são mudos e servem apenas para causar impacto visual: seus instrumentistas apenas fazem mímica. Toinho toca um sax feito com cano hidráulico que incrivelmente produz algum som. Mas é a batucada das latas que leva o público – crianças da idade de quem está no palco – ao delírio. Fico imaginando o que Toinho faria se tivesse a oportunidade de brincar com um computador"

Toinho, dono e construtor de instrumentos da banda de lata Dragões Do Forro, Nova Olinda (CE)

Pérolas escondidas

Números da brincadeira:
80 mil quilômetros rodados
108 estilos musicais
130 performances musicais
80 cidades
19 Estados

Trilha do Samba

"No Brasil, quem não gosta de samba é ruim de cabeça ou doente do pé. Samba virou símbolo do Brasil e não há sinais de que outro ritmo vá pegar seu lugar. Samba de telecoteco. Samba de uma nota só. Samba do avião. Na minha terra tudo termina em samba. E onde tudo começou? Em algum terreiro, com um batuque de escravos. Até hoje, muitos estilos musicais brasileiros são chamados simplesmente assim: batuque.

Araçuaí (MG), Guriaú (AP), Santarém (PA), Valença (RJ), São Luís do Paraitinga (SP), Santana do Parnaíba (SP), São Brás (BA).

...batuque, lundu, caxambu, ...ongo, samba de Guaratiquara, samba de ...roda.

Personalidades: Paulinho Da ... Viola, Caetano Veloso.

"Quando menos se espera o samba se reinventa e passa novamente a ser a música mais popular do Brasil. É o que acontece no rádio de hoje, do Olapoque ao Chuí. O pagode de São Paulo e o neo-samba-de-roda baiano dominam todas as estações e a lista de discos mais vendidos. Mas, para isso acontecer, todos os batuques convergiram para o Rio, onde se inventou a música popular nacional."

...idades: Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP).

...ações: samba, pagode, pagode de ...uingue paulista, samba de roda.

...alidades: Paulinho Da Viola, Beth Carvalho, Roberto Silva, Art Popular, É O Tchan!

...é tocado só para criar clima. A mú... ...ão está aí para fazer o povo dançar, ou para ser a trilha sonora de um drama, de uma comédia. Música para teatro e bailado. Porque quem não é músico também tem o direito de se divertir."

Cidades: Limoeiro de Anadia (AL), Monies Claros (MG), Maceió (AL), Mosqueiro (PA), Marechal Deodoro (AL), Santarém (PA), Quebrangulo (AL), Caeté (MG), Laranjeiras (SE), Natal (RN), João Pessoa (PB), Manaus (AM).

Manifestações: congada, maracatu, fandango, pássaro, guerreiro, pretinhas de Angola, rezas de costa, contradança, dança do parafuso, drama.

Vovôs de futuro

Cheios de planos, Crosby, Stills, Nash e Young seguem acreditando em sonhos que o dinheiro não compra

Por Daniel Oliveira, de São Francisco, EUA

"Estamos esperando Neil chegar", diz a assessora de imprensa, desculpando-se pelo atraso da entrevista. Enquanto o sol brilha sobre as ruas de São Francisco, David Crosby e Stephen Stills, dois senhores (59 e 57 anos, respectivamente) sorridentes, e Graham Nash, um inglês educadíssimo (também já nos 57, recentemente recuperado de um acidente de barco que lhe quebrou as duas pernas), passam o tempo cantando e tocando violão numa suíte do caríssimo hotel The Westin St. Francis. Eles estão aguardando Young para divulgar *Looking Forward* – primeiro disco do legendário quarteto em 11 anos. Uma turnê pelos EUA está rolando desde o fim de janeiro (e vai até julho).

O atraso de Neil Young, um dos nomes mais influentes do rock de todos os tempos, supera superioridade em relação aos colegas. Mas talvez tenha mais a ver com desprezo pelos jornalistas: o homem não gosta muito de dar entrevista, principalmente se for para um veículo ligado às chamadas "grandes corporações".

Neil Young não fala com a *Rolling Stone*: "A revista cheira muito forte com aqueles anúncios de perfume. Não quero estar em revistas assim"

Mais tarde, ele confirma que não lê mais a revista americana *Rolling Stone* por causa do odor. "A revista cheira muito forte com aqueles anúncios de perfume. Não quero estar em revistas assim."

Neil chega. Limpo – sem perfume, naturalmente –, com bermuda jeans, camisa branca e casaco azul, é um senhor [illegible]. A face apresenta todas as rugas a que dão direito seus 54 anos, mas o corpo parece forte e saudável. Sentado entre os velhos companheiros num sofá, ele [illegible] declarando sua satisfação por estar novamente com eles. "Fico feliz em fazer parte de um grupo após tanto tempo trabalhando apenas como artista-solo."

Crosby, Stills e Nash demonstram bom humor. Young praticamente não ri. Sua seriedade combina com as baladas tristes de *Looking Forward* (Olhando Para A Frente), principalmente "Heartland" e a faixa-título. Perguntado sobre o som agressivo de grupos americanos como Korn e Limp Bizkit, ele responde com raiva e desgosto. "Quem se importa com a música de hoje? Esses grupos não nos influenciam e não têm nada a ver conosco. Tocamos o que gostamos e nos divertimos bastante."

"Quase toda a música atual é sobre raiva e frustração. Mas há milhões de pessoas por aí que têm esperança. E jamais passou pela nossa cabeça soar atual ou legal para os padrões contemporâneos. Somos músicos meticulosos, tentamos tirar o melhor som dos violões, criar harmonias vocais bonitas e particulares, trabalhamos pensando apenas nisso", argumenta sabiamente David Crosby.

Ele vive desde 1994 com o fígado de outra pessoa: as drogas pesadas destruíram seu órgão original. Preso em março de 1985 após fugir de um centro de reabilitação, Crosby saiu por dois meses, pôde tocar com Stills, Nash e Young no festival Live Aid em julho, e voltou à prisão em dezembro daquele ano. Libertado em 1986, escreveu *Long Time Gone*, uma autobiografia que revela sua descida ao inferno das drogas. "Aprendi muito escrevendo sobre aquela triste vida que eu levava", garante ele, pai de um menino de 4 anos. Outra vitória recente em sua vida é o trio CPR, formado com o guitarrista Jeff Pevar e o vocalista James Raymond (um filho "perdido" que Crosby só soube que existia na década de 90), que já lançou três elogiados discos independentes.

Apesar de Crosby, Stills & Nash não lançar um bom disco desde *CSN*, de 1977 (conforme o próprio Stills avaliou), eles não estavam precisando de dinheiro e não houve nenhuma "sugestão" da gravadora. A reunião com Neil Young foi quase acidental. Ano passado, no rancho de Neil em Woodside, norte da Califórnia, ele e Stills se juntaram para ouvir velhas gravações e organizar a edição de uma caixa de CDs do Buffalo Springfield. "A gente acabou se redescobrindo como músicos", lembra Stills, que aproveitou e mostrou uma canção nova do [illegible] que [illegible] acabou não entrando no disco. Neil gostou e Stills o convidou para participar da gravação, junto com Crosby e Nash. Dias depois, Neil, empolgado feito menino, se mandou de carro para Los Angeles, onde o trio preparava *Looking Forward*. Stills lembra do papo telefônico:

"Oi, aqui é o Neil. Estou a caminho."
"[illegible] mesmo? Qual é o número do vôo?"
"Você não está entendendo. Eu estou de carro! Meu amplificador, minha guitarra [illegible] estão na mala. Estarei aí em seis horas."

Neil detalha a situação: "Soube que eles estavam sem gravadora, juntos num estúdio. Isso significava que estavam mesmo muito a fim de trabalhar juntos, não havia ninguém 'sugerindo' uma volta. Quando cheguei lá, vi que as músicas eram ótimas e o clima todo estava muito divertido."

David Crosby faz questão de esclarecer: "Neil Young veio para tocar em uma música. Chegou quando estávamos trabalhando em outra, 'Heartland', e perguntou: 'Posso tocar nessa também?' Duas músicas depois, o homem já tinha tocado violão, tocado piano e cantado. Acabou trazendo uma fita com seis músicas dele. Escolhemos três na cara! Neil sentiu que o negócio estava bom e não largou a gente."

O canadense também tratou de meter o bedelho no esquema de gravação. "Tentei convencê-los a tocar e cantar ao mesmo tempo, sem refazer os vocais depois, sem overdubs. É assim que eu faço nos meus discos", explica. "Em 'Stand And Be Counted', Crosby canta ao vivo. E eu e Stills estamos como nos tempos de Buffalo Springfield...", empolga-se. Neil revela que o trabalho na caixa de CDs da banda (que sai este ano) em que ele e Stephen Stills tocaram nos anos 60 trouxe uma frustração. "Dá para perceber o Buffalo se esfacelando a cada disco. Cada um queria ir numa direção. Foi uma pena que nunca tivemos um produtor de verdade para nos orientar, só trabalhamos com [illegible] da gravadora no estúdio." Mesmo [illegible] nessa nova encarnação do Crosby, Stills, Nash & Young, ele planeja lançar este ano um novo disco solo, "provavelmente pegando as coisas de onde o Buffalo Springfield largou, em 1968".

Neil Young esteve cotado para tocar no Hollywood Rock de [illegible], mas pulou fora quando descobriu que o festival era patrocinado por uma companhia de cigarros. "Eu não queria apoiar marca de cigarro. E o nome do festival parecia ligado à cena musical de Hollywood", explica. Seu empresário, Elliot Roberts, diz que a música "This Note's For You", que Neil lançou em 1988 no álbum de mesmo nome, foi fundamental para o cancelamento. A letra – "não estou cantando para a Pepsi, não estou cantando para a Coca, isso me faria ficar com cara de panaca" – critica artistas que liberam músicas para anúncios de grandes empresas. A MTV [illegible] que ridicularizava o acidente que [illegible] Michael Jackson durante [illegible] de um anúncio da Pepsi [illegible] foi parar nas manchetes americanas. "Como poderíamos tocar no Brasil por 200 mil dólares após brigar com corporações americanas?", [illegible] Roberts.

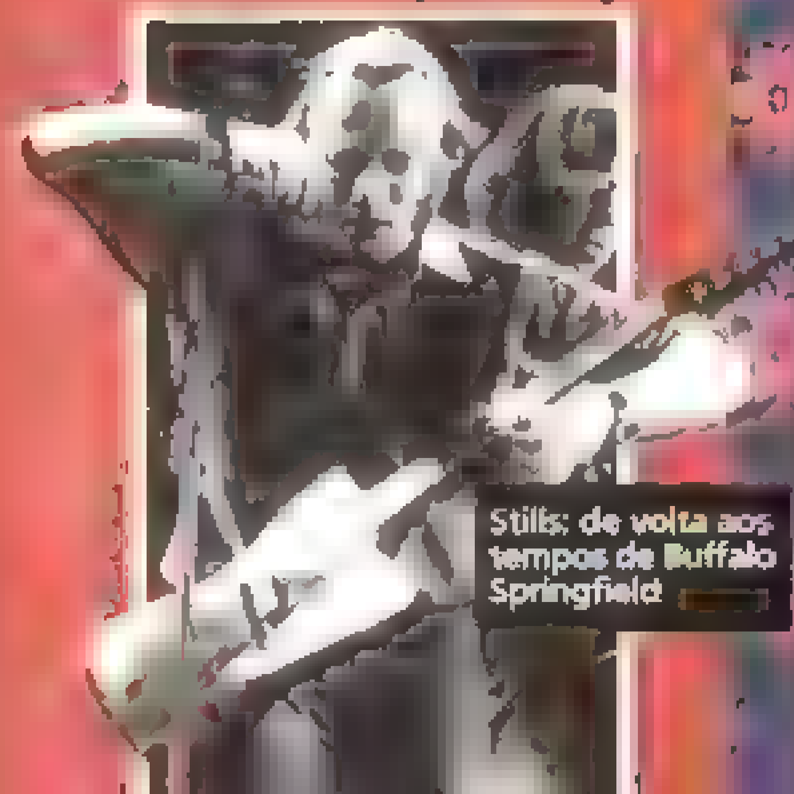
Com ou sem Crosby, Stills e Nash, Young diz que ainda não tem planos para tocar por aqui. Mas Roberts confirma que está em contato com um promotor nacional. "Queremos ir ao Brasil. O Neil nunca esteve na América do Sul. Espero que a turnê role este ano." Vamos cruzar os dedos.

Young: "Quem se importa com a música atual?"

Lindos protestos

Crosby, ex-Byrds: a voz continua [illegible]

Nash quebrou [illegible] estas duas pernas no Hawaii em 1999



Stills: de volta aos tempos de Buffalo Springfield

O que vem aí

- **Caixa do Buffalo Springfield**
  Sai em maio, incluindo material inédito do grupo que tinha os jovens Neil Young e Stephen Stills.
- **Caixa de Neil Young**
  Esperada há mais de dez anos, deve sair no segundo semestre *The Neil Young Archives*, título que pode mudar, deve trazer oito CDs. Entre as maravilhas selecionadas, há material da primeira banda de Neil, The Squires, um show de 1970 com a banda Crazy Horse, três álbuns abortados na década de 70 e faixas dos excelentes LPs *On The Beach* (1974) e *Time Fades Away* (1973), que até hoje só existem em vinil. "Adiei várias vezes porque sigo uma regra no meu trabalho: projeto atual é sempre prioridade", explica Neil
- **Um álbum com demos e material inédito de Crosby, Stills & Nash**, gravado em 1969, deve vir à tona até o fim do ano

A anarquia se organiza

Legião Urbana, Plebe Rude e Capital Inicial conquistaram seu espaço rompendo com os padrões vigentes no Brasil do começo dos anos 80. E o Planalto Central acabou ficando pequeno demais para a Turma da Colina

por Gabriel Manzano

Café, soja, tomate, ervilha e milho, muito milho. A agricultura é a principal atividade econômica de Patos de Minas. A cidade mineira que fica a 405 quilômetros de Brasília, investe tanto no plantio, que tem uma área especialmente para exibir o resultado de sua produção anual: o Parque de Exposições de Patos de Minas, onde é realizada há 41 anos a Festa Nacional do Milho. E foi no meio da poeira da arena de shows do parque, bem distante do concreto brasiliense que a Legião Urbana fez a primeira apresentação de sua carreira.

A banda foi uma das nove atrações do festival Rock no Parque, realizado no dia [illegible] de setembro de 1982 em Patos de Minas. Na verdade, a Cadorn Promoções, empresa responsável pela produção do festival – tinha contratado o Aborto Elétrico e até impresso centenas de cartazes com o nome da banda formada por Renato Russo, Fê Lemos e Andre Pretorius. Mas, como o grupo tinha acabado, Renato convenceu o dono da produtora, Carlos Alberto Xaxum, a se apresentar com a banda que tinha acabado de formar com o baterista Marcelo Bonfá.

Inicialmente, a idéia de Renato era mais ambiciosa do que apenas criar mais uma banda de rock'n roll no Planalto Central. Ele queria que a Legião Urbana realmente representasse a turma que tinha ajudado a criar no final dos anos 70 com o Aborto Elétrico. Na cabeça de Renato, a idéia era fazer um rock mais pop para poder mexer com as estruturas da cidade. Para isso, quanto mais gente, melhor, contanto que se mantivesse o controle ideológico da coisa", explica Dado Villa-Lobos, o terceiro (e definitivo) guitarrista da Legião. "A idéia original era ficar apenas o Renato e o Bonfá. Eles chamaram diversos outros músicos e compositores da turma para fazer as canções. Seria uma espécie de célula mutante: as pessoas iam entrando e se revezando", complementa Dado.

Os dois responsáveis pelo núcleo da 'célula mutante' tinham completa afinidade musical, como revela o baterista Marcelo Bonfá. "Quando o Renato pegava o baixo, se ele tocasse uma nota, eu já sabia tudo que ele queria dizer: o ritmo, o andamento, tudo. Não precisava falar nada, era uma conversa totalmente musical. Baixo e bateria pulsando... E a guitarra a gente já ouvia na cabeça."

Para que o som da guitarra não ficasse limitado à imaginação da dupla, Bonfá convidou um colega de colégio que não ▶

"A idéia original era ficar apenas o Renato e o Bonfá. Seria uma espécie de célula mutante, as pessoas iam entrando e se revezando"

Dado Villa-Lobos

Legião Urbana na ciclovia do Lago Norte, em 1982, ainda com Eduardo Paraná nas guitarras

[illegible] ha do punk/rock. Eduardo "Paraná" [illegible], que atualmente desenvolve carreira na música instrumental utilizando o nome de Kadu Lambach, dominava tanto o instrumento que logo os três perceberam que seu potencial seria desperdiçado. "Ele olhava para a cara do Renato e dizia: 'Vai querer que eu faça só uma nota?' O Renato respondia: 'Yes! Faz só isso, mais nada!' Aí o Paraná via que não ia dar e resolveu ir embora", lembra o baterista.

[illegible]

O tecladista que o grupo convidou, Paulo "Paulista" Guimarães, também não durou muito tempo. Mais [illegible] das de teclados utilizadas no rock progressivo, Paulo [illegible] a tocar várias vezes seu teclado Casiotone no quarto de Renato Russo, primeiro local utilizado para ensaios. Mas o primeiro e único show foi mesmo o de Patos de Minas, que [illegible] Nesse [illegible] tanto Paraná como Paulista saíram porque perceberam o óbvio: sabiam mais do que era necessário para aplicar [illegible] arranjos simples da Legião. A solução seria procurar alguém que compensasse com entusiasmo juvenil a falta de técnica. Alguém como Dado Villa-Lobos.

Quando nasceu em Bruxelas, no dia 29 de junho de 1965, Eduardo Dutra Villa-Lobos foi programado a receber um futuro brilhante. Seguiria a vontade do pai e seria sociólogo. Mas foi aos 14 anos, quando voltou a Brasília depois de morar na Iugoslávia, Uruguai e França, que começou a ser abortada a carreira acadêmica de Dado Villa-Lobos. Na capital, ele ouviu pela primeira vez o disco *It's Alive*, dos Ramones. "Aí tudo mudou", define o futuro guitarrista da Legião Urbana. "Porque logo depois eu passei pelo Foods (*bar no [illegible] na Asa Sul*) e já vi umas bandas tocando ao vivo. Era muito parecido

Dado Villa-Lobos, já legionário, no Teatro Nacional, em Brasília, em 1986

com a experiência de [illegible] que [illegible] os Ramones em Nova York em [illegible].

[illegible] participar [illegible] embrionário rock de Brasília [illegible] no final dos anos 70 na capital federal a partir de bandas como [illegible] Elétrico e Blitx 64. Até porque a [illegible] de transgressão que aquele me[illegible] [illegible] e [illegible] com [illegible] bombons de chocolate [illegible] país. "Eu estava cursando Sociologia na UnB (*Universidade de Brasília*) e minha vida já estava programada: era fazer o currículo básico do curso, depois voltar para a França e seguir a faculdade por lá", conta. "Até que fiquei sabendo que a Legião Urbana estava [illegible] guitarrista para fazer o primeiro grande show da carreira deles, em uma temporada na Associação Brasiliense de Odontologia (*ABO*). E eles estavam procurando um cara que, se fosse tipo David Byrne (*do Talking Heads, conhecido pelo estilo despojado e sem virtuosismos*), estava legal."

[illegible]

"Como a gente trocava muita fita cassete, a turma conhecia [illegible] as músicas de todas as bandas. Não dava para ouvir bem, mas todo mundo conhecia o repertório do outro. Não queríamos ouvir o que estava rolando, queríamos fazer o nosso próprio som. Então, o que a gente ouvia de música brasileira éramos nós mesmos...", constata o amigo Dinho Ouro Preto.

Filho de diplomatas, o curitibano Fernando Ouro Preto morou em Genebra (Suíça) antes de se mudar para o cerrado. Fernandinho (do diminutivo vem o apelido Dinho, que se tornaria nome artístico do cantor) namorava Helena, irmã de Fê e Flávio Lemos, respectivamente baterista e baixista do Aborto Elétrico. Por isso, acompanhava de perto os ensaios do Aborto na casa dos Lemos, no Lago Norte. "Vi várias músicas surgindo naquela época: 'Conexão Amazônica', 'Veraneio Vascaína', 'Fátima'..."

Fã de Led Zeppelin e Deep Purple, Dinho usava cabelo comprido e desprezava o punk/rock. De tanto frequentar os ensaios do Aborto, porém, acabou convertido aos três acordes. Cortou o cabelo e, quando soube que Fê e Flávio estavam procurando um novo vocalista ▶

O primeiro show da Legião

Setembro de 1982. O Brasil começa a sentir os efeitos da redemocratização, com o abrandamento da censura e da repressão policial. Mas, em uma cidade do interior e conservadora como Patos de Minas, esses sinais demoravam a ser captados. De jeans rasgados e cabelos arrepiados, uma turma de punks brasilienses desembarca para participar de um festival de rock no Parque de Exposições da cidade mineira. Não poderia acabar bem.

Anunciada até poucos dias antes do festival como Aborto Elétrico (os organizadores não sabiam que a banda tinha acabado), a Legião deu um jeito de levar na viagem alguns amigos, entre eles os integrantes da Plebe Rude. Eles chegaram cedo à cidade, mas como não havia muito o que fazer, passaram o dia enchendo a cara e dormindo na grama.

Na hora da passagem de som, a primeira surpresa: "Eu precisava de alguém para passar o som do violão", lembra o técnico Marcos Amorim. "Aí o Renato pegou o violão, chamou a galera e disse: 'O meu show já começou'. Nunca tinha visto isso antes: começar um show durante a passagem. E nunca mais vi de novo", comenta Amorim, 39 anos, atualmente trabalhando na equipe de palco do Jota Quest.

Renato, Paraná (guitarra), Paulista (teclados) e Bonfá (bateria) fizeram então o primeiro show da carreira da Legião Urbana. Na platéia, dezenas de policiais fardados atentos às letras de protesto da banda. Mas a barra só pesou de verdade quando a Plebe Rude subiu ao palco e tocou a música "Vote Em Branco", que tinha os seguintes versos: "Imagine uma eleição onde ninguém fosse eleito/ Já estou vendo a cara do futuro prefeito/ Vamos lá, cara, seja franco/ Use o poder do seu voto/Vote em branco/ Seja alguém, não vote em ninguém".

Não deu outra. Terminado o show da Plebe, a polícia levou todo mundo preso para "esclarecimentos" sobre o conteúdo das letras. Na delegacia, Renato fez discurso pregando a liberdade de expressão dos artistas. Foi tão convincente que o delegado liberou a turma toda, com apenas uma condição: que pegassem o primeiro ônibus de volta a Brasília e nunca mais aparecessem por lá. Condição imediatamente aceita.

Meses depois da estréia em Patos de Minas, durante intervalo forçado pela quebra de uma guitarra em show na temporada da Associação Brasileira de Odontologia (ABO), Renato deu versão um pouco diferente para o episódio da prisão. "(...) Acontece que nossas letras nunca foram muito assim, digamos, construtivas para o pessoal do lado direito. (...) Só que, de repente, a Plebe Rude desce do palco escoltada por uns 20 policiais de cada lado, que perguntam: 'Quem escreveu aqueles versos?'. Mas a música não é [illegible] da Plebe Rude, a música era da gente, essa música se chama 'Música Urbana'", narrou Renato, referindo-se à balada *bluesy* incluída no álbum *Dois*, da Legião, que tem os versos: "Os PMs armados/ E as tropas de choque vomitam música urbana".

O Capital Inicial em 1983, posando nas ruínas do Centro Olímpico (CO) da UnB

para a banda que tinham montado com o guitarrista Loro Jones, se ofereceu para cantar. Em maio de 1983, ele e Helena Resende (então namorada de Gutje, baterista da Plebe Rude) fizeram teste para vocalista do Capital Inicial cantando a única música que conheciam: "Psicopata". "A Helena foi um desastre, eu fui OK. Como só havia duas pessoas lá, me deram o emprego. Simples, não? O incrível é que, até hoje, eu canto essa maldita música...", ironiza Dinho. Ele insistiu para que os Lemos aproveitassem alguns dos clássicos do Aborto no repertório do novo grupo e ainda fez Renato Russo terminar a letra do que seria o maior sucesso do Capital: "Música Urbana".

Tinha um cassete com essa música, mas ela estava inacabada, com uma só estrofe. Aí eu liguei para o Renato e pedi para ele fazer a segunda estrofe. Ele falou 'Ah, é? Peraí' anota a segunda parte... E fez na hora, pelo telefone!", espanta-se o vocalista, que entrou no Capital substituindo Heloísa, uma bela ruiva que não podia se dedicar à banda por conta da pressão dos pais.

Mas foi Heloísa, a vocalista do Capital na temporada de shows da ABO, certamente o ponto de virada na trajetória das bandas brasilienses rumo a profissionalização. Realizada em abril de 1983 num pequeno teatro da Associação Brasiliense de Odontologia, a temporada durou um mês e foi um sucesso de público. Marcou também a estreia oficial de Dado Villa-Lobos como guitarrista da Legião substituindo Ico Ouro Preto.

A FEBRE DA TEMPORADA

"Eles me chamaram um mês antes da apresentação na ABO – tivemos esse tempo para montar um repertório, que até então era só 'Ainda É Cedo' e coisas da época do Aborto. A gente passou um mês na casa do Renato, no quarto dele, fazendo as músicas 'Petróleo Do Futuro', 'Teorema', 'A Dança', 'Baader (Meinhof-Blues)', 'O Reggae'... Praticamente todas que entraram no primeiro disco. Nós fomos a zebra da temporada porque as outras bandas, Capital, XXX e Plebe, ensaiavam há muito mais tempo e tinham repertório definido", lembra Dado.

Outra consequência da temporada de shows da ABO foi a consolidação do prestígio e popularidade da Plebe Rude. Mesmo integrantes de outras bandas reconhecem que a formação fundada em 1981 por André Mueller (baixo), Gutje Woortman (bateria) e Philippe Seabra (guitarra e vocal) era quem dava as cartas do punk/rock brasiliense. "A Plebe liderou hierarquicamente as outras bandas, foi a que mais despontou nessa época", constata o guitarrista da Legião.

Naquela época, a Plebe era, de longe, a melhor banda da cidade. Ao menos, a mais ensaiada com certeza", avalia Dinho.

Pedro Ribeiro, irmão de Bi (Paralamas) e um dos integrantes da turma que dividia apartamento no 213 Sul com Dado e Dinho, enumera algumas das razões do sucesso da Plebe. "Além de fazer mais shows, tinha o maior marketing, fanzine, fotos, bastante camisetas, pichações. Tinha também letras mais diretas e objetivas, que todo mundo da turma cantava e citava", conta Pedro, que tocava baixo no Diamante Corde-Rosa (grupo new wave que mudava constantemente de formação e acabou não decolando) e depois se tornaria empresário da Plebe.

As letras da Plebe Rude, quase todas escritas por Mueller, eram ácidas e críticas, muitas vezes em relação ao próprio rock de Brasília. Havia uma música chamada 'Bandas BsB', que dizia "estou cansado de bandas que cantam 'Que Pais É Este'". Já 'A Moda' era um manifesto pró-, o contrário [illegible] dismos. "Sempre tocou-se [illegible] gura moda, mas a moda corre mais do que eu. A moda [illegible] a moda. Eu [illegible]

Para aumentar a força das letras, faltava um vocalista. Jacob Ameba Dilúphro, que já dirigia os ensaios da Plebe, mas queria tocar bateria ou baixo, [illegible] cabou cantando e tocando guitarra. Sempre careca, sempre contestador, Ameba era da turma da Asa Norte e andava com um grupo que incluía os irmãos Gerardo e Loro Ribeiro (ambos ex-Blitz 64) e Renato Negrete Rocha (futuro baixista ▶

A Plebe Rude em ação em 1986, "sem cabelos voando, sem gelo seco, sem fãs gritando", como descreveu Renato Russo

Jander e as "plebetes" Ana Gabinio e Marta Brenner

> **"Naquela época, a Plebe era, de longe, a melhor banda da cidade. Ao menos, a mais ensalada, com certeza"**
>
> **Dinho Ouro Preto**

Manifesto de uma geração

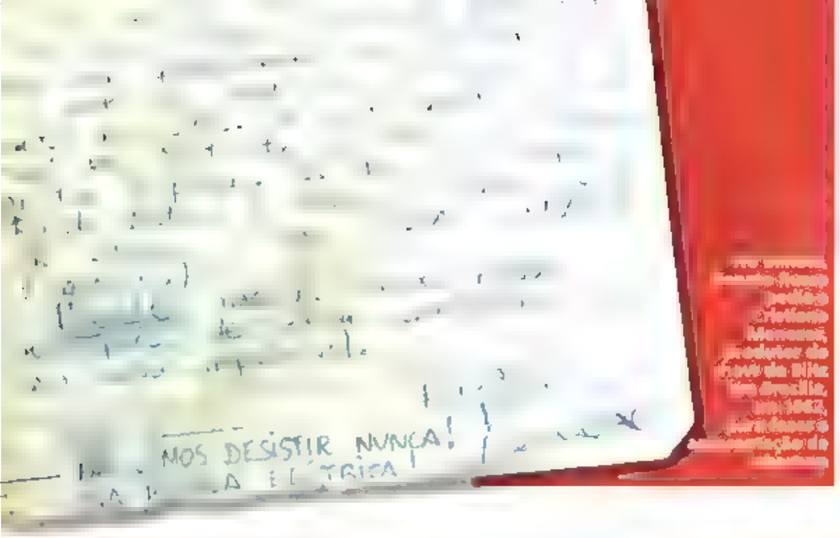
Rock é cultura. Anarquia também. Esse era o slogan da temporada de shows da Associação Brasileira de Odontologia (ABO), realizada em outubro de 1983. Tudo era de integral responsabilidade da Legião Urbana, Plebe Rude, Capital Inicial e XXX (banda formada por Geraldo Ribeiro, ex-Blitz 64 e Bernardo Mueller, irmão de André) – das fotografias ao caixa do bar.

O release do show foi escrito pelo único jornalista da turma, Renato Manfredini Jr. No texto, ele afirma que o rock de Brasília era uma reação ao que chamava de "música discoteca" e a MPB, "mais preocupada com cama e mesa e a sensação das cordilheiras", em referência a dois sucessos da época, de Roberto Carlos e Elis Regina. Renato também define os grupos que se tornariam os principais nomes do rock de Brasília.

Capital Inicial: (...) Influenciado por uma multidão de fontes, das quais se sobressaem Talking Heads e The Cure e alguns grupos obscuros que estão dando novo impulso à música funk. Com toda essa influência internacional, o Capital Inicial é um conjunto com sangue brasileiro, suas músicas são sobre a realidade daqui, letras que falam sobre Brasília, sobre os medos de quem escolhe uma diversão "fora dos padrões morais", sobre a adolescência.

Legião Urbana: Fará sua quinta apresentação ao vivo na Temporada de Rock (já tocaram em Patos de Minas, no Guará, na Ciclovia e como convidados da Blitz do Rio). Ficaram sem guitarrista três semanas antes dessa temporada, mas recrutaram o Dado (do Dado E O Reino Animal, conjunto lendário na cidade), que aprendeu e ensinou músicas novas. São fãs dos Paralamas Do Sucesso, Kid Abelha E Os Aboboras Selvagens, de todas as bandas de rock de Brasília e dos Pistols e Public Image, além dos Ramones e mais 77 outras bandas.

Plebe Rude: (...) A música é ROCK. Sem cabelos voando. Sem gelo seco. Sem fas gritando. Sem comercialização. Sem letras banais. Sem clichés. Sem decoraçoes mil. Sem superstars. É música para dançar com o pé e com a cabeça. Ou seja: ouçam e pensem, tirem conclusões. Mudem suas vidas. (...) É uma tentativa de fazer com que as pessoas façam algo por si próprias.



da Legião Urbana). Filho de uma professora de música, Jander nunca tinha pensado em cantar. "Até hoje não me considero cantor, mas funcionava na Plebe. Espero que funcione de novo", brinca o vocalista, referindo-se à volta do grupo para shows e gravação de um disco produzido por Herbert Vianna.

A Plebe também experimentou incluir duas cantoras para fazer *backing vocals*. Marta Brenner e Ana Gallinski foram rebatizadas por Andre Mueller e se tornaram Marta Detefon e Ana XYZ. "A idéia era boa, mas ficou muito parecida com a Blitz, que já fazia muito sucesso", resume Mueller. "Duramos pouco e fomos expulsas quando a coisa ficou mais séria", conta Marta. "Fizemos chateadas, mas depois vimos um show deles. Ficou bem melhor", reconhece.

O sucesso estrondoso da Blitz com "Você Não Soube Me Amar" e outras pérolas da Zona Sul carioca, abriu os olhos dos brasilienses. Não que eles quisessem repetir a fórmula de Evandro Mesquita, e sim porque começava a ser possível acreditar que as gravadoras e rádios tinham interesse no rock nacional. Mesmo a Legião, no comecinho da carreira, tentou pegar carona no sucesso da Blitz.

AS GRAVADORAS VÃO CORRER!

Renato Russo, que trabalhou como repórter de um programa de rádio do Ministério da Agricultura chamado *Jornal da Feira*, descobriu que seu antigo chefe, o radialista carioca Cristiano Menezes, iria produzir a primeira apresentação da Blitz em Brasília – que acabaria sendo também o primeiro show da Legião no Plano Piloto. Não hesitou em mandar uma carta para Cristiano pedindo para que a Legião fosse escalada para a abertura do show: "Nossa turma é gigante. Você podia ter falado com a gente para ajudar a colar cartazes, espalhar a notícia etc. [...]. PLEASE não nos deixe nesse desespero de ficar sonhando com uma coisa impossível", escreveu o vocalista, antes de se despedir em letras garrafais: "NÃO VAMOS DESISTIR NUNCA! VIVA A MÚSICA ELETRICA!"

O show acabou acontecendo, mas não do jeito que Renato queria. A Blitz não deixou a Legião fazer a abertura e sim tocar depois, com o público já indo embora, como lembra Cristiano: "A Blitz fez o sucesso que se esperava. Quando acabou, a Legião se arrumou rapidamente no palco. Renato berrou um 'boa noite' e mandou um discurso rápido. 'Somos a Legião Urbana e estamos aqui para mostrar que Brasília também faz rock'n'roll!!!' Falou rápido, meio com raiva. Atacaram. Não esqueço a imagem do público voltando. Foi emocionante", descreve.

Foi por causa de atitudes inflamadas como essa que Renato foi adquirindo status de ídolo na cidade. E, com o sucesso dos Paralamas, que tinham gravado no primeiro disco uma letra de Renato Russo ("Química"), as gravadoras perceberam que havia uma geração de bandas sendo formada na capital federal. Pedro Ribeiro, que tinha acompanhado Bi nas gravações da estréia dos Paralamas, [illegible] Diogo Davidson, diretor da EMI, uma fita com Renato cantando e tocando no violão músicas como "Faroeste Caboclo". A fita foi então chamada ao Rio para conversar e acabou acertando o contrato para a gravação de seu primeiro disco. No show de despedida antes da mudança definitiva para o Rio, houve choro no público e no palco do Teatro da Escola Parque. Fãs e músicos sabiam que a relação da Legião com sua cidade jamais seria a mesma. O pássaro novo estava deixando o ninho.

As fotos exclusivas que ilustram esta reportagem pertencem aos arquivos pessoais dos músicos – e também personagens da história do rock de Brasília – Gutje Woortman e Philippe Seabra (ambos da Plebe Rude), Fê Lemos (Capital Inicial) e dos amigos Helena Woort, Edgar Cézar e Nicolau El-Moor. A eles, a Luciana Peres (felizarda que comemorou seus 15 anos com um show da Legião) e a Anderson Schneider, responsável pela produção e pesquisa das imagens, nossos agradecimentos.

Música para acampamento

Cidade de concreto cercada de cerrado por todos os lados, Brasília não oferecia muitas opções de diversão no início dos anos 80. Sobrava muito pouco além das sessões de cinema europeu nas embaixadas e das festas nas garagens de mansões do Lago Sul. Os integrantes das bandas brasilienses e seus amigos já estavam cansados de ser expulsos dos bares da cidade – o único que foi criado para ser point da turma, o Radikaos (na Asa Norte), surgiu mais tarde, em 1984, e durou menos de um ano. Por isso, quando pintava um feriado prolongado ou as férias, a saída era pegar a estrada e se embrenhar mato adentro em acampamentos. Dentro e fora das barracas, rolava sexo (pouco, muito pouco, "ninguém comia ninguém", resume Dado), drogas (algumas, a maioria de origem natural, mas também coisas mais exóticas, como benzina e limpa-tipos de máquina de escrever) e rock'n'roll (em fitas cassete, como era de praxe nas festas).

Um dos locais preferidos da turma para armar as barracas era a Cachoeira do Tororó, a 33 quilômetros do Plano Piloto, onde o pai de Renato Russo tinha uma pequena fazenda. "Eu deixava até lanterna e saco de dormir para eles, mas faziam tanta bagunça que uma vez conseguiram rachar a coluna da varanda. Não sei o que estavam fazendo, mas, por via das dúvidas, parei com a farra", lembra o pai de Russo, Renato Manfredini.

A farra então foi transferida para a chácara da família de Bi Ribeiro, baixista dos Paralamas que sempre gostou do contato com a natureza – fazia faculdade de Zootecnia na Universidade Rural do Rio quando os Paralamas engrenaram. "Só quem gostava era o Bi, o Herbert nunca gostou muito de mato", entrega Ico Ouro Preto, segundo guitarrista da Legião e co-autor de "Ainda É Cedo". "Fizemos uns quatro ou cinco acampamentos por lá. À noite, a gente pegava os violões e começava a tocar rock, mesmo sem energia elétrica", lembra Dinho, do Capital, irmão de Ico. Foi na propriedade da família Ribeiro que surgiu a capa de *Selvagem?*, o mais importante disco dos Paralamas nos anos 80. A fotografia mostra um sorridente e alucinado Pedro Ribeiro, irmão de Bi e até então baixista do Diamante Cor-de-Rosa, posando de bandeirante moderno no meio do cerrado.

Pedro e Bi Ribeiro: foto da capa de *Selvagem?*, com o próprio Pedro, surgiu na propriedade da família

Nas férias, os acampamentos eram realizados nas praias do sul do Brasil. "Uma vez, entre 1981 e 1982, a gente foi parar lá em Florianópolis. Eu, Bonfá, mais umas 20 pessoas", lembra Dinho. Só um integrante da turma não gostava de curtir o vento no litoral: Renato Russo, que preferia ficar em Brasília escrevendo canções e engendrando novos planos para sua carreira. Foi assim que nasceu o Trovador Solitário, ou, como brincavam os amigos, o Ermitão Rural.

Dá para acreditar? A Legião tocou até em festa de 15 anos, como esta em uma casa no Lago Sul, em maio de 1985

Na terceira e última parte da reportagem especial sobre o rock de Brasília: a tumultuada gravação do primeiro disco da Legião Urbana. Mayrton Bahia: não basta ser produtor, tem que participar. Plebe Rude e Capital Inicial também deixam Brasília. Como a Legião se tornou a maior banda de rock do Brasil. O legado do poeta.

Descarapados

Lançando um bom disco ao vivo com releituras, o Barão Vermelho cospe nas acusações de oportunismo e defende a validade do rock de sua geração

por Andréa Estevam
Fotos: Rui Mendes

Frejat, Guto, Rodrigo e Fernando se enrolam no fio, mas não na entrevista

A idéia inicial era fazer um disco acústico que atendesse aos pedidos dos fãs. Mas a perspectiva de se restringir a violão e banquinhos pareceu claustrofóbica demais para os cinco integrantes do Barão Vermelho. Além disso, Frejat, Guto Goffi, Fernando, Rodrigo e Peninha teriam parecer oportunistas, explorando um formato que virou mina de ouro para bandas menos inspiradas. O resultado dessa batalha do prós e contras foi o álbum *Balada*: um disco ao vivo – mas sorry, fãs, não acústico – que revive grandes momentos da carreira do Barão Vermelho e traz interpretações da banda para músicas de Renato Russo, Cazuza e Raul Seixas, além da inédita "Enquanto Ela Não Chegar".

Independentemente de ter embarcado na onda das regravações, *Balada* é um bom disco e tem sido reconhecido como tal. Com metais dois percussionistas extras, um violinista e o tecladista Maurício Barros, que fez parte da primeira formação do Barão, o repertório é bem escolhido, com a exceção das chatinhas "O Poeta Está Vivo" e "Por Você" – é cativante mesmo sem ser surpreendente e tem fôlego para manter-se nas rádios por alguns bons meses. Depois disso, em 2001, Frejat deve lançar seu primeiro disco-solo e, no ano seguinte, sai um álbum de inéditas do Barão. "Temos muita, muita coisa boa guardada", garante Frejat.

Como foi escolhido o repertório e o formato de *Balada*?

Frejat: Começamos a conversar sobre músicas de outras pessoas que a gente gostaria de tocar e percebemos que o disco não poderia ser totalmente acústico. Não fomos tão xiitas de entrar naquele formato só de violão. Nunca fomos de ficar sentadinhos no palco, apesar de sempre termos baladas e violões em nossos discos.

Na hora de entregar quem eram os donos das cuecas do anúncio de *Balada* publicado em SHOWBIZZ de dezembro, Rodrigo, Guto, Frejat e Peninha aproveitaram a ausência de Fernando para atribuir a ele a posse da cuequinha tanga. Antes, porém, brincaram: "Essa era do Cazuza"...

E as regravações de músicas da Legião Urbana e de Raul Seixas, como foram escolhidas?

Frejat: Como *Álbum* havia sido feito com músicas que aconteceram antes de a gente entrar no cenário, queríamos colocar nesse disco coisas da geração da gente. Temos um público em comum com a Legião. Já havíamos gravado "Bumerangue Blues", uma música que o Renato Russo deu de presente para a gente. "Tente Outra Vez" foi uma música que eu sugeri pro *Álbum*, mas acabamos gravando "Só Pra Variar". O arranjo ficou muito bonito, os metais deram um ar rhythm & blues.

A música inédita é a faixa de trabalho do disco. Com tantas regravações fortes, por que escolher essa?

Frejat: "Enquanto Ela Não Chegar" foi selecionada entre quinze outras inéditas. Dava tranquilamente para fazer um disco de estúdio. Se você tem um álbum com todos esses sucessos e não sai com uma música inédita, não faz sentido tê-la no disco. Quem vai prestar atenção nela, perdida no meio de "Por Você", "Meus Bons Amigos", "Pense & Dance"? Seria um desperdício. É como colocar um dente-de-leite para jogar na seleção brasileira. Se o cara não jogar para caralho, não adianta colocar no time.

Algumas músicas trazem citações de Planet Hemp, Beatles, Stones. Eram bandas que vocês queriam regravar, mas não couberam no disco?

Frejat: Não necessariamente. Colocamos o refrão de "Queimando Tudo Até A Última Ponta", do Planet Hemp, na regravação de "Por Que A Gente É Assim?" porque achamos que as músicas tinham tudo a ver. "Here Comes The Sun", dos Beatles, tem a ver com "Quando O Sol Bater Na Janela Do Seu Quarto", da Legião Urbana. Fizemos coisas parecidas no *Álbum*. É o velho rock n' roll de sampler.

E as experimentações com música eletrônica que apareceram em *Puro Êxtase*, acabaram?

Frejat: Não acho que *Puro Êxtase* seja um disco experimental. Não tenho dúvida de que vamos usar novamente loops, samplers e essa maneira diferente de construir a música. *Balada* saiu assim porque é ao vivo. Quando fizermos alguma coisa em estúdio, com certeza vamos nos divertir com essas brincadeiras.

Os planos do Frejat de gravar disco solo geraram muita especulação sobre o fim do Barão Vermelho, ainda mais depois que Guto Goffi jogou lenha na fogueira em matéria de *O Globo* intitulada "Frejat Pode Deixar Barão Após *Balada*" (*"Já descobrimos que ninguém é insubstituível. Perdemos o Cazuza, que era um cara carismático, bonito e tudo continuou funcionando bem. Eu não gostaria que o Frejat saísse, mas acho que ele tem que fazer o trabalho solo, porque se quer fazer alguma coisa fora, quer dizer que falta alguma coisa no grupo para ele"*, disse o baterista, antes de esclarecer que *"o nome do grupo é meu e poderemos ir em frente"*). Existe a possibilidade de o Barão acabar?

Frejat: Estou a fim de fazer um disco-solo porque estou há 18 anos numa banda e ainda não gravei nenhum. Isso não tem nada a ver com o fim do Barão. Se não quisesse fazer esse álbum-solo, nós provavelmente estaríamos lançando um disco de estúdio agora para depois fazer um ao vivo. É esquisito para todos nós, porque a banda se acostumou a ter aquela regularidade, aquela sequência. Cada um ainda está resolvendo como vai se ocupar nesse intervalo. Quanto às declarações bombásticas do Guto, ele só estava procurando os 15 minutos de fama dele, para ver se deixava no ar essa suspeita do que eu ia ou não sair. Não tem nada disso, nunca foi falado que ia parar ou sair da banda. Tudo continua do mesmo jeito, vamos tirar umas férias e voltar em 2002. É lógico que existe um grau de risco nisso. Alguém pode descobrir que tem mais prazer em fazer outra coisa do que estar tocando no Barão.

Vocês acham que esse disco vai conquistar novos fãs para o Barão?

Guto: Acho que não existe uma pessoa que ouça o Barão e consiga dizer "não gosto". Acho muito difícil, ponho minha mão no fogo. Se existir essa pessoa, pode ligar, pode mandar e-mail para a gente no barao@ibarao.com.br. Acho que o Barão é uma das bandas mais honestas do Brasil. Nunca negamos fogo em 18 anos de estrada. Queimamos lenha, demos sangue nos lugares menos importantes, viajamos desde o interior "brabo" até as grandes capitais. Tocamos com a mesma emoção numa cidade pequena de interior e numa grande casa de shows de São Paulo. Acho difícil a pessoa dizer "não gosto, é ruim", porque as composições são boas, o grupo tem uma obra respeitada, os arranjos são bons, os músicos todos mostraram evolução a cada disco.

Frejat: Independentemente de tudo isso que o Guto falou, acho que alguém pode não gostar do Barão. De repente a pessoa pode ouvir e dizer "nunca gostei desses caras", ou "detesto rock'n'roll", ou "não gosto da voz do cantor". Gosto é muito discutível. Tudo o que o Guto falou justifica o fato de as pessoas gostarem do grupo. A gente tem uma platéia superecléticа, com gente que não gosta de rock, mas gosta do Barão.

Guto: É, pode ser que tenha uns babacas que não gostem... (*risos*)

Mas, afinal, *Balada* vai ampliar o público de vocês ou não?

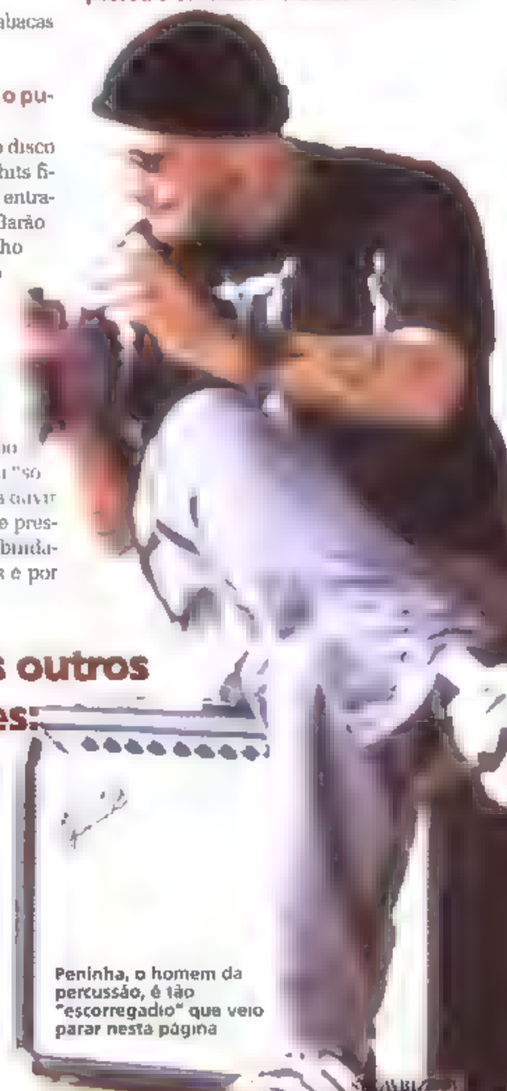
Guto: Com certeza. O repertório do disco é a essência da nossa obra. Vários hits ficaram de fora, mas as músicas que entraram são representativas do que o Barão fez nessas quase duas décadas. Acho que um disco com um repertório desse é quase infalível.

Frejat: O disco tem uma sonoridade muito agradável. É gostoso de ouvir e, se você gosta de pop rock de alguma maneira, vai gostar dele. A não ser que você goste de música de um jeito muito torto, tipo "só gosto de música eletrônica" ou "só gosto de hardcore". *Balada* é para ouvir e dançar, ouvir e conversar, ouvir e prestar atenção nas letras. Tem possibilidades de agradar por vários motivos e por isso acho que ele tem condições de ampliar nosso público. É um disco muito mais acessível do que *Puro Êxtase* e *Carne Crua*, por exemplo.

Esse disco seria uma espécie de *As Catorze Mais* do Barão?

Frejat: Só se for *As Catorze Mais* do próprio Barão... Talvez sim, acho que neste momento elas são as catorze mais. Muitas músicas que são importantes ficaram de fora, mas neste momento achamos que essas seriam as mais representativas.

Frejat, você disse que a partir de *Álbum* passou a considerar o Barão uma ban-▶



Frejat vai gravar solo em 2001 e os outros vão se dedicar a projetos diferentes: "É lógico que existe risco nisso. Alguém pode descobrir que tem mais prazer fora do Barão"

Peninha, o homem da percussão, é tão "escorregadio" que veio parar nesta página

No sofá com o Barão: Guto, Fernando, Frejat, Rodrigo e Peninha relaxam enquanto respondem à nossa sabatina

"O Chico Buarque lançou um CD ao vivo. Vão acusá-lo de oportunista? Estamos há dez anos sem lançar disco ao vivo, sentimos necessidade disso" *Frejat*

da de pop/rock, e não mais de rock. Você acha que o rock morreu? Que caminhos você vê para o futuro do gênero?

Frejat: O rock, como uma manifestação que representa a contracultura, não existe mais. Ele representa um tipo de música que pode ser mais ou menos agressiva, pode ser mais ou menos inquieta, mas não é a música da contracultura como foi durante tanto tempo, aquela coisa de ser underground, ser alternativo. Hoje não existe música alternativa. O eletrônico é o alternativo em termos de consumo, mas não em termos de atitude.

Depois de 18 anos juntos, o que os motiva a continuar e o que vocês ainda querem conquistar como banda?

Frejat: Temos um patrimônio muito grande juntos. Cada vez que subimos no palco, sai uma coisa que nós separados não conseguiríamos fazer. A banda existe pela associação das cinco pessoas, não há um responsável por isso. Temos muito orgulho do trabalho que a gente fez até agora. Não nos envergonhamos de nada. Depois de tanto tempo, a gente ainda não está de saco cheio e acha que ainda tem muitas possibilidades. Terminamos os shows e nos reunimos para conversar sobre aquele show, sobre coisas que a gente quer fazer, um arranjo para a semana seguinte, ou coisas que poderiam ficar melhor numa música que já está pronta. Enquanto isso não acabar, a banda tem motivos de sobra para existir.

De uns tempos para cá, grupos dos anos 80 ressurgiram com muita força. Isso é sinal de que as bandas de hoje não tem pique suficiente?

Frejat: Não. Falamos em tantas bandas dos anos 90, tantos artistas relevantes... Esses nomes conseguiram sobreviver num período dos mais difíceis, num momento em que a mídia estava mais antagônica à presença do nosso segmento no cenário musical. Quando a gente toca junto com os Raimundos, eu olho para eles e penso na gente com a idade que eles têm. Mas ao mesmo tempo não vejo a gente cansado nem vejo a gente sem gás. Isso é que faz o artista se manter intenso e acho que isso a gente não perdeu, assim como Paralamas e Titãs não perderam.

E no caso das outras bandas?

Frejat: É difícil falar de outros artistas. Cada um traça seu próprio caminho. Existe hoje uma tendência das gravadoras de querer fazer disco ao vivo porque é mais barato, mas não é o nosso caso. Senão, todo mundo que grava um trabalho ao vivo será acusado de oportunismo, quando, na verdade, sempre existiram e sempre existirão discos ao vivo na carreira de um artista. O Chico Buarque, por exemplo, lançou agora um álbum ao vivo. Vocês vão acusá-lo de oportunista? Estamos há dez anos sem lançar disco ao vivo, sentimos necessidade disso.

Em *Puro Êxtase*, vocês usaram elementos eletrônicos. Agora, reveem a própria obra. O Barão não corre o risco de soar meio esquizofrênico, de o fã não saber mais qual é a cara da banda? Ou essa confusão sobre qual será o próximo Barão é saudável?

Frejat: Quem é esquizofrênico? Quem, quando você lança um disco com material inédito diferente, te chama de oportunista e quando você regrava ao vivo seu material antigo também te chama de oportunista ou é você que cada hora decide fazer uma coisa diferente? Essa confusão é saudável. A minha relação com um artista é a de sempre querer ser surpreendido. Eu não quero um disco que já ouvi.

Guto: Cauby Peixoto eletrônico é o Cauby Peixoto. Cauby Peixoto pagode é o Cauby Peixoto. Cauby Peixoto rock n roll continua sendo Cauby Peixoto. A gente tem essa identidade.

Guto: A gente não perdeu a "paudurescência"!

Rodrigo: Barão, Paralamas e Titãs são a base da pirâmide do pop rock nacional. A gente é o atestado vivo de que nosso tipo de música não é uma coisa passageira.

Praticamente todas as bandas da geração de vocês lançaram discos acústicos, ao vivo ou de versões nos últimos anos. O pote secou?

Frejat: De 14 discos que a gente gravou, dois são ao vivo e dois são de regravações, ou seja, dez são de material inédito. Acho que é uma média boa, sendo que entre um disco e outro de regravações a gente lançou um álbum só de inéditas, o *Puro Êxtase*. No nosso caso, não é um problema de repertório. É a necessidade de diversificar mesmo.

Se um alienígena pousasse no Brasil e você pudesse dar três discos para mostrar a ele o que é o rock brasileiro, quais seriam?

Frejat: Os novos de Lenine, Zeca Baleiro e O Rappa. São discos que eu gosto muito. Não estou escutando nada lá fora que me emocione desse jeito.

Rodrigo: *Fruto Proibido*, de Rita Lee & Tutti Frutti, *Acabou Chorare*, dos Novos Baianos, e algum do Secos & Molhados. Peguei só as velharias!

Fernando: *Rappa Mundi*, *Jesus Não Tem Dentes No País Dos Banguelas*, *Fruto Proibido*. São três gerações de pop rock brasileiro.

Os personagens encarnam diferentes faces de Cazuza

Cazuza no teatro

Estreou 3 de fevereiro em São Paulo e vai seguir temporada em várias cidades do Brasil *Cazas de Cazuza*, ópera-rock que usa canções do ex-vocalista do Barão – "Pro Dia Nascer Feliz", "Maior Abandonado", "O Tempo Não Pára" e "Ideologia", entre elas – para contar a história de vários personagens que moram no mesmo prédio, nos anos 80. É fácil identificar neles facetas da personalidade do compositor: num dos apartamentos mora um poeta bissexual; num outro, um homossexual; mais acima, vive Bete Balanço, deslumbrada pela fama; e num outro apê mora um rapaz que vai fundo nas drogas.

"Achei melhor fazer assim do que criar uma personificação única do Cazuza", disse o diretor e roteirista Ro[illegible]. "Gostei muito", aprovou [illegible] os motivos pelos quais as músicas foram feitas e, na peça, elas são usadas em situações totalmente diferentes. É por isso que tantas pessoas se identificam com suas letras."

Ezequiel Neves, produtor do Ba[illegible] espetáculo é o de levar o trabalho de Cazuza para o público jovem. "Tô casado com um menino de 18 anos que não sabia nada de Cazuza. Com [illegible] sobre aquele [illegible] maiores poetas", disse.

A trilha do espetáculo vai virar disco (lançado pela Som Livre) e o elen[illegible] Débora Reis e Luio Scroback.

Assalto à antiga

Butchers' Orchestra: "Quem sabe um mezzo-soprano, uma harpa e uma orquestra sinfônica..."

Você não viu nem vai ver "Two Lines" e "Traffic Jam" figurando em listas de melhores músicas de 1999. Mas deveria. A Butchers' Orchestra está há mais de quatro anos sacudindo o underground paulista, mas só com a recente dobra *Deluxe 2000* conseguiu arregimentar os elementos certos para um rock cru, mas com groove. Vários músicos já passaram pela banda, que iniciou os trabalhos sob forte influência do Mudhoney e outras grunges. Hoje, depois de ouvir muito rock da garagem dos anos 60 – como Sonics, Seeds e Troggs –, os dois guitarristas, Marco e Adriano, e o baterista Rodrigo acharam um melhor caminho para seguir. "Grupos contemporâneos tipo Make Up e Delta 72 estão na mesma praia que a gente", cita Adriano, que em priscas eras tocava no I Love Miami, considerada uma das piores bandas do mundo pelos próprios integrantes. Três músicas de *Deluxe 2000* (de capinha muito estilosa) foram gravadas direto da garagem onde a Butchers' ensaia, sem firulas. As outras dez, gravadas em estúdio, têm o charme de samples de metais ou tecladinhos aqui e acolá. **Contatos: Tel. (11) 6692-0970; site: www.ordinary.somewhere.net**

Bidê Ou Balde: bom demais para ficar restrito ao underground

Foto: Divulgação

Pop para todos

"Não queremos ser underground." A frase de Rafael Rossato, guitarrista do **Bidê Ou Balde**, não é recorrente na seção Democracia, mas exprime a vontade da maioria das bandas que passam por aqui. "Não renegamos o cenário independente, mas nos preocupamos com a qualidade do nosso som para não ficarmos nele." O grupo gaúcho tem tudo para atingir um público maior mesmo. Seus dois singles, "Melissa" e "Spaceball", conseguiram boa execução nas rádios porto-alegrenses. Os ídolos Frank Jorge, da Graforreia Xilarmônica, e Flu, ex-De Falla, endossaram. O primeiro, homenageando a banda em show; o segundo, produzindo "Spaceball". A música fala de uma festa da família Gordon-Moore. É difícil pegar a referência de primeira, já que se trata de um pop dançante, e os donos da festa são o casal Sonic Youth. "A gente gosta de Sonic, mas tem que fazer pop", afirma Rafael. "Melissa", que tem ótima letra, lembra – o muito – Rentals, banda do ex-baixista do Weezer. "Se eu pudesse ser alguém, queria ser um músico do Weezer", baba o guitarrista. **Contatos: Tel. (51) 9117-1140; email bideoubalde@hotmail.com**

Sonhar com fêmea

Após assistir a uma maravilhosa apresentação dos Cardigans em Londres, no ano de 1996, o tecladista Josmar Madureira percebeu que não precisaria continuar fazendo indie rock com o Sonic Disruptor, sua banda na época. O câncer que levou o vocalista e melhor amigo Marcelo Joy à morte contribuiu para que Josmar se afastasse do rock. Ele descobriu velhos discos de bossa nova, Jovem Guarda e pop sessentista no acervo da família. Começou a entender por que as novas bandas francesas e, principalmente, japonesas eram tão fascinadas pela música brasileira. Reuniu uns amigos, explicou a viagem e o **Monokini** decolou. A entrada de Fabi Karpinski, ex-Violet Riot, fez Josmar realizar o sonho que cultivava desde que viu Nina Persson em ação: ter uma banda com vocal feminino. A bela página na Internet, cheia de *pin-ups* e cores gritantes, tem sido a grande aliada do Monokini nesse primeiro ano de atividade. Já ganhou até prêmio. O EP com quatro músicas saiu há dois meses e vem agradando a fãs de Pizzicato Five, Wannadies, St. Etienne e afins. **Contatos: Tel. (11) 6452-8166; site: http://users.sti.com.br/monokini**

O Monokini materializa sonhos de Josmar de pop com voz de mul

Raio-D Um exame nas demos mais interessantes do mês

Heavy Coco

Som: Brega metal
Origem: São Caetano do Sul, SP
Auto-retrato: "No norte, eu era bregueiro. Quando cheguei a Diadema, descobri essa porra-louca de rock. Meu som é bem anormal, debochado. Imagine a mulherada na banheira do Gugu rebolando com minha música? Levo umas bailarinas gostosas no meu show. Rock tem que ter buzanfa também".
Resumo crítico: Depois de *Sexo & Vampiragem*, o cabeleireiro cearense radicado no ABC paulista que atende por Heavy Coco solta mais um compêndio de rock farofa, baião e letras inacreditavelmente escrotas.
Produção: Boa
Contatos: Tel. (11) 4231-3854

Toby One

Som: Pop eletrônico
Origem: Curitiba, PR
Auto-retrato: "Somos uma banda de duas pessoas, fazendo música que vem do coração. As influências abrangem o pop de todas as décadas, incluindo Primal Scream, Ride, Stereolab, Everything But The Girl, mais jazz e eletrônica. Cantamos o amor e a falta de e".
Resumo crítico: Essa é a volta de Carlos Zechner e Hil Wiet, casal que ganhou fãs no underground nacional quando atendia por Swamps. O EP *Scratch My Back* traz "Stuck" e a singela baladinha "Nestle" destacando o power pop que a dupla sempre soube fazer.
Produção: Boa
Contatos: Tel: (41) 264-7354;
site: http://listen.to/tobyone

Mary Help

Som: Punk/rock melódico
Origem: São José dos Campos, SP
Auto-retrato: "Todos na banda adoram NOFX, Ramones e Mudhoney. Fazemos um som descomprometido, na mesma praia das bandas que nos influenciam. Faz tempo que estamos procurando nosso espaço, fazendo shows e divulgando nossas demos".
Resumo crítico: Seguindo os passos de Carbona, Dead Fish e outras bandas de sucesso no cenário HC, a Mary Help lança o CD *Great Party*. Precisam melhorar o inglês ou mudar de idioma. "Avoid", que abre o disco, é a música que mais chama a atenção.
Produção: Muito boa
Contatos: Tel. (12) 322-8618;
e-mail: maryhelp@base.com.br

Fotos: Divulgação

Victorino Callavera 28 anos capturado dia 08/12/99

Correção de rota

Notas de 0 a 10 dadas pelos críticos e colaboradores de SHOWBIZZ

Depois de muito falatório, os irmãos Gallagher põem ordem na casa e lançam um grande disco

OASIS
Standing On The Shoulder Of Giants (9)
Sony

Q [illegible] Oasis [illegible] *Did It All Go Wrong?* (onde [illegible]) Encerradas as [illegible] Paul McGuigan e [illegible] Paul Arthurs [illegible] grupo [illegible]

Os [illegible] substituídos [illegible] por Andy Bell [illegible] Gem [illegible] Heavy Stereo [illegible] Oasis [illegible] o nome do disco, mostrando que absolutamente nada deu errado [illegible] do que *Definitely Maybe* [illegible] riqueza melódica impressionante [illegible] *(What's The Story) Morning Glory?* [illegible] sem abandonar as [illegible] psicodélicas que [illegible] *Be Here Now* [illegible] CD [illegible] maturidade dos irmãos Gallagher [illegible] Mark Stent [illegible]

[illegible] título tirado da frase [illegible] Isaac Newton [illegible] *Standing On The Shoulder Of Giants* [illegible] Noel [illegible] sejam elas Beatles, Led Zeppelin e Pink Floyd, ou Chemical Brothers e Goldie. "Fuckin' In The Bushes", a faixa de abertura, é a que melhor sintetiza tudo isso, misturando um loop de bateria [illegible] samplers [illegible] um filme sobre o festival na Ilha de Wight [illegible] Grammy [illegible] tem tudo para se transformar num grande hit.

Mas [illegible] ainda guarda [illegible] surpresas. Uma delas é a primeira composição de Liam, "Little James", uma balada [illegible] ho da mulher, a atriz Patsy Kensit (com Jim Kerr do Simple Minds). Se Liam compõe, Noel solta a voz em "Where Did It All Go Wrong?" e "Sunday Morning Call". A banda também mostra seu lado punk em "Gas Panic" e a faceta rock em "Put Your Money Where Yer Mouth Is". É um disco que terá lugar cativo no coração dos fãs do Oasis.

Luciano Vianna & Valéria Rossi

Os textos são de responsabilidade dos críticos que os assinam, não necessariamente expressando a opinião oficial da revista

Falta laquê, sobra pose

Korn: do nada a lugar nenhum, em velocidade [illegible]

KORN
Issues (5)
Epic/Sony

Bicho estranho, este tal de novo metal. Para fugir dos estereótipos do gênero, os caras foram limando tudo que remetesse aos áureos tempos do passado. Os cabelos perderam comprimento (os que continuaram longos ganharam opções além do corte pigmaleão dos anos 80), as letras deixaram de abordar lendas medievais e diabinhos para falar de dramas psicológicos ou das mazelas da atualidade, o figurino de lycra colante foi trocado pelas últimas tendências da moda. Em *Issues*, seu quarto disco, o Korn vai além e cria o metal sem metal, o metal em que é impossível bater cabeça.

Ou melhor, até dá para "quebrar" o pescoço, mas apenas durante os segundos em que os riffs pesados dominam cada música. A maioria das faixas segue o pouco criativo método Korn de composição: começo com paredes de baixo e guitarra que ruem subitamente para que a voz fraquinha de Jonathan Davis consiga aparecer, como em "Trash", "Beg For Me" ou no primeiro single, "Falling Away From Me". A exceção é "Counting", a melhor do disco, não por ser boa, mas por ser a única pesada do início ao fim – nada que o Faith No More não fizesse com mais categoria e bom humor.

Mas é em "4 U" que fica evidente a falta de traquejo dos caras do Korn para com o metal. É uma balada medíocre, quando até os parafusos que apertam os captadores da guitarra de Nuno Bettencourt (aquele gajinho do Extreme) sabem que banda de metal que se preze não passa sem uma balada matadora. Assim, ao final de *Issues*, dá saudade da época em que os metaleiros faziam questão de serem alienados e de se vestirem com os trajes mais estapafúrdios. Hoje, todo mundo é consciente e fashion – e a pose só aumentou. Esse troço disforme em que se transformou a música agressiva também dá saudade de Eddie, o monstro do Iron Maiden. Pelo menos nele era fácil identificar onde ficava a bunda para dar um belo chute.

Emerson Gasperin

THE CLASH
From Here To Eternity: Live (10)
Epic/Sony

Doses cavalares de rock atitude e energia

[illegible] ... cia ismo no niilismo pu[illegible] lar[illegible] inventou o rap[illegible] [illegible] antes de o hit "Th[illegible] Message", de Grandmaster Flash revender [illegible] o [illegible]. Os shows da banda eram la[illegible] [illegible] eram os "sobreviventes" [illegible] [illegible] apresentação [illegible] do coma. Aqu[illegible] [illegible] opportu[illegible] [illegible] punk "London Calling" [illegible] Bobby Fuller" I Fou[illegible] [illegible] "Train In Vain" [illegible] ... da. Mas o material está [illegible]

Marcel Plasse

STONE TEMPLE PILOTS
Nº 4 (4)
Atlantic/WEA

Pós-grunge chinfrim a caminho da segunda divisão

Que decepção. Essa bandinha de San Diego ia tão bem, estava num caminho evolutivo. A cada disco, seus integrantes apresentavam novos rocks assobiáveis e riffs grudentos de alta qualidade. Pois é. Nem com todos os problemas que o vocalista Scott Weiland vem enfrentando com as drogas e com a Justiça dava para imaginar que o Stone Temple Pilots pudesse lançar um trabalho tão chocho e sem graça. Afinal, o álbum solo de Weiland, [illegible] *Blues*, [illegible] na fase mais [illegible] só possui [illegible] as melodias [illegible] *Nº 4* é pesado e quadradão, não tem o gingado do antecessor, *Tiny Music*, e muito menos o pop na medida do segundo disco, *Purple*. Dá para pescar uma cosinha legal aqui e ali, [illegible] casos de "Church O[illegible] Tuesday", "Sour Girl" e "Sex & Violence", mas nada que chegue realmente a empolgar. E a tal estrela da capa? Uma estrela solitária. Como o Botafogo do Rio de Janeiro, time que ostenta o mesmo símbolo, o Stone Temple Pilots briga para ficar na primeira divisão. Se continuar fazendo discos como este, o rebaixamento na certa. Segundona neles.

José Flávio Júnior

BOUNTY KILLER
Next Millenium (7)
TVT/Trama

Reggae atrevido do DJ mais adorado da Jamaica

Quem acompanha a evolução do [illegible] [illegible] difundido por Bob Marley nas [illegible] respaldo entre a [illegible] rappers [illegible] (na ilha chamados de DJs) que preferem resolver seus problemas a bala. Entre os novos ídolos, poucos possuem tanto topete e categoria quanto Bounty Killer. Rodney Price (seu nome de [illegible]) [illegible] miserável [illegible] estourou nas paradas em 19[illegible] com "C[illegible] ar Phone" e desde então vem disseminando seus contos de sexo e violência. *Next Millenium*, lançado em 1998, é um dos primeiros [illegible] do selo do artista. Por [illegible] num gênero que primou pela [illegible] [illegible] chato ouvir um DJ se vangloriar de seus feitos sexuais ou de como amedronta os inimigos. Mas Bounty Killer é rapper de [illegible] emboladas vocais [illegible] boas batidas hip-hop ao baticum [illegible] dos DJs. E está bem acompanhado [illegible] Third World, DJ Shaggy [illegible] em "Reggae Party" e Wyclef Jean, dos Fugees, é um [illegible]

Sérgio Martins

Emoção sincera

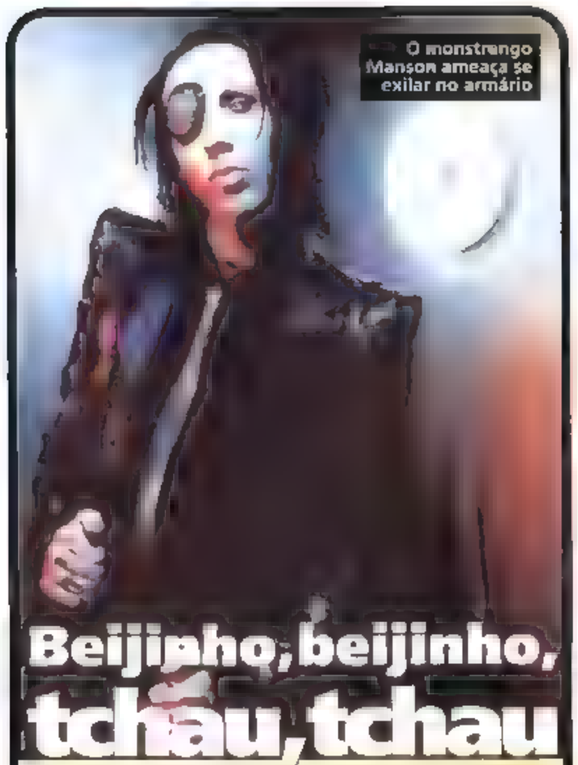
NATALIE MERCHANT
Live In Concert (7)
Elektra/WEA

Tem gente que ainda consegue fazer de um CD ao vivo algo original. Natalie Merchant aproveita a oportunidade para desencavar canções do seu repertório que passaram despercebidas e fazer covers de seus ídolos. Gravado em Nova York, este *Live In Concert* pode não ser o álbum mais importante da ex-vocalista dos 10,000 Maniacs, mas é bonito que só ele. O repertório privilegia as composições de *Tigerlily*, primeiro disco-solo, traz a faixa-título de Ophelia, a dulcíssima "Carnival", e boas interpretações para "Space Oddity" (David Bowie) e "After The Gold Rush" (Neil Young).

Natalie pertence àquela rara estirpe de cantantes que passam emoção, ao invés de dar trinados que só os cães conseguem ouvir. Mesmo que as covers sejam menos inspiradas que as canções originais – é quase impossível melhorar essas obras de David Bowie e Neil Young – e as letras pseudofeministas da moça não representem grande coisa, *Live In Concert* é um trabalho sincero.

S. M.

Natalie ao vivo: sucessos próprios e covers de David Bowie e Neil Young



MARILYN MANSON
The Last Tour On Earth (9)
Universal

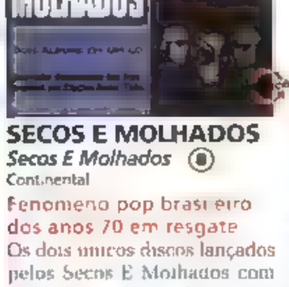
Após este álbum ao vivo, disse o anticristo Brian Warner, o personagem Marilyn Manson dará vez ao Ômega, e, como Prince, a imprensa precisará grafar o símbolo do Mercúrio para se referir ao moço – que não vai falar com ela! O único contato do ex-Marilyn Manson com o mundo será feito via seu site oficial, em que ele se autodenomina "a terceira e definitiva besta-fera" na tela de entrada. O CD novo marca o fim de uma era. De um tempo em que tudo o que existe de horrendo na sociedade, principalmente na americana, foi questionado: o império da beleza, a proibição do direito do aborto, o provincianismo das cidades do interior, a diluição do rock, o financiamento de drogas por megacorporações, a TV idiotizante, o cristianismo retrógrado.

Não dá para discutir a pegada das canções. Ao vivo, "The Reflecting God", "Get Your Gun", "Rock Is Dead", "Lunchbox", "The Beautiful People" e a genial versão de "Sweet Dreams" soam ainda mais acachapantes, pesadíssimas em todos os sentidos. Capazes de fazer um jornalista que sempre desprezou a banda e seu líder dar o braço a torcer e a cabeça a balançar. Adeus e parabéns
José Flávio Júnior

SECOS E MOLHADOS
Secos E Molhados (8)
Continental

Fenômeno pop brasileiro dos anos 70 em resgate

Os dois únicos discos lançados pelos Secos E Molhados com sua formação original, em 1973 e 1974, estão neste CD remixados por Charlie Cavin, baterista dos Titãs. João Ricardo, principal compositor do grupo, Gerson Conrad e Ney Matogrosso estreiam com "O Vira", "Sangue Latino", "Flores Astrais" e "Rosa De Hiroshima", cuja letra é um poema de Vinicius De Moraes. O rebolativo Ney, com excesso de maquiagem, trejeitos de hermafrodita, peito peludo, voz anguda e estridente, virava bicho no palco. Embarcaram com tudo na onda andrógina. Mas, se o visual exótico provou-se descartável, a música tinha muitas qualidades. Misturando rock progressivo, poesia, blues e ritmos brasileiros, eles foram originais e irreverentes. Agora estão merecidamente resgatados.
Felipe Zobaran



BEN HARPER
Burn To Shine (8)
Virgin

Cartilha musical do terceiro milênio

Burn To Shine é a legítima obra musical da sólida obra que o cultuado formano Ben Harper legou até o presente. Como antídoto ao que já se caracterizara como "o som de Ben Harper" – letras engajadas, filosofia canábica, harmonias trabalhadas ao som acústico de *steel guitar* –, o mais novo surpreende ao trilhar caminhos incomuns. A épica "Alone" e a pessoal "The Woman In You" são corretas, mas é com o rockão "Loss" que começa a surpresa. A partir daí, é o hard rock lisérgico ("Please Bleed", "Burn To Shine") que dita o ritmo. Ele flerta, ainda, com as raízes do jazz ("Suzie Blue") e com o gospel, "Show Me A Little Shame". Mesmo com tamanha transformação, a mensagem de Harper continua rotulada de protesto, contestatório e de uma quase espiritualidade.
Carlos Eduardo Oliveira

MACY GRAY
On How Life Is (7)
Sony

Estreia de uma voz negra para a nova década

Este disco foi lançado nos EUA no final do ano passado, mas não merece ficar sem registro na SHOWBIZZ. Macy, 29 anos, é uma voz daquelas que nos surge todo dia: manhosa, sexy, safada e tecnicamente exuberante. Destoa do mercantilismo que empesteia o R & B americano e investe em atualizações da soul music, mas usando timbres retrô (o tecladista antiquário Jon Brion, que já tocou com Grant Lee Buffalo e Fiona Apple, toca alguns de seus brinquedos antigos em dez das doze faixas). Como Al Bublé, Macy rouba ladrões, sampleando quadrilhas do hip-hop de Kurtis Blow a Outkast. E inclui boas composições como "I Can't Wait To Meetchu" e "Still". Ela veio para ficar.
Pedro Só

Não é para todos

VÁRIOS
Songbook Chico Buarque
Volume 1 (7) *Volume 2* (5)
Volume 3 (6) *Volume 4* (7)
Volume 5 (7) *Volume 6* (8)
Volume 7 (6) *Volume 8* (6)
EMI

A audição dos oito CDs ajuda a sepultar velhas restrições às qualidades vocais do compositor. Em comparação com estas versões, o intérprete Chico sai engrandecido. E olha que está em campo quase toda a MPB estabelecida. Gente demais, discos demais. Mas o maior problema aqui é o academicismo das abordagens. Reincidem velhos vícios da MPB, do abuso das interpretações "intensas" no desnudamento voz e piano (ou violão) das canções, à insistência na vertente de cantoras bico-largo. Mas não faltam triunfos. A eles, então.

Volume 1: Nana Caymmi, soberba em "Olhos Nos Olhos"; Carol Saboya ("Leve") e Zélia Duncan ("Fado Tropical"), belas surpresas.

Volume 2: Marcos Valle supera a "Almanaque" gravada pelo autor.

Volume 3: Zeca Pagodinho ("A Rita") e Caetano ("A Flor Da Idade"), intérpretes maiúsculos e adequados.

Volume 4: "Feijoada Completa" por Zeca Pagodinho e Almir Guineto; Miltinho, soberbo em "Grande Hotel"; e os jovens Bernardo Lobo e Dora Vergueiro, em "Norte Dos Mascarados".

Volume 5: Paula e Jaques Morelenbaum fazem uma "Teresinha" de arrepiar, e Mestre Ambrósio destoa positivamente em "Caçada".

Volume 6: Dominguinhos melhora "Paratodos"; Monarco ("Logo Eu?") e Beth Carvalho ("Quem Te Viu, Quem Te Vê") fazem samba do bom; Rosa Passos emociona com "Retrato Em Branco E Preto"; e Gil, voz e violão ("Sonho De Um Carnaval"), é infalível.

Volume 7: João Donato donateando o bolero "Cadê Você?".

Volume 8: Zizi Possi, simples e perfeita em "Com Açúcar E Com Afeto", "Bye Bye Brasil", com Ed Motta e João Donato, e um "Cotidiano" que Arnaldo Antunes ousa fazer diferente.

P.S.

FLU
...E A Alegria Continua (8)
Matraca/Trama

A nova bossa da eletrônica

Obra caseira de um artista-só, Flu (nome virtual do baixista Flávio Santos, ex-De Falla). *E A Alegria Continua* é batuque de terreiro cibernético e eliminador. O álbum tem conceito extremamente contemporâneo (lembra gente como o japonês Cornelius) e sabe ser moderno sem abrir nenhuma lacuna para a afetação sonora. Seu alto teor de brasilidade vem traduzido em doses exatas de bossa nova, samba e percussão. Os brinquedos eletrônicos completam a saborosa receita, que inclui ambient MPB, o drum n' bass) e embolada digitais ("Ninfo Esquema") com boas resoluções harmônicas. Apesar de muita gente desinformada ainda confundir eletrônica com música estritamente feita para as pistas de dança, o álbum de Flu é para ser curtido em momento relax. Na mais para alegria.
Marcelo Ferla

PRINCE
Rave Un2 The Joy Fantastic (7)
Arista/BMG

Sem a velha genialidade, mas no caminho certo

Prince continua igual. Funks [illegible] letras românticas, energia sexy. Rave Un2 the Joy Fantastic tem tudo isso, exceto do excelente (a faixa escondida "Pretty Man", com Maceo Parker no saxofone) [illegible] So Far, So Pleasant" bate com participação de Gwen Stefani, do No Doubt). Outros convidados são Chuck D (do Public Enemy), a rapper Eve [illegible] "Hot Wat U" um funk à George Clinton dos anos 80 – Ani D. Franco e Sheryl Crow [illegible] dueto com Prince no rock "Baby Knows"). A faixa título é uma velha sobra de estúdio, com pesados riffs de guitarra. Apesar de [illegible] utilizadores datados, Prince espalha seus toques de mestre [illegible] com [illegible] chuviscos e beats, e nada mais. Melhor aperfeiçoar o que sabe fazer bem do que se arriscar. Seus discos sempre abrangeram vários estilos, é compreensível que nem tudo funcione. Mas há coisas boas o suficiente para fazer o álbum valer a pena.
Andrea Estevam

FITO PAEZ

Abre (8)

WEA

Expressionismo monumental

Este é o primeiro trabalho de estúdio lançado por Fito Paez desde 1994, quando gravou o antológico *Circo Beat*. Nesse meio tempo, lançou outros dois CDs - *Euforia*, espécie de *unplugged* gravado em Buenos Aires, e *Enemigos Íntimos*, feito em parceria com o espanhol Joaquin Sabina. O disco se estrutura como uma suíte, traçando um panorama da vida argentina dos últimos anos. *So Euforia* era uma [illegible] 18 anos de carreira. *Abre* é um documento preso sobre o final do milênio, uma obra expressionista. O *punch* de Fito se faz presente em "Al Lado Del Camino" e "Desierto". Os desencontros do amor de "11 Y 6", um [illegible] novamente abordados em "Dos En La Ciudad". E a gigantesca "La Casa Desaparecida" é o mais virulento e cru painel da história argentina, expondo, entre tantas coisas, os horrores da ditadura militar. Com grandiosidade e um caráter épico que lembram as tonalidades que invadem a Bombonera e o Monumental de Núñez, os dois templos sagrados do futebol portenho.

Márcio Pinheiro

PIN-UPS

Bruce Lee (8)

Short Records

Banda indie paulistana em show ao vivo e inéditas

Este é o sexto disco da banda paulistana Pin-Ups, que está em vias de completar 10 anos na ativa, algo absolutamente inédito, em se tratando do underground brasileiro. Bruce Lee começa com duas músicas gravadas em estúdio, "To All Our Friends" e "Growing Up", que estão entre o melhor que eles já fizeram. Após uma vinheta instrumental, vem o verdadeiro filé mignon do disquinho: a faixa intitulada "12 x 08" que ocupa na íntegra, um show acústico gravado na tal data no Teatro Hall, em São Paulo. São treze músicas em 35 minutos. O único problema é que não dá para trocar de faixa, o ouvinte tem de encarar tudo de uma tacada só, tarefa que [illegible] sendo [illegible] que a performance é muito legal. Juntamente com uma seleção das melhores canções do repertório da banda, todas em versões mais "limpas" que as convencionais, o show tem também vários covers bem bacanas. Dá para se divertir aos montes encontrando novas nuances nos sons dos Beatles, Superchunk, Rocket From The Crypt e até do Kraftwerk. Ponto para os Pin-Ups.

André Luiz Fiori

Tesouros da voz

FRANK SINATRA

The Summit (8)

Sinatra '57 In Concert (10)

The Sinatra Family Wish You A Merry Christmas (7)

Artanis/Trama

Basta um músico fechar os olhos para que os aproveitadores comecem a lançar discos póstumos sem o menor critério. Para evitar que isso atingisse Frank Sinatra, seus filhos criaram o selo Artanis (Sinatra ao contrário), destinado a trabalhar com raridades do cantor (2 mil horas de material inédito). Esse tesouro começa a chegar ao Brasil.

O primeiro pacote tem três CDs. *The Summit*, de 1962, é um show de Sinatra, Sammy Davis Jr. e Dean Martin gravado num cassino em Wheeling, Illinois. Em meio a piadas e comentários jocosos, os três cantam, entre outras, "A Foggy Day", "Birth Of The Blues" e "Chicago".

Sinatra '57 In Concert traz um show em Seattle. Acompanhado pela orquestra de Nelson Riddle, A Voz recria clássicos como "The Tender Trap" e "They Can't Take That Away From Me". *The Sinatra Family Wish You A Merry Christmas*, de 1968, é um álbum raríssimo, que estava inédito por aqui. Frank, Tina, Nancy e Frank Jr. cantam canções natalinas tradicionais – "The Bells Of Christmas", "Santa Claus Is Coming To Town" – e outras feitas especialmente para o disco, como "Whatever Happened To Christmas" e "The Christmas Waltz".

No próximo pacote virá um CD com todas as gravações de Sinatra e Tom Jobim, várias delas inéditas. E ainda em 2000 sai o histórico show de Frank no Maracanã, realizado há 20 anos.

Toninho Spessoto

Sinatra: mais de 2 mil horas de material inédito começam a ser lançadas

GARTH BROOKS

The Life Of Chris Gaines (9)

Capitol/EMI

Rei dos caubóis assume alter-ego pop

Sempre o mesmo. O gosto de uma não é outro senão Garth Brooks. Em sua nova empreitada, o cantor mudou a cor branca de ídolo pop. Explica-se: Chris Gaines é um personagem que vai ser vivido por Brooks em sua estréia no cinema, num filme que ainda está em produção, e com enredo contra a história de [illegible] pop. São rocks [illegible] certeiras, todas com letras românticas. [illegible] bloods! Nada mais e do que um [illegible] 75

MARVIN GAYE

Live At The London Palladium [illegible]

Fera solta dos palcos em show histórico

Marvin Gaye teve a crise de maior profissionalismo de dar inveja em Tom Maia. Ateasay [illegible]

MEDESKI MARTIN AND WOOD

Last Chance To Dance Trance (perhaps) – Best Of (1991-1996) (9)

Gramavision/Rykodisc IMPORTADO

Virtuosismo instrumental a serviço do groove

O organista John Medeski, o baterista Billy Martin e o baixista Chris Wood já fizeram muita gente dançar e muito músico arrancar os cabelos – como no Free Jazz de 1999, quando disputaram com Cake e Fatboy Slim. Quase o título de melhor show do evento. Jazz é só o ponto de partida para o trio, famoso por [illegible] e respeitado pela competência instrumental. Esta coletânea traz faixas dos discos *Notes From The Underground*, *It's A Jungle In Here*, *Friday Afternoon In The Universe*, *Shack Man* e *Bubblehouse*. EP. Se você pira com as instrumentais dos Beastie Boys, precisa conhecer essa maravilha.

José Flávio Júnior

Bahia em tributo

VÁRIOS

A Confraria Do Gordurinha (6)

DENDÊ DIET

Assis Valente Com Dendê (Diet) (4)

Sons da Bahia/WEA

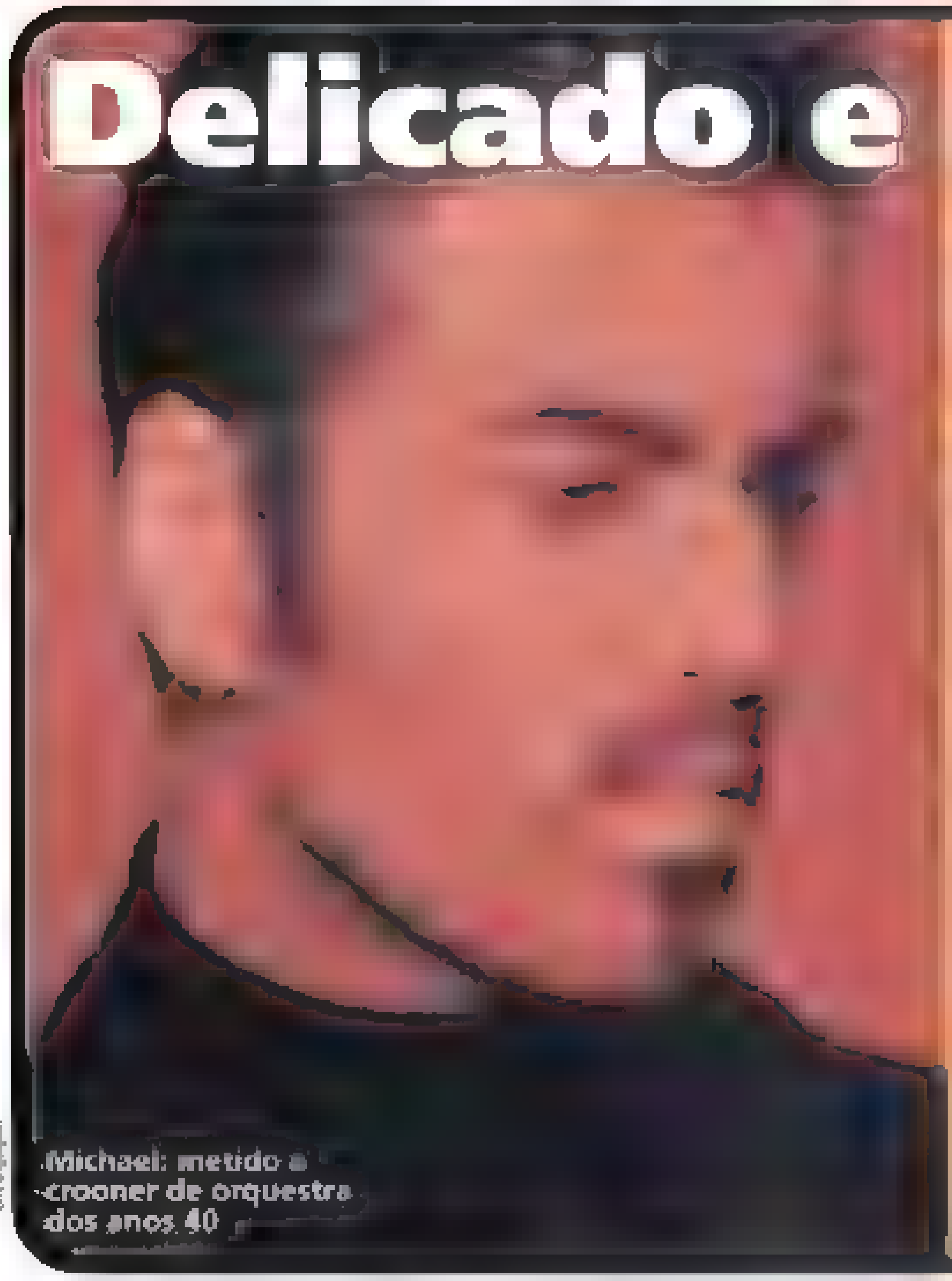
O primeiro pacote com distribuição nacional do selo Sons da Bahia, criado pelo governo estadual para revelar artistas fora da axé music e resgatar antigos compositores, tem como destaques os tributos *A Confraria Do Gordurinha* e *Assis Valente Com Dendê (Diet)*.

O primeiro reverencia o autor de pérolas sarcásticas, como "Chiclete Com Banana" e "Baiano Burro Nasce Morto", nas vozes de Gilberto Gil, Marta Mílani e do grupo Confrária Da Bazófia. Gil canta – e bem – quatro faixas, entre elas os sambas "Pedo A Padre Cícero" e "O Problema É Seu". À Confraria Da Bazófia falta o suingue necessário, enquanto Marta Mílani peca pela impessoalidade de estreante.

A homenagem a Assis Valente tem bom repertório, com clássicos ("Camisa Listrada", "Brasil Pandeiro") e temas pouco conhecidos – a marchinha "Pão Duro", parceria com Luiz Gonzaga –, mas fica comprometida pelos desnecessários floreios vocais do grupo Dendê Diet. Poderia ser melhor.

Hagamenon Brito

Delicado e perfeitinho



Michael: metido a crooner de orquestra dos anos 40

GEORGE MICHAEL

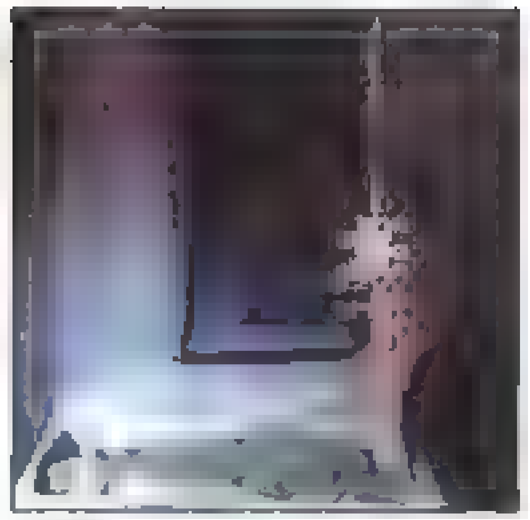
Songs From The Last Century (8)

Em meio a tantas celebrações óbvias de fim de século, George Michael conseguiu um diferencial: seu disco traz releituras de canções eternizadas por músicos tão diversos quanto Cole Porter, Johnny Mercer, U2, Police e a dupla Rodgers & Hart, todas revestidas de uma incrível unidade. O CD mostra Michael como um verdadeiro crooner dos anos 40 acompanhado por uma luxuosa orquestra.

Claro que não poderia faltar uma polêmica, algo bastante comum na vida do cantor. O clipe de "Roxanne" mostra prostitutas em ação nas ruas de Amsterdã, o que provocou protestos das carolas da terra do Tio Sam. A versão de George ficou com uma levada jazzística, bem diferente da original.

Outra que emociona é "Miss Sarajevo", na qual o intérprete passa o mesmo sentimento da versão do U2 que trazia o tenor Luciano Pavarotti. O resultado arrebatador verifica-do nas melodias dos anos 30 a 50, entre elas "My Baby Just Cares For Me", "Where or When" e "I Remember You", prova que Michael é um dos últimos cantores, no mais puro sentido da palavra, deste século. Classudo e elegante, *Songs...* é um disco para pessoas sensíveis de todos os sexos.

Marcos Filippi



GOO GOO DOLLS

Dizzy Up the Girl (6)

Roadrunner

Ex-alternativos americanos descem a ladeira

Há 12 anos, esse trio de Buffalo (Nova York) fez sua estréia por um pequeno selo independente. Seu novo álbum, que foi platina nos Estados Unidos (2,5 milhões de discos vendidos) e rendeu dois sucessos, demorou mas agora chega ao Brasil. *Dizzy Up The Girl* é um dos casos mais bem-sucedidos e emblemáticos de como uma geração que se dizia alternativa acabou cooptada pela indústria e transformada em roqueiros baladeiros, que fazem vídeos bonitinhos. Graças ao romantismo de "Iris" incluída na trilha do filme *Cidade dos Anjos*, sua velha platéia alternativa foi transformada num público de meninas de 14 anos. A mídia chama o estilo de "power pop". São baladas tocadas com guitarras distorcidas – o esquema a que foi reduzido o rock no fim dos anos 90. É o rock que toca no rádio e é indicado ao [illegible] de todo, mas também não faz muita diferença entre os *spots* comerciais. Um caso exemplar que antecipou a trajetória dos Goo Goo Dolls é o do veterano grupo Soul Asylum, que aparou as distorções para aparecer na MTV, fez enorme sucesso e depois lançou mais um ou dois discos. Alguém sabe que fim levou o Soul Asylum? (*N. do E.: Está tocando em botecos*). Boa sorte para os Goo Goo Dolls.

Marcel Plasse

BOB MARLEY

Chant Down Babylon (2)

Island/Universal

Duetos póstumos mancham música de mestre Marley

Os filhos de Bob Marley só vão sossegar no dia em que o santo nome do pai estiver definitivamente na lama. Não bastasse a saraivada de discos que Julian, Damien e outros 319 irmãos lançam na esperança de que o sobrenome famoso ajude a encobrir a mediocridade da música que fazem, são eles que agora inventam este *Chant Down Babylon*, um disco no qual Marley aparece em duetos com Erykah Badu ("No More Trouble"), Lauryn Hill ("Turn Your Lights Down Low") ou Chuck D ("Survival"). As versões não acrescentam nada à discografia do rei do reggae – talvez só interessem aos fãs dos artistas que emprestam um pouco do talento de Marley. No meio do lodaçal, Steven Tyler e Joe Perry dão uma graça a "Roots Rock Reggae" e MC Lyte casa bem seu rap com a levada de "Jammin'". Mas isso é uma crítica sob o ponto de vista cético, técnico, sem levar em conta a magnitude do projeto e do gênio envolvido. Então, vamos lá, analisar este disco sob o ponto de vista do crente: *Chant Down Babylon* não funciona porque em todas as faixas e no encarte Bob Marley é tratado como alguém que já morreu. E todo mundo sabe que ele permanece vivo em nossos corações. Ou seja, sob qualquer ponto de vista, não dá.

E.G.

QUASI

Field Studies (9)

Up Records – IMPORTADO

Um disco de sonho para fãs das baladas do R.E.M.

Se você é adolescente (na idade ou no coração), deve passar por aqueles momentos tristes em que a vontade é de apagar as luzes do quarto e chorar, chorar sozinho, sofrer gostoso. Pois bem, várias das canções que esta dupla americana (de Portland, Oregon) gravou em seu quarto álbum são perfeitas para esses momentos de deleite na autocomiseração; pode começar [illegible] do com a pungente [illegible] "You Left Behind" [illegible] que David Bowie não fez [illegible] adoraria ter feito).

O cantor e tecladista Sam Coomes e sua ex-mulher, a baterista Janet Weiss, são [illegible] Elliott Smith, um dos grandes compositores revelados [illegible] alternativo dos anos 90.

Sam não fica atrás [illegible] borbotões as baladas que Michael Stipe hoje faz pingar com avareza a cada disco do R.E.M.

Inteligentes, suas letras [illegible] o travo amargo com humor. Os arranjos, simples mesmo quando encorpados por violas, violinos e celos, alcançam uma grandiosidade alternativa – sem algo como o rock progressivo possível em 1999. Para quem já [illegible] o Quasi, uma diferença [illegible] teclado Roxichord de Sam [illegible] com que ele [illegible] anteriores, escangalhou-se e o [illegible] a buscar timbres menos churrasqueiros.

P.S.

BEASTIE BOYS

The Sound Of Science (8)

Grand Royal/EMI

Reis brancos do hip hop revêem obra em dois CDs

Esta é uma coletânea "oficial" do Beastie Boys, organizada pelos próprios integrantes do grupo. Isso significa faixas selecionadas por critérios idiossincráticos e esquizofrênicos, dois adjetivos que acompanham a trajetória do grupo desde o inaugural *Licensed To Ill*, de 1986. Exemplo: uma gema do quilate de "No Sleep 'Til Brooklyn" ficou de fora, enquanto só tem a impres- [illegible] coisas hardcore do trio. Mesmo assim, *The Sound Of Science* vale o investimento – e põe investimento nisso: são 42 músicas em dois CDs, embalados por [illegible] e acompanhados de um [illegible] de 80 páginas, no qual a [illegible] ção de cada música é explicada por algum *beastie*. Há hits dos [illegible] discos "de carreira" da banda, de "Fight For Your Right" (do primeirão) a "Intergalactic" (de *Hello Nasty*, (1998), passando pelo subestimado *Paul's Boutique* (1989), que contribui com "Shadrach", "Shake Your Rump" e "Hey Ladies". *Sound* traz, ainda, quitutes como "Jimmy James" em versão menos barulhenta do que a contida em *Check Your Head* (1992) ou "Benny And The Jets", de Elton John, cantada com a letra embolada. Para ouvir e sacar a evolução dos caras, do rap sexista do começo ao ecletismo de hoje.

Emerson Gasperin

Rico manancial

VÁRIOS

Songbook João Donato (8)

Lumiar

Recém-descoberto pela juventude de lounge ou coisa que o valha, este talento gigantesco nascido das entranhas do Brasil (o Acre) recebe uma bela homenagem em três discos vendidos separadamente. O melhor da história: João meteu a colher nos arranjos e usou músicos como o baixista Arismar do Espírito Santo e o baterista Wilson Das Neves.

No primeiro CD, em meio a medalhões como Gal Costa e Chico Buarque, vale a surpresa de encontrar o suingue de "Bananeira", com Ed Motta e J.T. Meirelles e a alegria de reencontrar a musicalidade de João Bosco em "Mentiras" (que falta ele faz um bom texto hoje...) e a voz de Wanda "Vagamente" Sá, na deliciosa "Nasci Para Bailar". Até Adriana Calcanhotto fica bem cantando "Que Surpresa" (parceria de João e Caetano Veloso).

O segundo disco tem Nana Caymmi, Caetano e Marcos Valle, todos em interpretações brilhantes. Mas Daniela Mercury, afetada, estraga "A Rã" com – crime! – arranjo de Guinga. Nessas horas, a gente quase concorda com o João: letra é acessório supérfluo para vender disco. Aliás, a despeito da concorrência boa, ninguém bota verso em música de João Donato melhor do que seu irmão Lysias. Para compensar Daniela e outras, há Johnny Alf, o intérprete mais adequado para as bossas jazzísticas do nosso Tom amazônico.

O número três talvez seja o melhor: abre com o belo violão e a voz de Gil em "Minha Saudade" e desemboca em Leny Andrade ("Lugar Comum") e Elza Soares ("Fonte Da Saudade"), passando pela linda versão que Verônica Sabino e o pianista Leandro Braga fizeram de "Amazonas".

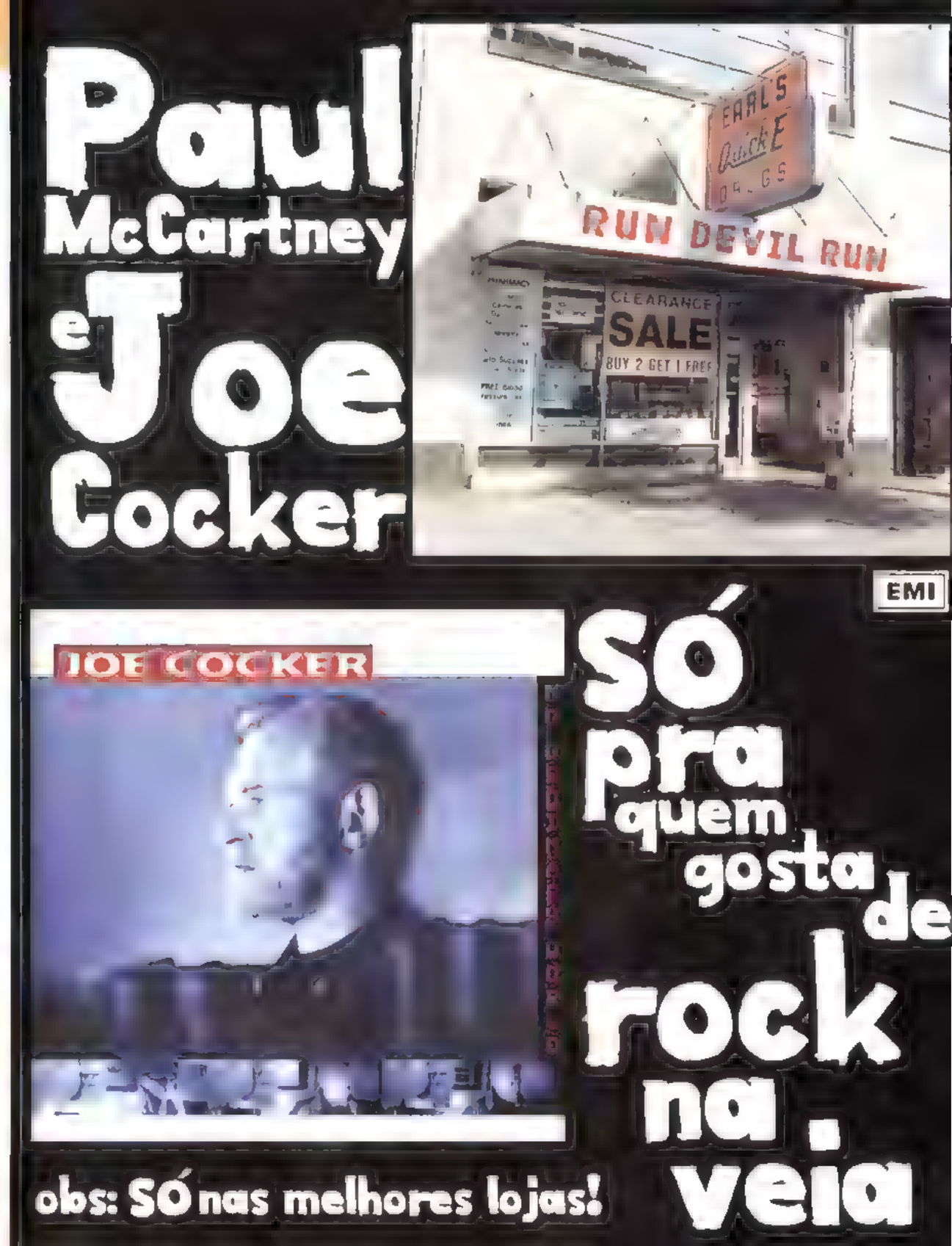
Pedro Só

João Donato: talento amazônico homenageado em songbook

E mais...

Rock – daqui e de fora –, folk, hip-hop, Diana Ross tentando de novo, clássicos de Pixinguinha e, finalmente, um ao vivo que presta

Disco	Quem?	Como?	Funciona?
ELEVATOR (Tombola/ Virgin)	O trio mexicano Titan.	Num disco bem interessante, que mescla rock, batidas eletrônicas e hip-hop em repertório que mistura temas próprios e covers.	Sim, é salada sonora bem azeitada, com destaque para "Corazón" (Carole King) e "C'mon Feel The Noise", tema do seriado *Starsky & Hutch*.
DECONSTRUCTION (Capitol/EMI)	Meredith Brooks, cantora e compositora americana que faz a linha "dores & amores", no mesmo estilo de Alanis Morissette e Paula Cole.	Em seu terceiro CD, com rocks e baladas falando de paixões e solidão, com destaque para "Bored With Myself" e "I Have Everything"	Sim, o repertório é bom e o dueto com Queen Latifah em "Lay Down (Candles In The Rain)", hit da cantora Folk Melanie em 1970, um arraso
PIXINGUINHA (Rob Digital)	O saxofonista e clarinetista Paulo Moura, acompanhado por um grupo que inclui feras como Jorge Simas (violão) e Joel Nascimento (bandolim).	Em 16 clássicos de Pixinguinha gravados ao vivo e com interpretações irrepreensíveis, entre eles "Urubu Malandro", "Rosa" e "Carinhoso".	Claro. Paulo Moura revista as canções de Pixinguinha respeitando os arranjos para octeto criados pelo mestre. Inteligentemente reverente, genial.
[illegible] (Atlantic/WEA)	O quarteto irlandês de folk/pop The Corrs, que faz muito sucesso também na cena country.	Em sucessos próprios e covers, num *Acústico* da MTV, gravado em Dublin.	Sim, os arranjos de "What Can I Do", "Little Wing" (Jimi Hendrix) e "Everybody Hurts" (R.E.M.) são emocionantes e inventivos
STAYING POWER (Private Music/BMG)	O maestro, cantor e compositor Barry White, de volta ao disco depois de quatro anos.	Num álbum com 11 baladas românticas e participações especiais de Chaka Khan e Lisa Stansfield	O vozeirão de White está em cima. A melhor faixa é "The Longer We Make Love" (em duas versões, uma em dueto com Lisa, outra com Chaka).
WILLENNIUM (Columbia/Sony)	O dublê de rapper e ator Will Smith, astro dos filmes *Men In Black* e *As Loucas Aventuras de James West*	No segundo CD-solo, cheio de convidados (Kool Mo Dee, Jill Scott, K-Ci), e samp ers de Tito Puente, Michael Jackson e Clash ("Rock The Casbah")	Sim. É hip-hop de butique e pode chocar puristas, mas as divertidas "Will 2K", "Can You Feel Me" e "Pump Me Up" animam qualquer festa
TODOS OS [illegible] (Abril)	O cantor e compositor pernambucano Alceu Valença.	Em um contagiante CD ao vivo, gravado em Olinda, Recife e na noite brasileira do festival de jazz de Montreux, na Suíça, em 1998.	Sim, a energia de palco de Alceu transparece em canções como "Tropicana" e "Como Dois Animais", e num belo fado inédito
EVERY DAY IS A NEW DAY (EMI)	A veteranissima Diana Ross, tentando mais uma vez voltar a fazer sucesso e vender discos.	Em CD cheio de baladas melosas, como "Got To Be Free" e "So They Say". Se algum diabético ouvir, corre sério risco de morrer fulminado..	Não. Diana continua cantando bem, mas infelizmente caiu na vala comum do r&b modernoso. Dá uma saudade danada das Supremes e dos anos 60.
MOVIDO A GÁS (Antídoto)	A banda gaúcha Maria Do Relento, que fez sucesso há alguns anos com o inacreditável rock "Conhece O Mário?"	No segundo CD, com material próprio e covers dos incríveis ("O Vagabundo") e Mutantes ("Virgínia"), e produção de Thedy Corrêa e Edu K.	Sim, é rock com melodia e bem feitinho. "Hey Terence Hill" "Corcel 72" e "Epiletico" (com sampler de "Da Da Da", do Trio) garantem a diversão.



Ao Vivo

Natal chaparral

"Pra lá de apático, o público não vibrou com o novo Oasis e Liam xingou: 'Todo mundo está doidão'"

KROQ Almost Acoustic Christmas

Arrowhead Pond (Anaheim, Califórnia), 11/12/99

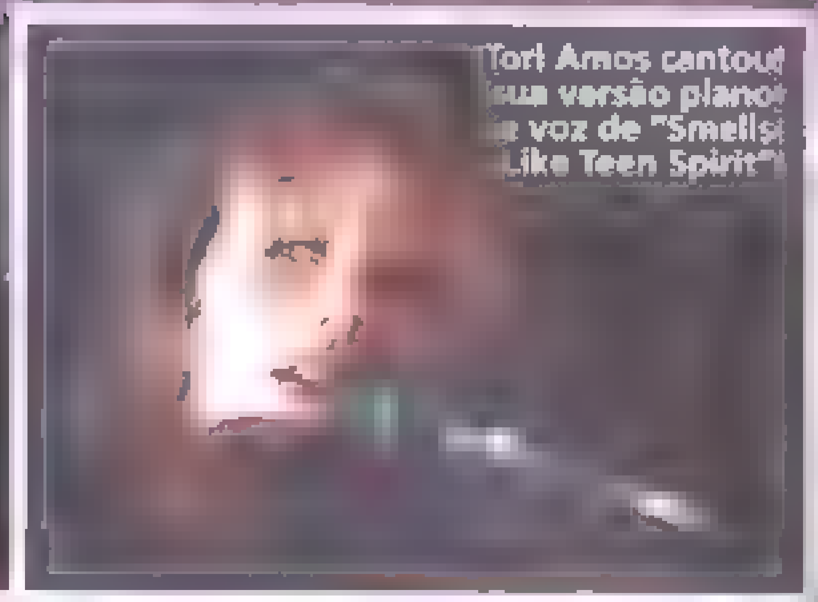
Os brasileiros só conhecem [illegible] Woodstock, Lilith Fair [illegible] Ozzfest como grandes festivais americanos. Mas para o público no sul da Califórnia, o Almost Acoustic Christmas organizado anualmente pela rádio KROQ é o evento sempre esperado. Dessa vez não foi diferente: cerca de 12 mil adolescentes lotaram o estádio de Anaheim, cidade da Disneylândia e do No Doubt, para uma longa jornada musical. Entre as 11 bandas escaladas, uma atração especial: o Oasis apresentando sua nova formação. O [illegible] Natal Quase Acústico [illegible] Desplugado [illegible] Apesar [illegible] mais interessados em [illegible] fazer [illegible] olhar [illegible] falta [illegible] lo [illegible] de tudo [illegible] pós-grunge [illegible] e [illegible] rock [illegible] pop [illegible] Tori Amos [illegible] Apple [illegible] final de Rob Zombie.

Spider, irmão [illegible] ex-vocalista do White Zombie, foi uma revelação. [illegible] espaciais e [illegible] seu grupo, Powerman 5000, entrou no palco às 18h e, mesmo diante de um estádio semi-vazio, mostrou um novo metal de qualidade. O Save Ferris veio em seguida, sendo recebido com frieza, a despeito dos esforços da vocalista Monique Powell.

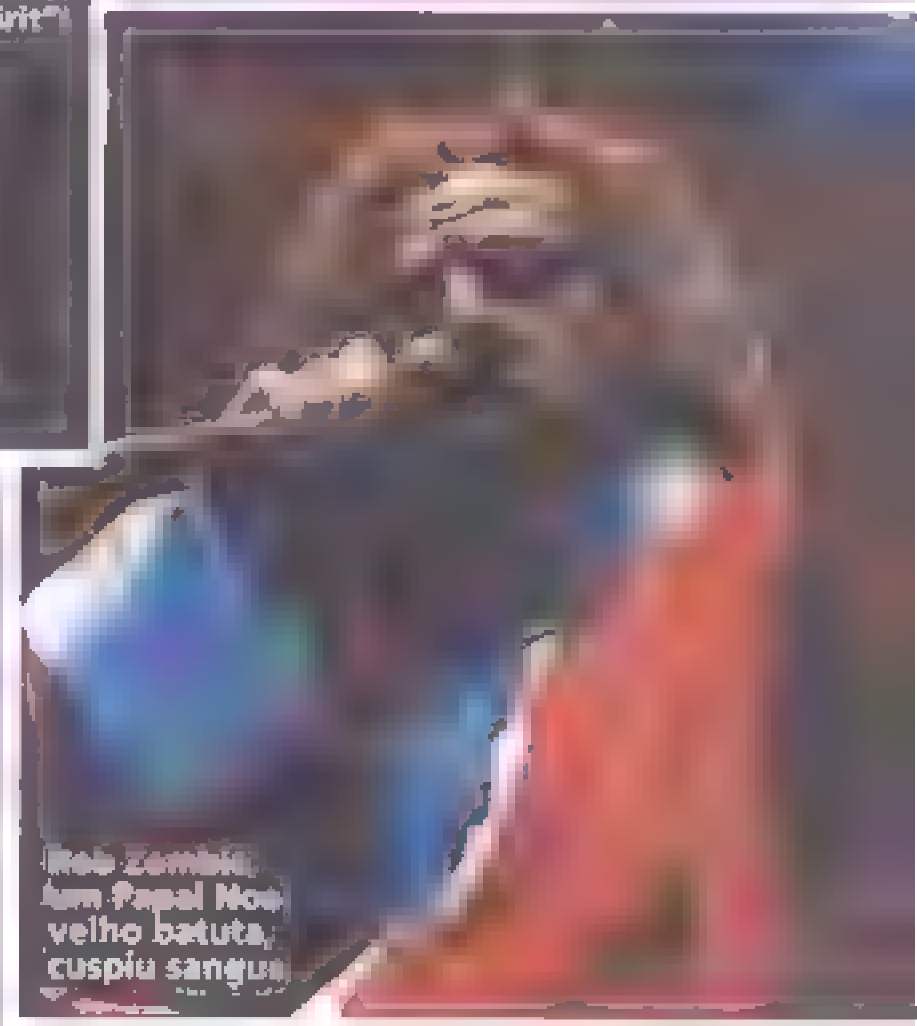
Depois da mistureba de rock, pop e reggae do 311, veio mal-humorada, como sempre, a turma do Oasis. O grupo entrou às [illegible] mandando "Cigarettes & Alcohol", seguindo com "Whole Lotta Love" (Led Zeppelin). [illegible] Foi [illegible] tocando [illegible] antigas [illegible] pra [illegible] va [illegible] Heavy Metal [illegible] depois do show. [illegible] [illegible] Fernandez, 19 anos. [illegible] uma queda de popularidade do Oasis nos EUA. "Vocês estão [illegible] Todo mundo está doidão", diagnosticou o vocalista Liam Gallagher, diante do silêncio no público.

Os focos de atenção [illegible] foram o novo baixista Andy Bell (ex-Ride) e o novo guitarrista Gem (ex-Heavy Stereo). Ambos seguem a cartilha de postura de palco de seus colegas: quase parados. A interação entre banda e público é quase inexistente. Liam repetiu várias vezes um dos [illegible] [illegible] de palco [illegible] [illegible] Casillas, 18 anos.

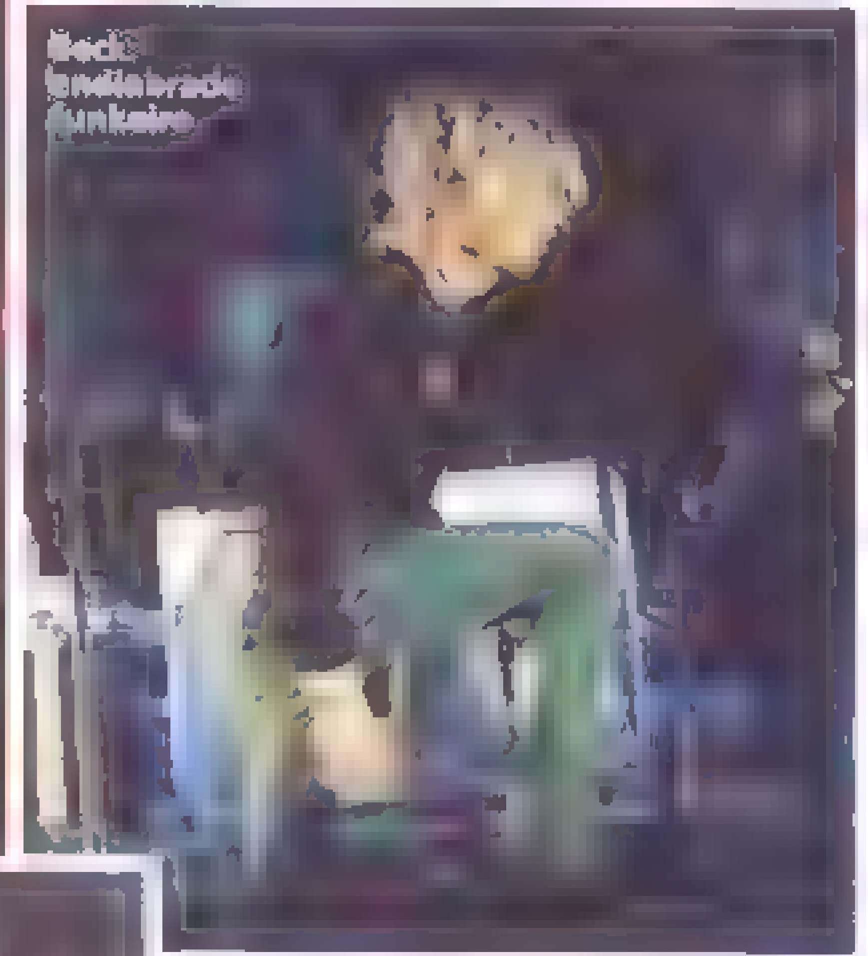
Sem perder tempo (o festival não tem intervalos [illegible] equipamentos [illegible] americana Fiona Apple [illegible] ciou seu show com o hit "Fast As You Can". [illegible] [illegible] sua [illegible] [illegible] os [illegible]



Tori Amos cantou sua versão piano e voz de "Smells Like Teen Spirit"



Rob Zombie, um Papai Noel velho batuta, cuspiu sangue



Beck: endiabrado funkeiro

Andy Bell, o novo baixista do Oasis

[illegible] destacados de [illegible] alternativo.

As [illegible] até Liam Gallagher [illegible] amplificadores [illegible] vocalista Dave Grohl [illegible] o guitarrista Pat Smear, ex-Nirvana [illegible] entrou para reforçar e os Foo Fighters tocaram "Alone + Easy Target" com três guitarras. Antes [illegible] Grohl [illegible] Que [illegible]

A piada não afetou Tori Amos, a madrinha do rock [illegible] anos 90. [illegible]

Dave Grohl tentou, mas não incendiou

hora, ignorou os hits (com exceção de "Silent All These Years" [illegible] *Earthquakes*) [illegible] to doce e emotivo.

[illegible] show [illegible] Beck [illegible] [illegible]

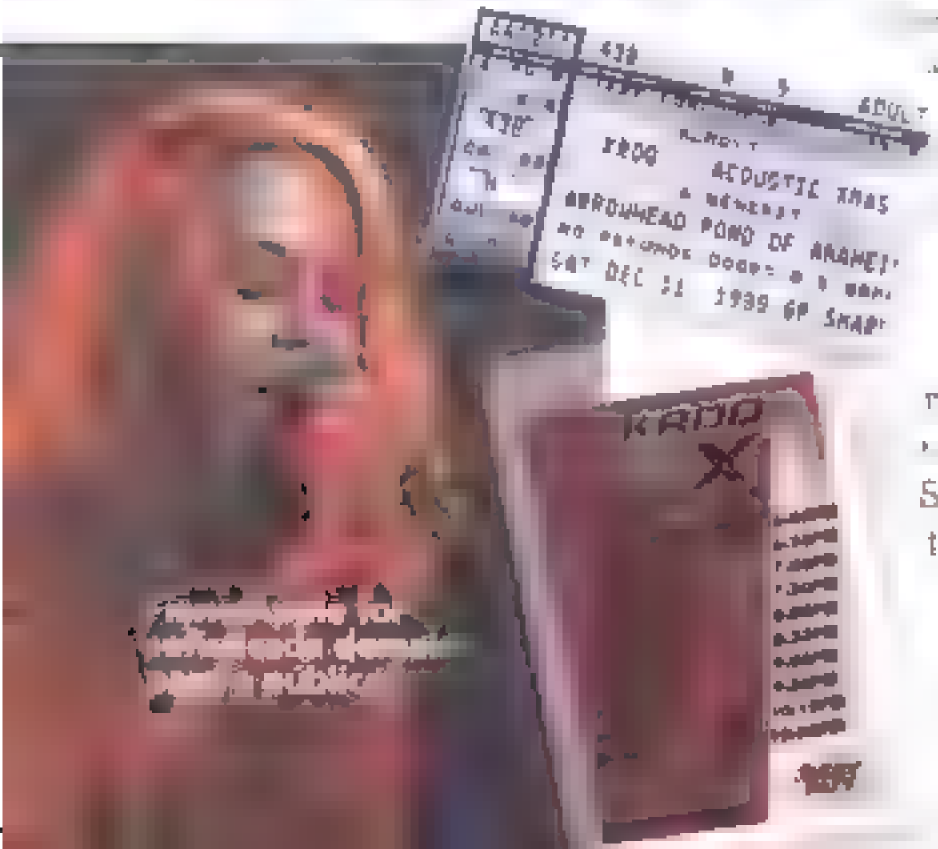
outro ritmo brasileiro... Dançando e deslizando ao estilo Michael Jackson, o [illegible] fez [illegible] a presença mais animada no palco do festival. Mesmo sem tocar "Loser", seu maior sucesso, conseguiu [illegible] o público — apresentando bastante [illegible] com seus grooves [illegible]

Rob Zombie entrou provocando. "As bandas [illegible] reclamando nos bastidores dizendo que o palco está uma merda [illegible] Centenas de pessoas cantaram [illegible] "Dragula" e "Thunder Kiss '65", do White Zombie. Vestido como Papai Noel e cuspindo sangue [illegible] o vocalista liderou uma banda rápida, pesada e agressiva.

"Ouvi alguém dizer que [illegible] aqui". Assim o baixista e vocalista Mark Hoppus, do Blink 182, respondeu a Rob Zombie. Com seu punk descartável, Hoppus, Tom DeLonge (guitarra e vocal) e Travis Barker (bateria) encarnam [illegible] caras [illegible] de graça [illegible] *bad boys*. Ocasionalmente [illegible] mas desse vez limitaram seu mau gosto a arrotos e piadinhas sobre sexo.

O Bush [illegible] seu sucesso nos EUA. "Everything Zen", "Machinehead", "The Chemicals Between Us", "Glycerine" e outros hits fizeram a garotada [illegible]. A banda pode ter roubado [illegible] Pearl Jam e Nirvana, mas mostrou que possui carisma [illegible] um público cansado e, em muitos casos, [illegible] para ir embora.

Daniel Oliveira



Pediram Stones e o ex-beatle mostrou que também sabe ser grosso

Macca, Mike David Gilmour e Ian Paice: homens da caverna

De novo troglobeatle

Paul McCartney
Cavern Club (Liverpool) 14/12/99

Eis [illegible] confesso. Fui uma das 311 pessoas [illegible] no Cavern Club [illegible] Paul McCartney [illegible] Liverpool no dia 14 de dezembro. E sei lá se vou. Daqui para a frente nada vai superar o barato de ter presenciado, ao vivo e em cores, páginas históricas do rock sendo reescritas na minha frente. Depois disso, tudo [illegible] pra comparação. Mas valeu.

Quem viu viu. Quem [illegible] pode [illegible] o replay na Internet ou esperar pelo especial de televisão encomendar o vídeo, colecionar o selo comemorativo, comprar a camiseta ou o livro de edição especial... Macca quis encerrar o milênio um grande estilo e consegui-lo. Agora, com a dose certa de oportunismo, vai colher os frutos. Não que os fãs se importem. A multidão comprimida do lado de fora do Cavern Club mostrou que o mais melodioso dos Beatles continua popular como sempre.

Foi do porão do lendário local, no [illegible] que [illegible] começaram para a festa. Lá mais de quatro dezenas de [illegible] Paul McCartney [illegible] Sir Paul, como preferem os ingleses – não passava de um pequeno palco da caverna desde 1963, quando tocou pela última vez por um módico cachê de 300 libras (aproximadamente R$ 960). Para a volta triunfal, Paul lotou o local para 300 felizardos, 150 dos quais ganharam ingressos por meio de um sorteio. E é claro que tinha brasileiro na [illegible] da. O mundo, Pedro S[illegible] M[illegible] [illegible] de 21 anos, encerrou com chave de ouro a sua temporada [illegible] ganhando um dos disputados convites (tinha gente oferecendo R$ 30 mil por uma entrada). "Estou voltando para o Brasil amanhã. A carta avisando que eu tinha sido sorteado chegou duas horas antes de eu sair de casa e quase não deu tempo de comprar a passagem para Liverpool", lembrou, emocionado.

Os outros 150 convites foram distribuídos entre o clã dos McCartney, a equipe de som e a imprensa. Mais de 12 mil pessoas viram o show de um telão numa praça próxima ao Cavern, numa iniciativa paga pelo próprio músico, e estima-se que uma audiência de 500 milhões veja o show pela Internet ou pela televisão.

No pequeno set de 45 minutos, Paul soltou a voz em clássicos do rock, algumas composições próprias e uma única música dos Beatles: "I Saw Her Standing There". E com que banda! David Gilmour, do Pink Floyd, assumiu a guitarra-solo; Ian Paice (Deep Purple) tomou conta da bateria, mais os teclados de Pete Wingfield e a guitarra base de Nick Green. As 20h em ponto essa superbanda abriu com "Honey Hush", de Johnny Burnett, para depois atacar com o clássico de Gene Vincent "Blue Jean Bop". Na sequência foi a vez de "Brown Eyed Handsome Man", de Chuck Berry, seguida de "Fabulous". Também teve "What It Is" (escrita no período da doença de Linda McCartney), "Lonesome Town", "Twenty Flight Rock", "Try Not To Cry", "Shake A Hand" e "All Shook Up", imortalizada por Elvis Presley. No bis, Paul encerrou com "Party".

Sem tempo para ensaiar, mesmo uma superbanda dá suas escorregadelas: isso aconteceu no começo de "Try Not To Cry", e Macca aproveitou para brincar: "A melhor coisa com uma banda dessas é que, se a gente erra, é só começar de novo". Logo em seguida, em resposta a um fã que pedia "Satisfaction", dos Stones, ele foi menos polido. "Leia os meus lábios: F off", mandou. O comentário, como era de se esperar, foi retirado da versão final do show em vídeo.

Na esquina do Cavern, um pub aproveitou para apresentar uma (competente) banda cover dos Beatles. A lojinha de souvenirs da banda, na mesma Mathew Street em que fica o famoso clube, fez a festa (tinha de ver a cara de alegria do dono no dia seguinte ao show). Discos do filho pródigo eram ouvidos em todas as esquinas e McCartney tocava até no McDonald's da cidade.

O mais divertido de tudo foi o tratamento de estrela que a maioria dos 300 fãs que compareceu ao show recebeu na saída. Equipes de televisão esperavam a galera para documentar as suas impressões sobre o feito histórico, enquanto outros menos afortunados observavam o movimento do lado de fora. Enfim, foi um momento mágico. E pensar que os meus futuros netos ainda vão suspirar muito quando eu contar essa história pela milésima vez!

Valeria Rossi

John Cale foi mais emocionante ao piano

Legendária aridez

John Cale

Sesc Vila Mariana (SP), 8/12/99

O galês John Cale é sinônimo de ecletismo. Com formação em música erudita contemporânea, foi para os EUA nos anos 60, onde cerrou fileiras com Lou Reed para fundar o Velvet Underground, um dos grupos mais influentes da história do rock. Depois, partiu para a carreira-solo, incorporando desde minimalismo até música sinfônica, passando por pop, hard rock e som eletrônico. Isso sem falar nas produções que fez para artistas como The Stooges e Patti Smith, entre muitos outros.

Com tal bagagem, a presença de Cale era aguardada com fervor pelos fãs que tomaram o moderno auditório do Sesc Vila Mariana em São Paulo (note-se, com ingressos gratuitos, que deviam ser retirados com antecedência). Lógico que a tribo dos antenados estava presente, incluindo Marianne Faithfull, que veio cantar com sua banda em promoção do mesmo projeto *(veja crítica ao lado)*.

O show foi semelhante à apresentação registrada no álbum ao vivo *Fragments Of A Rainy Season* (1992), em que Cale fazia um apanhado das várias fases de sua carreira-solo, se revezando apenas no piano e violão. Porém, a partir da metade do espetáculo, ele contou com o apoio do tecladista/programador de ritmos Adam Dornblum, com quem tem trabalhado. O galês diz que pretende transmitir por sua música atual os climas secos dos filmes de Sam Peckinpah e emenda canções como "A Dream", um delírio confessional em que relembra os tempos do Velvet.

Enquanto Dornblum fornecia as bases eletrônicas, Cale recitava os versos em um ritmo de prosa espontânea como a praticada pelos poetas da geração beatnik. Mas os pontos altos do show se deram exatamente durante o set acústico, quando arrasou ao piano em músicas como "Buffalo Ballet", "Cordoba" (impregnada de passagens eruditas) e no final apoteótico com "Fear Is A Man Best Friend" (onde seu vozeirão gutural foi acompanhado por verdadeiras pancadas no instrumento).

No bis, o som eletrônico retornou para uma excêntrica versão de "Hallelujah" de Leonard Cohen. Foi um show curto, de pouco mais de uma hora, mas que valeu cada minuto de grande música.

Celso Pucci

Marianne: talento e mamões maduros

Passado em decotão

Marianne Faithfull

Sesc Pompeia, (SP) 11/12/99

"Um anjo com dois peitões." Assim o produtor Andrew Oldham rosnou sua segunda maior descoberta, a cantora e compositora inglesa Marianne Faithfull (a primeira foram os Stones, com quem Marianne se envolveu pessoal e artisticamente). E o anjo voltou ao Brasil (desta vez sem Jagger e Richards, com quem veio a passeio em 1968) e para três shows com ingresso gratuito, numa promoção do British Council (bela compensação pela Virgin relutar em lançar aqui seu novo disco, *Vagabond Ways*).

Há cinco tipos básicos de cantoras pop rock dos anos 60: sapecas (Rita Pavone, Lulu), sensuais (Sylvie Vartan, Sandie Shaw), cabeças (Françoise Hardy, Jackie DeShannon), feministas (Joan Baez, Grace Slick) e decadentes (Nico, Janis Joplin). Marianne representou bem os quatro últimos tipos, principalmente o último, com a vantagem de haver sobrevivido e estar disposta a se livrar da imagem de "namoradeira" e drogada. Durante a hora e meia desse show, ficou bem claro que não só seus famosos "peitões" cresceram (e muito!); seu talento de artista também. E a voz límpida de antanho deu lugar a um timbre rouco e encorpado, tornando-a uma equivalente vocal de Eric Clapton, outro ilustre sobrevivente de excessos e de emoções.

O repertório incluiu boa parte do disco *Broken English* (lançado em novembro de 1979, há vinte anos – pois é, o tempo passa), várias faixas do novo CD ("Vagabond Ways", "Incarceration Of A Flower Child" – presente composto por Roger Waters em 1968) e sucessos como "Working Class Hero" de John Lennon, "Come And Stay With Me" (da já citada DeShannon), "The Ballad Of Lucy Jordan", de Shel Silverstein (falecido em maio), "As Tears Go By"... só faltaram suas versões de Brecht & Weill.

A banda foi eficiente, sem virtuosismos inúteis e com uma pequena e bem-vinda dose de amadorismo – o guitarrista e diretor musical Barry Reynolds errou a entrada de "File Under Fun From The Past", desculpou-se e seguiu em frente muito bem. O contrabaixista Chris Thomas tomou para si os solos de algumas músicas e recebeu um mimo especial da cantora na hora da apresentação: um caloroso beijo na boca (*N. do E.: e a disposição para mudar a imagem de "namoradeira"?*)

E, afora o bendito cigarro, Marianne está totalmente careta, livre das drogas pesadas – o que talvez explique a recusa em cantar "Sister Morphine", sua parceria com Jagger & Richards (*N. do E.: de lembrança stoneana, houve apenas uma pouco entusiasmada As Tears Go By*).

Ayrton Mugnaini Jr.

Da lama ao caos

Festival de Todas as Tribos

Zona Portuária (Rio), 10/12/99

O slogan de Chico Science cai bem para definir esse evento que reuniu roqueiros, forrozeiros, *clubbers* e malucos em geral para 12 horas de música. Graças a um toró que assolou o Rio durante vários dias, o local do evento – um terreno de 17 mil m² na zona portuária, onde se espalhavam 14 lonas – virou um lodaçal de fazer lembrar festivais como o de Glastonbury na Inglaterra. Da lama do chão ao caos da organização, o que se viu foi um instantâneo de cena underground e suas facções.

Com duas exíguas portas abertas desde às 19h, o festival só começou a dar mostra de vida lá pela 0h30, quando B. Negão agitava a lona da Zoeira, point do hip-hop no evento. Era o início de uma longa jornada do rapper por vários palcos e pistas. Mesmo abalado por uma laringite, ele não fez hou a matraca. "Pretendo ficar umas cinco horas no palco" prometeu. Lá pelas 4h30, sua banda Funk Fuckers subia ao palco da lona da festa roqueira Loud!, mostrando-se bem mais versátil.

Na tenda Conexão Brasil, à 1h, Seu Jorge (ex-Farofa Carioca) fazia laboratório para seu disco solo armando uma roda de samba com o grupo Bangalafubenga. "Estou experimentando com funk e o samba. Hoje é a vez do samba", anunciou, antes de sair levando um batuque de sua autoria, "Samba Já", e "Se Eu Pudesse", de Neguinho Da Beija-Flor.

Devo gravar lá para maio. Até lá vou pesquisar muito Jorge Ben. Paulo Moura e providenciar a gravação do próximo CD do Planet Hemp", avisou

[illegible] uma hora e outra, podia-se ver os [illegible] do a hora de entrar. "O R sempre foi difícil para show de rock". Logo justificava a vocalista Simone. Descon[illegible] tal "volta do rock" – "acho que o público é que voltou, nós sempre estivemos por aí" –, ela fez o segundo melhor show da noite, por volta das 2h. Mostrando jogo de cintura para driblar as dificuldades técnicas e conquistando o público com "Fale Mal de Mim" e "Cannabis Triste", os Autoramas serviram como aquecimento para a aguardada aparição da Nação Zumbi (que, após longo inverno, sem gravadora, a dia de assinar com o selo paulistano YBrazil? Records e deve lançar disco em março).

Enquanto isso, playboys se sarud um ao som da dance music ouvia na lona da Jovem Pan, falsas louras rebolavam no Pagode da Tia Eliza ao som do grupo Raiz Brasil, o pessoal do cacuriambu da paz chapava na Reggae Nation, ouvindo Tafari Roots; neohippies batiam coxa na Toró de Santa com o Trio Nordestino; e *clubbers* ferviam ao som dos tops DJs paulistas Renato Lopes e Maumau na tenda THC. Tinha para todo mundo.

Na espera pela Nação, o povo se esprem[illegible] cantando músicas da Plebe Rude. Quando Gilmar Bola Oito abriu a boca, a tenda afundou uns 10 centímetros na lama, tal o pula-pula. Foram 60 minutos de maracatu-core, com músicas do vindouro álbum *Hodio S. Amb A.*, como "Caranguejo Da Praia Das Virtudes" e recebendo convidados como Seu Jorge. Com iluminação dez e fumaça em profusão, o show foi encerrado com uma apoteótica versão de "Manguetown", às 4h.

Ainda rolaram Baia & Rockboys e Pólen, mas lá pela alta madrugada só mesmo o drum'n bass furioso do DJ Marky e Mark[illegible] na pista Febre, para terminar de estraçalhar com os sentidos.

André Gordirro

Números

37 mil m² de área
10 mil pessoas
58 DJs
33 shows
14 lonas
12 horas de música
3 horas para entrar
1h30 de atraso entre shows
30 min. para comprar um sanduíche
20 reais para entrar

Latas fora de estação

Rock Verão 2000

Arena da Baixada (Cuntuba), 11/12

Se São Paulo e Brasília podem sediar torneios de vôlei de praia, é natural Cuntuba querer promover um festival de verão em um estádio, a quilômetros do mar, sob chuva e temperatura de uns 15 graus. Nomenclaturas à parte, a Arena estava praticamente lotada para ver O Rappa, Raimundos, Charlie Brown Jr. e o grupo curitibano Fluksy Faluta, elogiado pela imprensa paranaense.

Os locais aturam o evento. "Cabelos Crescem", até que empolgou a massa, mas a duração do show acabou cansando todo mundo. Ficou explícito o porquê das performances de 99% das bandas novas serem tão "energéticas": se alguém ficar parado no palco, toma latada de cerveja no lombo. A única música que não provocou arremessos foi "Around The World", do Red Hot Chili Peppers. Aí, não se sabe se é caso para lamentar ou comemorar.

Na sequência, o Charlie Brown Jr. veio com ares de quem entra já com a partida ganha. Afinal, era a banda certa para a audiência idem. Mas, mesmo com o vocalista Chorão falando "tudo o que ela gosta de escutar" – ou seja, cantando todos os hits –, a receptividade foi inexpugnavelmente fria. Muito mais divertida foi a lista de exigências do grupo: 50 toalhas brancas ("que não serão devolvidas" estava escrito), três carros (um para a equipe, um para Chorão e outro para os demais charmes) e sete quartos com cama de casal e um andar alto e longe da casa das máquinas do elevador.

Com o Raimundos, o festival começou de verdade. Todo o estádio cantou junto todas as músicas. Banda e público estavam tão sintonizados que valeu tudo – do solo picareta de Rodolfo, anunciado como "o melhor guitarrista do mundo", à jam com Marcelo D2 e Charlie Brown em "Manteiga O Respeito" e "Zóio d Lula", finalizando com "Mulher De Fases". Quando o som parou, muita gente pensou que o show havia terminado e foi saindo, movimentação que não parou nem com a volta da banda ao palco. Quem segurou o xixi ainda curtiu "Tora Tora" e "Ela Tá Dando".

Fechando, o Rappa embaralhou seu som ao reproduzir as boas canções do disco *Lado A Lado B* [illegible] palco. O convidado especial Marcelo D2 perdido, [illegible] ofuscado pela participação de dancarinos de break. Mesmo assim, ninguém reclamou. Duas da manhã, tudo consumido, [illegible] queria azar – já estava no lucro ou [illegible]. Em tempo: os banheiros da Arena – o "estádio mais moderno do Brasil", são impecáveis. Parecem de shopping.

Emerson Gasperin

Maratona apocalíptica

BR 2000

Broadway (São Paulo), 16/12

A edição fim de milênio do festival promovido pela Brasil 2000 FM reuniu um time top do rock nacional. Quem chegou atrasado perdeu Penelope e Pin Ups em excelente forma. Em seguida, a apresentação adrenalínica do Nocaute deixou gosto de quero-mais e Los Hermanos empolgaram, mostrando que tem muito mais do que "Anna Julia". Com o Capital Inicial atrasado (o guitarrista Loro perdeu o avião), subiu ao palco uma atração improvisada. Russo, menestrel de botecos do Bexiga (bairro boêmio de São Paulo), que saiu consagrado após tocar covers de Led Zeppelin e Janis Joplin. Em seguida, o Junk, ressuscitou o romantismo dos power-trios com personalidade e mais covers (Beatles e Clash).

Quando o Capital finalmente surgiu, o público, histérico, cantou junto hits como "Veraneio Vascaína". Depois, o Toyshop mostrou seu pop *bubblegum* tão bem-intencionado quanto atrofiado, e o Ultraje A Rigor fez bonito, tocando até Sabbath e Ramones. Pena que, enquanto isso, o Skuba apresentasse seu ótimo ska para muito poucos, bem menos do que os que acompanharam o modorrento reggae-cabeça dos ex-Nativus.

"Se sair ruim, vocês desculpem, porque tô muito chapado!", avisou Clemente, anunciando o show dos Inocentes, já madrugada adentro. E ainda houve Ira!, que se segurou nos sucessos pra chacoalhar a galera pela última vez na noite. Rumbora e Ostheobaldo pegaram um público cansado demais...

Carlos Eduardo Oliveira

Você tem cocar e paciência para festivais?

Teste seus conhecimentos sobre megaeventos e **programas indígenas** que marcaram a história do rock...

1 **Quanto faturaram os promotores do primeiro Woodstock, em 1969? E por quê?**
a) US$ 7 milhões. Os cachês comeram uma boa parte do orçamento, mas só de maconha vendeu-se uma Jamaica.
b) US$ 70 milhões. Jimi Hendrix, alucinado, assinou um papelote cedendo os direitos de comercialização de seu show.
c) US$ 450 milhões. Mas gastaram um terço para limpar tudo.
d) Nada. Apareceu tanto hippie por lá que foi preciso liberar a entrada.

2 **Em 1967, no Festival de Monterey, a organização, inocente, ainda tentou...**
a) Impedir a entrada de drogas alucinógenas como os Mamas & Papas.
b) Colocar o respeitável público sentadinho em cadeiras.
c) Exigir cabelo penteado e sovaco cheiroso na entrada.
d) Dissuadir Grace Slick, do Jefferson Airplane, a não abrir a porta dos fundos da percepção para qualquer um.

3 **Realizado simultaneamente em Londres e na Filadélfia, em 1985, o Live Aid, em benefício das vítimas da fome na África, reuniu dezenas de astros. Mas Phil Collins achou um jeito de aparecer mais...**
a) Se apresentou em Londres, pegou um avião e se mandou para Filadélfia a tempo de tocar lá também.
b) Conclamou o público a "dar uma banana" para as criancinhas africanas.
c) Mandou uma mensagem às crianças africanas: "Papai Noel não dá presente para criança que não come".
d) Se apresentou em Londres, tomou uma barca e se mandou para Niterói a tempo de tocar umazinha e liberar o Mandela na Baia de Guanabara.

4 **O Lollapalooza, eclético festival itinerante criado por Perry Farrell, chegou a escalar, em uma de suas edições:**
a) Sepultura, Pavement e Elvis Costello.
b) Nirvana, Hole e Foo Fighters.
c) Ministry, Jesus & Mary Chain e Red Hot Chili Peppers.
d) Ice Cube, Ice-T e Vanilla Ice.

5 **Em 1998, dez anos após uma histórica turnê mundial em prol da Anistia Internacional, a organização promoveu um grande show em Paris. O que não mudou de lá para cá?**
a) O PC do B continua a achar que a meca dos direitos humanos é a Albânia.
b) Sting e o cacique Raoni continuam compadres.
c) A noite continua a abrir com vários artistas cantando "Get Up Stand Up", de Bob Marley.
d) Tracy Chapman continua a achar que é direito humano dela gravar discos.

6 **Antes de criar o OzzFest, Ozzy Osbourne foi atração principal do Monsters of Rock brasileiro de 1995. Que outro veterano cabeludo se apresentou na ocasião?**
a) Ian Gillan
b) Ronnie Dio
c) Índia Potira
d) Alice Cooper

7 **Que fato causou escândalo numa das últimas edições do Hollywood Rock?**
a) Os membros do Aswad queimaram Beck durante sua apresentação.
b) Os membros do Aerosmith cheiraram a cantora Shakira em pleno palco.
c) O membro de Edu K, do Defalla, foi apresentado no palco.
d) A cantora Whitney Houston se apresentou.

ENCONTRE SUA TRIBO...

De 1 a 3 pontos
VOVÔ CHULIPA
A única aglomeração de gente que você encara é o campeonato de biriba na pracinha do bairro – se não estiver ventando, que é para não pegar friagem.

4 a 6 pontos
POTIRA CAZÉ
Muvuca, sim, mas com estrutura. Se não rolar um banheiro decente para produzir o programa, você cancela a externa.

7 pontos
CHEROKU
Onde houver uma laminha biologicamente preparada e aquele confiável sanduba natural de salada de ovos peludos e atum do Tietê, você vai.

Resultados: 1) d; 2) b; 3) a; 4) c; 5) c; 6) d; 7) c

"King Of Pain"

Alanis Morissette: multimilionária, mas, ainda assim, rainha da dor

(Sting)

There's a little black spot on the sun today
It's the same old thing as yesterday
There's a black hat caught in a high tree top
There's a flag pole rag and
the wind won't stop

I have stood here before inside
the pouring rain
With the world turning circles running
'round my brain
I guess I'm always hoping that you'll
end this reign
But it's my destiny to be the king of pain

There's a fossil that's trapped
in a high cliff wall
(It's my soul up there)
There's a dead salmon frozen in a waterfall
(It's my soul up there)
There's a blue whale beached by a
springtide's ebb (It's my soul up there)
There's a butterfly trapped in a spider's web

I have stood here before inside
the pouring rain
With the world turning circles running
'round my brain
I guess I'm always hoping
that you'll end this reign
But it's my destiny to be the king of pain

There's a king on a throne with
his eyes torn out
There's a blind man looking
for a shadow of doubt
There's a rich man sleeping
on a golden bed
There's a skeleton choking on
a crust of bread
There's a red fox torn by a huntsman's pack
There's a black winged gull
with a broken back

There's a little black spot on the sun today
It's the same old thing as yesterday

I have stood here before in the pouring rain
With the world turning circles running
'round my brain
I guess I always hoped that you could
end this reign
But it's my destiny to be the queen of pain...
Queen of pain

I'll always be queen of pain
I'll always be queen of pain

Marcelo Ximenes

"Rei Da Dor"

Há um pequeno ponto negro no sol hoje
É a mesma coisa de sempre, como ontem
Há um chapéu preto preso
no topo de uma árvore alta
Há um trapo no mastro da bandeira
e um vento que não quer parar

Eu já estive aqui antes,
embaixo da chuva que desaba
Com o mundo dando voltas,
correndo ao redor de meu cérebro
Acho que estou sempre esperando
que você acabe com esse reino
Mas é meu destino ser o rei da dor

Há um fóssil preso na parede de um enorme
penhasco (É minha alma que está lá)
Há um salmão morto congelado numa
cachoeira (É minha alma que está lá)
Há uma baleia azul encalhada por
uma maré vazante de primavera
(É minha alma que está lá)
Há uma borboleta presa na teia de uma aranha

Eu já estive aqui antes,
embaixo da chuva que desaba
Com o mundo dando voltas,
correndo ao redor de meu cérebro
Acho que estou sempre esperando
que você acabe com esse reino
Mas é meu destino ser o rei da dor

Há um rei num trono com
os olhos arrancados
Há um homem cego procurando
por uma sombra de dúvida
Há um homem rico dormindo
numa cama dourada
Há um esqueleto engasgando
com uma casca de pão
Há uma raposa vermelha dilacerada
pela matilha de um caçador
Há uma gaivota de asas negras
com as costas quebradas

Há um pequeno ponto negro no sol hoje
É a mesma coisa de sempre, como ontem

Eu já estive aqui antes,
embaixo da chuva que desaba
Com o mundo dando voltas,
correndo ao redor de meu cérebro
Acho que estou sempre esperando
que você acabe com esse reino
Mas é meu destino ser a rainha da dor
Rainha da dor
Sempre serei a rainha da dor
Sempre serei a rainha da dor

Tristes trinados

Muitas músicas do Police já foram regravadas por outras bandas, várias vezes com resultados desastrosos. Mas Alanis Morissette saiu-se bem refazendo "King Of Pain", sucesso do álbum *Synchronicity*, de 1983 (o disco de maior êxito comercial da carreira do trio inglês, até então apenas moderadamente conhecido fora do Reino Unido). Alanis, orgulhosa sofredora assumida, optou por verter o "king" para "queen" só no final e deixou registrada uma interpretação à altura das belas e tristes imagens enumeradas na letra de Sting. A recém-lançada trilha sonora de *Dogma*, comédia de Kevin Smith (genial diretor de *O Balconista*, *Barrados no Shopping* e *Procura-se Amy*) em cartaz no Brasil, traz uma nova música da cantora canadense: "Still". Gravada nos estúdios de Abbey Road, em Londres, a faixa tem a marca dramática característica de Alanis, que, como todos estão carecas de saber, interpreta Deus no polêmico filme americano.

© EMI MUSIC LTDA - DIVISÃO (TAIPU)

Anônimos e medalhões no alto

O Barão Vermelho foi quem deu o maior salto este mês: decolou do vigésimo para o décimo terceiro lugar. Já os Raimundos conseguiram um feito inédito – emplacaram três músicas entre as 20 mais. Enquanto "Mulher De Fases" demora a morrer, "Me Lambe" estréia bem, com pinta de um próximo primeiro lugar, e "A Mais Pedida" agüenta firme entre as principais. Mesmo em plena crise de identidade (a banda ainda não escolheu um novo nome), os **ex-Nativus** se deram bem, ficando entre as cinco mais da parada deste mês.

		mês anterior
1º	"Te Encontrar De Novo" / Vinny	•
2º	"Bem Querer" / Maurício Manieri	1º
3º	"Anna Julia" / Los Hermanos	4º
4º	"O Vento" / Jota Quest	3º
5º	"O Carcará E A Rosa" / ex-Nativus	11º
6º	"Depois" / Pato Fu	8º
7º	"Hoje À Noite Não Tem Luar – Unplugged" / L. Urbana	6º
8º	"Papo De Jacaré - Live" / P.O. Box	•
9º	"Meu Erro" / Paralamas Do Sucesso c/ Zizi Possi	9º
10º	"Eu Não Vou" / Fat Family	•
11º	"A Mais Pedida" / Raimundos	5º
12º	"Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)" / O Rappa	10º
13º	"Enquanto Ela Não Chegar" / Barão Vermelho	20º
14º	"Confisco" / Charlie Brown Jr	12º
15º	"Sonho Lindo" / Paulo Ricardo	3º
16º	"Aluga-se" / Titãs	15º
17º	"Te Levar" / Charlie Brown Jr.	13º
18º	"Me Lambe" / Raimundos	•
19º	"Que País É Este – Unplugged" / Paralamas Do Sucesso	16º
20º	"Mulher De Fases" / Raimundos	17º

Depois de vender 5 milhões de cópias de seu novo CD nos EUA, **Carlos Santana**, chega com tudo ao Brasil. O álbum, *Supernatural*, está concorrendo em dez categorias do prêmio Grammy, que acontece este mês em Los Angeles. Entre as estréias da parada de janeiro, só continuaram no pódio Alanis Morissette, Guns N' Roses e Live. As outras, pelo jeito, eram fogo de palha. E vale dar as boas-vindas a "El Arbi", do argelino Khaled. É uma irresistível novidade no monopólio anglo-saxão da parada internacional.

		mês anterior
1º	"Against All Odds (Take A Look At Me Now)" / M. Carey	•
2º	"Mambo Number 5" / Lou Bega	•
3º	"Genie In A Bottle" / Cristina Aguilera	•
4º	"King Of Pain"/ Alanis Morissette	15º
5º	"Smooth" / Carlos Santana com Rob Thomas	•
6º	"I Want You To Need Me" / Celine Dion	•
7º	"Then The Morning Comes"/ Smash Mouth	1º
8º	"El Arbi" / Khaled	•
9º	"It's Alright"/Guns N' Roses	17º
10º	"Learn To Fly"/ Foo Fighters	2º
11º	"Scar Tissue" / Red Hot Chili Peppers	7º
12º	"Last Kiss" / Pearl Jam	10º
13º	"Around The World" / Red Hot Chili Peppers	6º
14º	"If You Had My Love" / Jennifer Lopez	•
15º	"Soldier Of Love" / Pearl Jam	5º
16º	"Someday We'll Know" / New Radicals	8º
17º	"The Dolphin's Cry"/ Live	16º
18º	"Heartbreaker" / Mariah Carey com Jay-Z	•
19º	"Sun Is Shining" / A.T.B. com Bob Marley & The Wailers	•
20º	"Beautiful Stranger" / Madonna	•

Crowley

Sistema de monitoramento Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Auditoria das músicas mais ouvidas em doze rádios FM do Rio de Janeiro e doze rádios FM de São Paulo, no período de 1º a 31 de dezembro de 1999. Os dados de audiência horária de cada estação de radio são fornecidos pelo Ibope. CBAB – Crowley Broadcast Analysis do Brasil Ltda. – Proibida a reprodução sem autorização. CBAB

•estréia

Entre Leitores

Este é o espaço para fazer contato com quem aprecia o mesmo som que você, vender ou trocar fotos, discos e material sobre seus artistas favoritos, procurar músicos para a sua banda, divulgar seu fã-clube, seu fanzine...

Escreva para SHOWBIZZ: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP
e-mail: showbizz.atleitor@abril.com.br

CORRESPONDÊNCIA

Cólera e Varukers: Joane dos Santos – Rua Guilherme Bude, A 09 – Jardim Atalíba Leonel – São Paulo, SP – CEP 02324-010

David Bowie: Tânia Maria da Silva Lima – Rua Mar das Caraíbas, 95 – Vila Paulina – Diadema, SP – CEP 09971-450

Duran Duran: Ricardo Nunes Batista – Rua Natalina Biondi Balducci, 08 – Vila Galvão – Guarulhos, SP – CEP 07073-000

Engenheiros Do Hawaii: Wender Ribeiro da Silva – Rua Jaguarão, 424 – São Luiz – Contagem, MG – CEP 32070-173

Fiona Apple e Hole: Rubens Araújo – Rua Canoeiros, 126 – Santa Mônica – Belo Horizonte, MG – CEP 31530-230

Kiss e Iron Maiden: Paula Stanley Eisen – Rua Antônio de Sousa Delmundo, 349 – São Paulo, SP – CEP 03970 – 016

Oasis: Fernanda Cristina da Silva – Rua Cristiano Clemente da Silva, 264 – Jardim Thomas – São Paulo, SP – CEP 05833-000

Radiohead: Simone Dantas – Rua Quinta da Magnólia, 544 – Jardim Ipanema – São Paulo, SP – CEP 03582-100

Sex Pistols: Eduardo Keny – Rua Benjamim Capusso, 223, ap. 64 B – São Miguel Paulista – São Paulo, SP – CEP 08031-760

Os cultuados Stone Roses

Stone Roses e Pavement: Andréa Xavier – Rua Brigadeiro Tobias, 55, ap. 54 – Santa Efigênia – São Paulo, SP – CEP 01032-000

Van Halen: Fabiana Nogueira Carreira – Rua João Bragança, 203 – Brasilândia – São Paulo, SP – CEP 02759-060

Vzyadoq Moe, Cure e Pixies: Valéria de Melo Macedo – Quadra 214, Conj. J, casa 24 – Sarita Maria Vorte – Brasília, DF – CEP 72503-240

Whitesnake: Camila Fernandes – Rua Júlio Augusto Henriques, 86 – Vila Nova Cachoeirinha – São Paulo, SP – CEP 02612-040

PROCURO

Beavis & Butt-Head: Gibis da dupla e fotos, pôsteres ou reportagens do Nirvana. Karla Marlise da Silva – Rua Alberto Müller, 33 – Santa Teresinha – Brusque, SC – CEP 88350-000

Echo & The Bunnymen: Qualquer material sobre a banda, de CDs a recortes de jornal.

Eliane Alves Silva – Rua Carlos Martel, 232 – São Paulo, SP – CEP 02324-070

Pearl Jam e U2: Qualquer material das duas melhores bandas de rock do mundo. Isabela Lemos – Rua Maici, 182 – Ilha do Governador – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21920-030

Smashing Pumpkins: Material sobre a banda e também sobre Garbage e Nine Inch Nails. Compro ou troco por outras bandas. Jandira A. Silva – Rua Nova Cruz, bl. 4, ent. A, ap. 402 – Guadalupe – Rio de Janeiro, RJ – CEP 21675-370

FÃS-CLUBES

Capital Inicial: Fã-clube O Retorno – Rua Oiapoc, 617 – Votuporanga, SP – CEP 15500-000

Legião Urbana: Fã-clube Nem Tudo Está Perdido – Rua Alfredo Alves de Souza, 251 – Nazaré – Itaúna, MG – CEP 35680-400

FANZINES

Cinema, música, turismo: Zine Índio – Rua Matheus de Oliveira, 159 – Jardim 13 de Maio – João Pessoa, PB – CEP 58025-420

Rock progressivo: Metamúsica – Caixa Postal 114545 – Campos dos Goytacazes, RJ – CEP 28001-970

As regras para colocar um anúncio aqui:
O espaço é gratuito, mas sua mensagem não deve ultrapassar 40 palavras.
Não esqueça de colocar um telefone em que você possa ser encontrado durante o dia, para confirmarmos as informações, e dizer se deseja que ele seja divulgado. Sem isso seu anúncio não será publicado. SHOWBIZZ não se responsabiliza pelos anúncios.

EDITORA Abril

SHOWBIZZ

Em São Paulo:
Redação e Correspondência: Av. Nações Unidas, 7221, 4º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, [illegible] Caixa Postal 66157 CEP 05315-970 - São Paulo - SP
[illegible]

Representantes no Brasil
Rio de Janeiro: [illegible] Lapa - CEP 22071-030 [illegible]
Bahia: AGMN Consultoria de Publicidade e Representações Ltda. [illegible] Salvador - BA [illegible]
Brasília: [illegible] Brasília - DF [illegible]
Campinas: [illegible] Campinas - SP [illegible]
Ceará: AG Holanda Comunicação [illegible] Fortaleza - CE [illegible]
Minas Gerais: [illegible] Belo Horizonte - MG [illegible]
Paraná: [illegible] Curitiba - PR [illegible]
Recife: [illegible] Recife - PE [illegible]
Ribeirão Preto: [illegible] Ribeirão Preto - SP [illegible]
Rio Grande do Sul: [illegible] Porto Alegre - RS [illegible]
Santa Catarina: [illegible] Florianópolis - SC [illegible]

PUBLICAÇÕES DA EDITORA ABRIL
Interesse Geral
ALMANAQUE ABRIL • INFO EXAME
SUPERINTERESSANTE
[illegible] • SAÚDE! • VEJA
Economia e Negócios
EXAME • VOCÊ S.A.
Automobilismo e Turismo
QUATRO RODAS • GUIA QUATRO RODAS
VIAGEM E TURISMO • TERRA
Esportes
PLACAR
Masculinas
PLAYBOY • VIP EXAME
Femininas
[illegible] • NOVA • NOVA BELEZA
[illegible] • FACA E VENDA
CAPRICHO • BOA FORMA • ANA MARIA
HORÓSCOPO • CARÍCIA • VIVA! MAIS
Decoração e Arquitetura
CASA CLAUDIA • ARQUITETURA & CONSTRUÇÃO
[illegible] • BONS FLUIDOS EM CASA
Entretenimento
[illegible]

Revista Showbizz, Edição 175, Fevereiro de 2000 [illegible]

Central de Atendimento ao Assinante
[illegible]

ANER IVC

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.

Doideiras de macho

Monolito do blues rock rústico

Ficha técnica

Ano de lançamento: 1973
Produção: Bill Ham
Músicas: "Waitin' For The Bus" "Jesus Just Left Chicago" • "Beer Drinkers & Hell Raisers" • "Master Of Sparks" – "Hot, Blues And Righteous" "Move Me On Down The Line" "Precious And Grace" • "La Grange" "Shiek" • "Have You Heard?"

Este foi o álbum mais bem-sucedido do ZZ Top, permanecendo no oitavo posto da parada americana durante 24 semanas. O curioso é que o trabalho ultrapassou discos como *Eliminator* (1983) e *Afterburner* (1985), que projetaram o trio via MTV. O ZZ Top foi a única banda que tentou deliberadamente ir para o espaço. Na década de 80, eles contactaram a Nasa para obter um passe para viajar em um vôo de alguma espaçonave, para ser a primeira banda de rock a tocar na estratosfera.

Tres Hombres

ZZ Top

Cruzando influências diversas – blues, rock básico, psicodelia –, o ZZ Top (Billy F. Gibbons nos vocais e guitarra, Joe "Dusty" Hill no baixo e Frank Beard na bateria) gravou seus dois primeiros trabalhos em 1970 e 1972. Mas o trio iria encontrar o apogeu no álbum seguinte, *Tres Hombres* (1973).

Gravado em Memphis, Tennessee, o disco tem uma sonoridade única, rústica por excelência. Produzido por Bill Ham, o álbum esbanjava energia desde o frenético boogie rock da faixa de abertura ("Waitin' For The Bus") até o encerramento ("Have You Heard?", uma perfeita escola de blues). Entre elas, climas diversos como a sensacional balada "Hot, Blues And Righteous", "Jesus Just Left Chicago" (quando o filho de Deus, incomodado pela cidade, vai parar em Nova Orleans), "Move Me On Down The Line" (algo como se os Sex Pistols tivessem nascido no Texas) e "Shiek" (com suas impressionantes evoluções de guitarra).

Mas o trunfo maior estava em "La Grange", um boogie rock clássico, acusado de ter "chupado" os riffs de "Fried Hockey Boogie", do Canned Heat (o grupo chegou a processar o ZZ Top), e de "Shake Your Hips", dos Stones. Mero bate-boca, pois todas essas versões foram derivadas de uma frase de guitarra criada pelo bluesman Slim Harpo. A canção relatava as tretas que rolavam em um puteiro texano (que Billy freqüentava quando era só um ilustre desconhecido). O lugar, na verdade, se chamava Gracie's Chicken Farm e depois foi tema do filme *A Melhor Casa Suspeita do Texas*, estrelado por Burt Reynolds e Dolly Parton.

O que importa é que o disco lançou o trio para o superestrelato, com megashows – onde os caras botavam em cena búfalos, cobras e abutres típicos da fauna texana (por causa disso, foram alvo das sociedades protetoras de animais, apesar de comprovar que os bichos eram bem tratados). Eles se mantiveram no auge com uma mudança radical nos anos 80, incorporando sintetizadores e ritmos eletrônicos ao seu som tradicional. Os vídeos da época, com garotas peitudas e carangos envenenados, apresentaram o ZZ Top à geração MTV. Como se vê, os velhinhos não têm nada de bobos. E se você for fã do trio apenas por clipes, como "Gimme All Your Lovin'", "Sharp Dressed Man" ou "Rough Boy", tente encontrar esse álbum e ouça com atenção. Vale a viagem.

Celso Pucci

"É o disco que melhor representa a primeira fase do trio, com aquela estética de boogie texano, levado só por guitarra, baixo e bateria."
Marcelo Nova

Chris Bernadsky

Afogue a monotonia!

Água, muita água
A edição especial do Família Aventura deste mês, mostra a melhor solução para refrescar suas férias neste verão! Explore rios, corredeiras e cachoeiras em 10 regiões inéditas pelo Brasil. Não fique fora desta aventura.

Já nas bancas!

EDITORA PEIXES

501®

Original jeans. Original people.

www.levi.com - Ligue Levi's: (0XX11) 3066-3663

LEVI'S®